

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

QUEM TE ENSINOU A FAZER RENDA?
A CULTURA DOS MORROS DA MARIANA-PI COMO
INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO PELA RENDA DE BILROS

Ana Cláudia Pires Fontenele de Meneses

Ana Cláudia Pires Fontenele de Meneses

QUEM TE ENSINOU A FAZER RENDA?
A CULTURA DOS MORROS DA MARIANA-PI COMO INFLUÊNCIA NA
EDUCAÇÃO PELA RENDA DE BILROS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.

Fortaleza, março de 2009

Título: Quem te Ensinou a Fazer Renda?
A cultura dos morros da Mariana-PI como
influência na educação pela renda de
bilros

Autora: Ana Cláudia Pires Fontenele de Meneses

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Conceito obtido: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues (Orientador)

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

Prof. Dr. Antônio Germano Magalhães Junior

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as horas de dedicação para tecer a trama deste trabalho. Muitas foram as dúvidas, muitos os avanços e retrocessos. Certamente a jornada não teria acabado não fosse o suporte de amigos e familiares preciosos, de quem sou eterna devedora. A estas pessoas, meu distinto agradecimento:

Ao Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues, meu orientador, que acolheu a idéia de meu projeto de pesquisa e aceitou percorrer comigo os caminhos nem sempre lineares deste trabalho.

Ao meu companheiro amado, Marcondes, com quem entrelaço, dia-a-dia, um tecido de fios coloridos que denominamos família.

Aos meus filhos, Natália e Vítor,
que me ensinam todos os dias o valor da vida.

Aos meus pais, Domingos e Socorro, de quem sou herdeira do amor e de valores que sustentam meu caminhar.

Ao meu irmão, Ricardo, um presente que a vida me deu.

À minha cunhada Louisianne, irmã do coração.

Às queridas amigas: Vevé, Amanda e Mariana, apoio incondicional. Á Bernadete Porto, que, com experiência e lucidez, sempre esteve disposta a ajudar. À Paulinha, amiga de sempre, o sopro decisivo de energia.

À FUNCAP, pelo suporte financeiro.

Às minhas depoentes dos Morros da Mariana, sempre generosas em doar memórias, tempo, sentimentos.

Às minhas ancestrais e às minhas descendentes,
em especial à minha avó Nequinha,
que agora trama rendas em meio às nuvens,
dedico este trabalho.

RESUMO

Nesta pesquisa etnográfica, observou-se a cultura da localidade de Morros da Mariana – PI, localidade do Município de Ilha Grande do Piauí, no Delta do Parnaíba, sob a perspectiva da renda de bilro, e de sua transmissão pela tradição oral. Olhando para o objeto sob o prisma da Educação, procurou-se compreender como a cultura local e suas influências agem sobre o ensino-aprendizagem não formal e informal do ofício no local. Procurou-se descrever as alterações desta atividade que ora soma aulas de renda de bilros à tradição de ensino, na qual as crianças aprendem em casa, pelas mãos de parentas, dentro do cotidiano doméstico. No primeiro capítulo – Enredo - foi feito um levantamento histórico no sentido de compreender como ocorreram a formação e o povoamento da Ilha Grande. Em seguida, se fez breve pincelada na história da educação no Piauí, com o intuito de entender os caminhos da educação em Ilha Grande do Piauí. No capítulo segundo – Ambiente, primeiramente observou-se o Município nos dias de hoje, sob o contexto socioeconômico. Posteriormente, a cultura local foi descrita tendo como principais categorias: a alimentação, o cotidiano, o trabalho, os casamentos, os rituais de nascimento, o parto, a infância, hábitos de lazer e festas tradicionais e os rituais de morte. No capítulo seguinte – Renda de bilros – se fez um apanhado sobre a renda de bilros enfocando assuntos como: história, arte/artesanato, qualidade, comercialização e novos usos do objeto. Após, em De mulheres rendeiras a professoras de renda - a vida de duas professoras foi narrada. A seguir, o ensino não formal recebe destaque como um método para o ensino da renda. Por fim, abordando o ensino informal, foram registrados e comentados depoimentos de aprendizes e mestras do ensino tradicional que recebem lições de renda na educação que se faz no cotidiano.

Palavras chave: renda de bilro, artesanato, história, oralidade, cultura, educação não formal, educação informal, arte.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche ethnographique, s'est observée la culture de la localité de *Morros da Mariana - PI*, localité de la Ville de *Ilha Grande do Piauí*, dans le Delta du Parnaíba, sous la perspective de la dentelle aux fouseaux, et de sa transmission par la tradition verbale. En regardant pour l'objet sous le prisme de l'Éducation, il s'est cherché à comprendre comme la culture locale et leurs influences agissent sur enseignement - apprentissage non formel et informel du métier dans le lieu. Il s'est cherché à décrire les modifications de cette activité qui néanmoins ajoute des leçons de la dentelle aux fouseaux à la tradition d'enseignement, dans lequel les enfants apprennent à la maison, par les mains de parentas, à l'intérieur du quotidien domestique. Au premier chapitre - Trame - a été faite une enquête historique dans le but de comprendre comme se sont produits la formation et le peuplement de la *Ilha Grande*. Ensuite, s'il a fait bref coup de pinceau dans l'histoire de l'éducation dans le Piauí, avec l'intention de comprendre les chemins de l'éducation dans *Ilha Grande do Piauí*. Au chapitre en second - Ambiant, s'est premièrement observée la Ville de nos jours, sous le contexte socioeconômico. Ultérieurement, la culture locale a été décrite en ayant comme de principales catégories : l'alimentation, le quotidien, le travail, les mariages, les cérémonials de naissance, l'accouchement, l'enfance, habitudes de loisir et fêtes traditionnelles et les cérémonials de décès. Au chapitre suivant - de la dentelle aux fouseaux - s'est fait un résumé sur le de la dentelle aux fouseaux en se focalisant sujets comme : histoire, art/artisanat, qualité, commercialisation et nouvelles utilisations de l'objet. Après, dans de femmes des locataires à des enseignantes de revenu - la vie de deux enseignantes a été dite. À suivre, l'enseignement non formel reçoit proéminence comme une méthode pour l'enseignement de la dentelle. Finalement, en abordant l'enseignement informel ils, ont été enregistrés et commentés des dépôts d'apprentis et de maîtres de l'enseignement traditionnel qui reçoivent leçons de de la dentelle dans l'éducation qui se fait dans le quotidien.

Mots clé: dentelle aux fouseaux, artisanat, histoire, oralité, culture, éducation non formelle, éducation informelle, art.

LISTA DE IMAGENS

1	- Imagem de satélite de Ilha Grande.....	28
2	- Vista de casarões.....	43
3	- Rua de dona Deuzuite.....	47
4	- Vista aérea da Ponte Simplício Dias.....	59
5	- Boas-vindas.....	59
6	- Sinalização confusa na estrada.....	60
7	- Indicação da Casa das Rendeiras.....	60
8	- Chegada à Ilha Grande do Piauí.....	61
9	- Vista da igreja da cidade.....	61
10	- Detalhe do Porto dos Tatus.....	62
11	- Vista na entrada da Cidade.....	62
12	- Vista do Morro Branco.....	63
13	- Morro Branco em outro ângulo.....	63
14	- Vista aérea.....	64
15	- Detalhe da imagem.....	65
16	- Crianças banham-se no Igarapé ao por-do-sol.....	66
17	- Parte da produção de Cida em sua cozinha.....	70
18	- Matheus mostrando o "jequi".....	81
19	- D. Maria da Graça com os netos.....	89
20	- Enedina em frente à casa de sua mãe.....	90
21	- Bilros.....	129
22	- Segundo ponto - meio trocado.....	145
23	- Três pontos básicos para a confecção de uma blusa.....	146
24	- Detalhe de pala com ponto vira-mundo.....	147
25	- Panos de bandeja com aplicação – detalhe.....	148
26	- Exemplo de entremeio.....	148
27	- Bico.....	149
28	- Detalhe de blusa com novo fio.....	149
29	- Confecção de colar em renda.....	150
30	- Almofada apoiada sobre a grade.....	151
31	- Almofada com os bilros.....	152
32	- Biquini de renda.....	154
33	- Aplicação.....	160
34	- Renda olho-de-pombo.....	161
35	- Aplicação em forma de flor - Camélia.....	162
36	- Imagem de santa em renda.....	163
37	- Fachada da Associação.....	164
38	- Visão parcial da sala com torso em primeiro plano.....	165
39	- Alunas aprendendo os primeiros pontos.....	167
40	- Sala da Associação durante a aula.....	168

41 - Primeiro ponto – espinhaço-de-urubu.....	171
---	-----

SUMÁRIO

Cap. 1	INTRODUÇÃO	
1.	Como os Morros da Mariana fizeram presença em meu caminho.....	10
2.	METODOLOGIA: ou de como costurei a trajetória desta investigação.....	16
Cap. 2	- ENREDO.....	26
1.	A FORMAÇÃO DA ILHA GRANDE: o que a história conta.....	26
2.	CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO NO PIAUÍ.....	52
Cap. 3	- AMBIENTE.....	58
1.	OS MORROS DA MARIANA HOJE: contexto sócioeconômico.....	58
2.	CULTURA.....	65
	2.1 HÁBITOS ALIMENTARES.....	66
	2.2 COTIDIANO.....	74
	2.3 TRABALHO.....	78
	2.4 CASAMENTO.....	82
	2.5 RITUAIS DE NASCIMENTO.....	91
	2.6 PARTO.....	92
	2.7 INFÂNCIA	104
	2.8 EDUCAÇÃO FORMAL.....	112
	2.9 LAZER.....	116
	2.10 FESTAS.....	119
	2.11 ÊXODO.....	122
	2.12 RITUAIS DE MORTE.....	124
Cap. 4	- RENDA DE BILROS.....	127
1.	HISTÓRIA, ARTE/ARTESANATO, QUALIDADE, COMERCIALIZAÇÃO, NOVOS USOS.....	127
Cap. 5	- DE MULHERES RENDEIRAS A PROFESSORAS DE RENDA: processo de ensino.....	137
1.	PROFESSORAS DE RENDA.....	141
	1.1 História de Socorro.....	141
	1.2 História de Edinalva.....	155

2. ENSINO NÃO FORMAL: método para o ensino da renda.....	164
3. ENSINO INFORMAL: lições de renda no cotidiano.....	172
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	194

CAP. 1 - INTRODUÇÃO:

1. Como os Morros da Mariana fizeram presença em meu caminho

O Percurso da criação mostra-se como um emaranhado de ações que, em um olhar do tempo, deixam transparecer repetições significativas. É a partir dessas aparentes redundâncias que se podem estabelecer generalizações sobre o fazer criativo, a caminho de uma teorização.¹

Nasci em Fortaleza, no ano de 1970. Casei cedo, aos 19 anos, e aos 23 já tinha dois filhos. Por este motivo, minha formação acadêmica se iniciou um pouco tarde, aos 26 anos. Em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, completei, na Universidade Federal de Santa Maria, o Curso de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas. Em dezembro de 2001, de volta a Fortaleza, entrei na primeira turma do Curso Superior de Artes Plásticas no Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará.

Minha relação com a arte, entretanto, começara ainda no final da década de 1970, quando, aos sete anos, observava atentamente uma rendeira trocando os bilros e fazendo desenhos com fios. A rendeira era minha avó paterna, que trouxera consigo esta herança de sua mãe. Desde aqueles dias de férias, muitos anos se passaram até que a renda de bilros se tornasse meu objeto de pesquisa. O interesse por pesquisar a renda de bilros surgiu, então, por uma necessidade de reaver um pouco da história da renda em minha família e minhas memórias de infância.

Morros da Mariana, no norte do Piauí, se parece com inúmeros outros lugarejos do Nordeste do Brasil. Possui clima quente, uma população de pouco menos de 8.000 habitantes, uma rotina pacata de cidade pequena. Não obstante essas características comuns o Município

¹ SALLES, 1998, p. 21

despertou a curiosidade acerca da vida dos seus habitantes, na busca de compreender hábitos e costumes locais. Justifica-se este interesse com base em aspectos encontrados no local que o fazem, embora mais um dos inúmeros locais do gênero no Nordeste, singular.

O artesanato local é famoso por suas rendas, feitas com apuro técnico. A produção artesanal da renda de bilros por lá é conhecida em muitos estados brasileiros e suas rendeiras chegam a exportar objetos feitos por elas para países da Europa. A mulher rendeira faz parte do imaginário popular nordestino e se constitui como tal com suporte de conhecimentos técnicos tradicionais que atravessaram a história de muitas gerações. Existe um modo peculiar de ensino do ofício de rendeira perpetuado por meio da tradição oral, que é semelhante ao encontrado nas antigas corporações de ofício, transmitido de mãe para filha. Esta realidade é encontrada nos Morros da Mariana ainda hoje.

Por outro lado, outra forma de ensino de renda convive nos últimos anos com a tradicional em cursos ministrados por algumas rendeiras num espaço social que é a Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana. Aliada à variação no ensino do ofício de rendeira, surgem modificações nos padrões da renda produzida nos Morros da Mariana que parecem advir justamente das necessidades de mudanças operadas pelo sistema social em que as rendeiras estão inseridas, quiçá para atender a uma necessidade de um mercado sedento por novidades. Há, por exemplo, uma crescente valorização da “moda brasileira”, onde costureiros renomeados no país alcançam fatias de mercado interno e/ou externo, valendo-se da utilização de trabalhos artesanais em suas criações. Estilistas como Walter Rodrigues² e Otávio Meneses³ utilizaram-se das rendas piauienses, reunindo aos seus produtos um “valor” que parece acompanhar os objetos advindos de culturas tidas como

² Estilista de São Paulo que se utilizou das rendas dos Morros da Mariana em uma de suas coleções para a São Paulo *Fashion Week* - 2001. Walter Rodrigues é responsável por algumas alterações nos produtos locais.

³ Estilista piauiense que também lançou mão das peças de renda dos Morros da Mariana para valorizar suas criações no evento de moda denominado *Cara Piauí: moda + artesanato*, realizado na Cidade de Teresina -PI, no ano de 2001.

“populares”. Isto pode imprimir “personalidade” a tais objetos, em virtude de uma possível proximidade com a cultura de um determinado lugar.

Com nuances acrescidas ou como sempre fora feita, a renda dos Morros da Mariana conserva um apuro que pouco se vê atualmente. As mudanças ocorridas no padrão de ensino tradicional e a convivência destes dois modos de transmissão de conhecimentos suscitam questionamentos, entre outros aspectos, pelo fato de muitas jovens se interessarem por aprender a técnica neste local, com o surgimento de cursos para tal, enquanto esta tradição parece estar escasseando em muitas outras comunidades onde a renda era atividade comum entre as mulheres. Segundo rendeiras do Iguape e da Prainha⁴, comunidades do Ceará onde existem ainda polos de confecção de rendas de bilros, suas filhas e netas já se interessam pouco pela atividade, alegando o parco retorno financeiro obtido.

Ao contrário, o interesse crescente nos Morros da Mariana possivelmente se dê em razão da visibilidade que as rendeiras tiveram na mídia nacional, em função das modificações introduzidas por *designers* e estilistas que tiveram contato com as rendeiras. Esta visibilidade provavelmente fez aumentar também a demanda por objetos feitos de renda na comunidade, o que pode vir a ser uma ocupação que garanta certo rendimento às jovens, como profissão ou mesmo fonte de complementação do orçamento doméstico.

A história do Município, portanto, parece estar ligada a este artesanato desde sua formação, segundo informam os moradores, com a primeira moradora, Dona Mariana, que parece ter sido rendeira; ou seja, a renda está profundamente imbricada na vida regional. Ela é fonte de complemento orçamentário, de distração, elo entre mulheres, dentre outros aspectos que marcam a história do Nordeste e dos Morros da Mariana em particular.

Entendo que a mulher rendeira faz parte do imaginário popular nordestino, e se constitui como tal, com apoio em conhecimentos técnicos

⁴ Locais visitados com fins de comparação entre comunidades produtoras de renda.

tradicionais que atravessaram a história de muitas gerações de mulheres. Será que conservam ainda aqueles conhecimentos? Ainda os repassam para as novas gerações? Esse repasse tem relevância social? Nele se regulam a continuação e a alteridade desses conhecimentos?

Procuro entender se este aprendizado feito - fora das residências das rendeiras, na Associação, que é frequentada por meninas, adolescentes e senhoras de gerações diferentes - pode modificar a tradição de ensino, uma vez que a figura da mãe, avó ou qualquer outra parenta, pode ser substituída pela figura da professora de renda. Desta forma, pretendo investigar de que modo as práticas educativas encontradas na transmissão das técnicas da produção de renda de bilros e do ofício de rendeira entre estas mulheres pode modificar a tradição de ensino de renda, dentro das famílias, passado de mãe para filha.

A escolha do tema, igualmente, está marcada pela minha curiosidade na qualidade de artista-pesquisadora, bem como pelo envolvimento pessoal que entrelaça minha história com a daquelas mulheres. Como artista plástica, as formas da renda daquele local, em especial, me causam estranhamento e atraem o olhar para outras formas de investigação que fogem da esfera das imagens apenas. É dessa forma que surge a curiosidade de compreender a dinâmica da sociedade na qual o belo objeto é produzido. É também sob este aspecto que o cotidiano dos Morros da Mariana interessa como objeto de pesquisa.

A proximidade com o mar faz desse local morada de famílias de pescadores que têm em sua maioria como matriarcas as rendeiras. Estes dois tipos de agentes têm aqui papéis que se entrelaçam com histórias de vidas paralelas, a produção da rede de pesca muitas vezes também ficando a cargo das mulheres rendeiras. O pescador, por sua vez, também faz parte das figuras de destaque na constituição dessa sociedade.

Outro aspecto que concorre para a escolha do Município nesta pesquisa é a escassez de estudos sobre o local, bem como documentos com registros dos costumes locais, tendo como pano de fundo as

rendeiras⁵. Deste ponto de vista, destaco o interesse em pesquisar sobre a cultura de uma comunidade onde a família, os costumes, as formas de lazer, as atividades econômicas, a maneira de se relacionar socialmente e o modo de trabalho talvez conservem aspectos tradicionais, diferentemente das sociedades urbanas das grandes cidades. Nesse sentido, relembro o exemplo de Carlo Ginsburg, quando da opção por estudar a vida de e as idéias de um moleiro em O queijo e os vermes (2006).

Estes aspectos estão presentes no dia-a-dia das pessoas e fazem parte do que se denomina cultura de um local, que são os seus valores e relações sociais, aspectos estes que estão na base das motivações para a produção da presente pesquisa.

Destaco, ainda, o vínculo entre a educação e a subjetividade, que está em cada trecho desta pesquisa, como parte integrante das motivações que me movem a elucidar algumas dúvidas sobre esta manifestação humana. Expondo tais entrelaçamentos, espero contribuir nas discussões educativas que associam os artistas, os artesãos e seus afazeres.

Como artista-pesquisadora, as imagens da renda nunca deixam de me causar espanto e curiosidade. A tessitura da trama da renda também: meu objeto de estudo se assemelha a um emaranhado de fios que desejo desenredar. Há algumas coisas que necessito compreender: a cultura dos Morros da Mariana, a forma de ensino de renda na Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana, o processo educativo que isto envolve e os entrelaçamentos das vidas das rendeiras com seu ofício, bem como os vínculos que se formam entre elas. Desse meio, parte minha pesquisa como fonte de questionamentos, como anotam Brites e Tessler, “do meio de uma prática, do meio de uma vida, de um saber, de uma ignorância”. (2002, p. 18).

Pesquisar esta tradição que vem de além-mar, é, de certa forma, também registrar este trabalho, procurando, mediante o entendimento

⁵ A exceção é o documento produzido pelo SEBRAE, que trata superficialmente o assunto.

deste processo, inferir acerca de suas possíveis contribuições para a formação de uma memória cultural local.

Também é observável o fato de não ter encontrado quaisquer documentos com registros da história das rendeiras, assim como registros sobre a cultura local⁶. Uma vez que a história deste labor se confunde com a história mesmo da cidade, é possível que registros de pesquisas acerca deste tema tenham valor para a população.

Partindo destas reflexões, na metodologia, procurei esclarecer o processo de pesquisa, expondo as ferramentas de que me utilizei para constituir o tecido desta pesquisa. No capítulo *Enredo - A formação da Ilha Grande: o que a história conta*, procurei dados históricos, geográficos, educacionais e memorialísticos na busca de entender como se formou Ilha Grande e o povo daquele lugar. Em *Ambiente* inicialmente investiguei o contexto socioeconômico da Cidade, sob o enunciado – *Os Morros da Mariana hoje: contexto socioeconômico*, para num segundo momento observar a Cultura local, tendo como informantes as mulheres rendeiras entrevistadas. Esta é a parte em que a etnografia surge mais intensamente tendo como principal fonte as memórias de minhas informantes. As falas contemplaram hábitos alimentares, o cotidiano, o trabalho, o casamento, rituais de nascimento e de morte, o parto, a infância, a educação formal e informal, as festas e o êxodo. Abordei a *posterioiri*, a renda de bilros levando em consideração aspectos como História, arte/artesanato, qualidade, comercialização e novos usos do produto. Finalmente, no capítulo – *De mulheres rendeiras a professoras de renda*, esmiucei o processo de ensino do ofício tanto do ponto de vista tradicional, como o que acontece nos cursos de renda.

Embora já tenha obtido algumas respostas, percebo que ainda há muito a questionar, a investigar sobre meu objeto.

⁶ A exceção é o documento produzido pelo SEBRAE, que trata superficialmente sobre as rendeiras. Vide nota de número 4.

2. METODOLOGIA: ou de como costurei a trajetória desta investigação

De uma maneira geral, poder-se-ia dizer que o movimento criativo é a convivência de mundos possíveis. O artista vai levantando hipóteses e testando-as, permanentemente. Como consequência, há, em muitos momentos, diferentes possibilidades de obra habitando o mesmo teto. [...] A obra está sempre em estado de provável mutação, assim como há possíveis obras nas metamorfoses que os documentos preservam.⁷

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo do tipo etnográfico, onde a cultura de Morros da Mariana, sede do Município de Ilha Grande do Piauí, é compreendida mediante a observação das técnicas de ensino de renda. Isto ocorre considerando a história das mulheres que repassam este conhecimento como parte da história do Município e da tradição de tramar linhas. Desse modo, a utilização da história que contam de suas vidas para refletir acerca das duas rendeiras que se tornaram professoras de renda, atrizes da educação não formal, e da continuidade da transmissão no modo informal de educação, feita no cotidiano, foi fundamental no percurso deste estudo.

Parece-me importante explicar o caminho que tomei durante a pesquisa, e que me permitiu a aproximação da riqueza humana, artística e social do universo da cultura em Morros da Mariana, do ponto de vista das mulheres rendeiras. Busquei visualizar o particular dentro do universal sem, no entanto, perder de vista a especificidade do particular.

O objetivo é então de compreender a cultura local como uma produção da realidade humana, dando conta da sua pluralidade, buscando uma visão global, sem perder de vista o social e o humano. Utilizando um método que tem uma visão de conjunto, isto é, que leve em conta cultura como portadora de uma realidade social com seus múltiplos aspectos.

⁷ Entendo o pesquisador como um artista na tessitura de seu trabalho. Vejo, assim, relação com o pensamento de Salles em seu "Gesto inacabado" (1998, p. 25), onde ela trata do processo de criação artística.

Esta atitude pode permitir ter uma compreensão mais fina, mais sensível, mais larga dos fatos sociais. Para explicar esse caminho, exponho algumas reflexões sobre o método compreensivo.

A metodologia compreensiva é um modo de conhecimento que busca dar conta da existência social na sua totalidade; que reconhece que os agentes têm, eles mesmos, uma atividade interpretativa e compreensiva, da qual eles próprios podem dar conta. Dessa forma, visa menos a desvendar “o sentido real” de suas condutas do que compreender como os agentes entendem a realidade social. Seguindo esse princípio, procurei a compreensão do significado do saber-fazer da renda e das relações estabelecidas dentro de seu universo, no que diz respeito aos indivíduos implicados na educação pela renda de bilros.

A expressão Sociologia Compreensiva vem de Max Weber que, no seu *Essai sur quelques catégories de la sociologie compréhensive* (1913), procurou defini-lo e também circunscrever o seu domínio. O conceito escolhido para esta pesquisa propõe separar as ciências humanas da metafísica para fundá-las na história, mas recusando o positivismo científico. Ele vai opor ao método explicativo das ciências naturais, com o método compreensivo das ciências do homem, que seria capaz de captar o significado da experiência vivida na sua particularidade. Ele afirma que “para as ciências morais que estudam a vida mental, a sociedade e a história, o que ele chama de o vivido em conjunto, constitui uma totalidade fundamental, enquanto que nas ciências naturais, os objetos ‘se apresentam à consciência como fenômenos dados isoladamente e visto do exterior.’” (NOSCHIS, Kaj et CAPRONA, 1987, p.240).

Ele sugere, então, para as ciências sociais, a via da “compreensão” onde ele aponta principalmente essa função à Psicologia.

Para Dilthey, filósofo alemão (1833-1911), o pesquisador encontra uma porta de entrada para o mundo interior dos outros quando ele o reconstitui de forma imaginária, revivendo-o. Isso vai permitir ao pesquisador uma compreensão, mediante a empatia, do ator ou dos fatos

que ele estuda. A proximidade com o sujeito, com a sua vivência, vai estar no centro das suas preocupações.

Como diz o sociólogo Patrick Watier, “tomando os conjuntos sociais como portadores de sentido, as ciências humanas correm menos risco de estabelecer cortes irremediáveis entre discursos intelectuais sobre o mundo e discurso social, mas buscam estabelecer as significações múltiplas de um mundo comum e dividido. Nesse sentido, o olhar primeiro não é crítico, mas sim compreensivo.” (1986, p. 66).

Dessa forma, o papel do pesquisador consiste em proceder em uma descrição do objeto, do evento, da situação vivida e observada. Não se trata mais de se ter uma visão crítica em face do seu objeto, mas sim uma atitude descritiva. Como diz Maffesoli (1985), não se trata mais de demonstrar, mas sim de mostrar.

A subjetividade será o trampolim que permitirá ter uma visão mais completa da existência na sociedade. Aceitado enquanto tal, o subjetivo pode ser uma passagem para se captar a alteridade ou a comunicação que, hoje em dia, tem um lugar de destaque.

Antes, porém de ser um método das ciências sociais, a compreensão é um modo de pensamento em que os indivíduos tomam consciência da realidade social. E essa consciência do mundo se concebe na alteridade, na relação com o outro, uma experiência coletiva.

O método compreensivo reconhece a existência de uma pluralidade das práticas cognitivas. Ele tem uma atitude relativista, onde admite a heterogeneidade dos mundos sociais. Michel Maffesoli aponta a importância de uma visão pluralista no método sociológico, quando assinala que:

O relativismo é no fundo, a matriz comum do empirismo e da fenomenologia (e que) o conhecimento através da experiência [...] vai encontrar no relativismo ou no pluralismo, sua condição de possibilidade teórica”. (1985, p. 212).

A Sociologia Compreensiva procura saber até que ponto as diversas inscrições individuais influenciam o sentido dado à realidade social, de que maneira elas informam sobre as experiências vividas. E,

sobretudo, se destaca dos métodos puramente explicativos, que buscam apenas as estruturas sociais, as instituições e outras limitações coletivas, uma vez que considera as determinações como não totais e que os indivíduos possuem certa autonomia.

Simmel (IN: WATIER, 1986) pode orientar a razão da escolha do meu objeto de estudo, quando diz que essa escolha está fortemente condicionada pelos nossos afetos. Ele dá ao método sociológico um sentido artístico: *aisthesis* como sendo um mecanismo de convivência. Segundo esse autor, no método do pesquisador, a empatia é um ingrediente importante capaz de nos mostrar as motivações dos agentes. Foi dessa perspectiva, que mostra que paixão e compromisso podem constituir ações compatíveis com o saber científico, que elaborei essa pesquisa sobre a cultura da renda de bilros.

As histórias de vida de seus agentes estando diretamente ligadas à cultura de Morros da Mariana, me ajudaram muito a compreender o lugar e o papel da renda na cultura da comunidade.

A idéia foi utilizar uma metodologia que vê no pesquisador um híbrido de artista e de cientista, um método mais compreensivo que explicativo. Essa escolha ocorreu em virtude da preocupação de utilizar uma metodologia que esteja em sintonia com a pós-Modernidade e com a sociabilidade contemporânea, isto é, aplicar um método que se adapte à sua época e ao seu objeto de análise.

Em história, a palavra moderno carrega o sentido de mudança nas estruturas sociais ocidentais. Um rompimento com o que viera antes, no caso, a Idade Média, afirmando a razão: "A modernidade foi uma espécie de negação do medieval. Por isso foi uma afirmação da racionalidade" (RODRIGUES, Teorias, fontes e períodos na pesquisa histórica, 2008, p. 9). Assim, Modernidade é um "rompimento com o passado, expressado ainda o sentido de coisa recente." (idem, ibidem, p. 6). Em decorrência, a pós-modernidade, ao contrário, se volta contra a racionalidade, negando a existência de verdades. (IDEM, IBIDEM).

Durante o trabalho de campo, constatei que a escolha de uma entrevista aberta, no estilo de uma conversa informal, mais do que um questionário pré-estabelecido me traria uma riqueza especial nos relatos. Assim o fiz, no intuito de coletar dados sobre a história e a cultura de Morros da Mariana, a Associação de Rendeiras, a dinâmica das aulas de renda e aspectos de vida das professoras do ensino não formal e das mulheres que perpetuam ensinando informalmente no cotidiano a renda de bilros.

A escolha de conversas informais, aconteceu também pelo entendimento de que a memória não é algo linear e que às vezes coisas aparentemente sem conexão podem trazer à superfície lembranças que se assemelham, porque a memória advém de experiências de toda uma vida, ou seja: "as memórias podem ser descritas como experiências vividas que perpassam toda a vida do ser humano." (ANGELO, 2005, p. 123). Assim o percebi, por exemplo, na fala de dona Deusa. Este modo de lembrar talvez decorra da maneira como a memória é constituída, começando frágil da infância e terminando por formar uma teia de recordações na velhice. Assim :

Na infância, se ouve a as memórias dos pais e dos avós ; na adolescência e na juventude, começam as produções das próprias memórias ; na idade adulta tem-se um arcabouço de memórias da infância, da juventude e da própria idade adulta. No entanto, é na velhice que as memórias parecem se manifestar de maneira mais contundente. (ANGELO, Op cit, p. 124).

Ao longo da pesquisa, observei que minha investigação se aproximava de um estudo do tipo etnográfico, pelo fato de esse gênero de estudo necessitar de certo envolvimento com o objeto, o que efetivamente já me havia acontecido, uma vez que

...a etnografia não consiste apenas em coletar, através de indução, uma grande quantidade de informações, mas sim em impregnar-se dos temas que se está pesquisando. O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. (FLEURY, 2002, p.84).

O modo como Malinowski conduziu sua investigação em "A vida sexual dos selvagens" me inspirou para edificar esta narrativa. Ele começa por descrever metodicamente a aldeia que estudou. Sempre que narra um

acontecimento, procura descrevê-lo com a precisão e riqueza de detalhes possível, incluindo, por vezes, comentários e impressões pessoais, uma vez que, “Na antropologia, os fatos essenciais da vida devem ser expostos com simplicidade e de maneira completa, embora em linguagem científica. (1983, p. 21).

Assim, se põe a observar detalhes da vida e narrá-los. Descreve a organização da aldeia, a arquitetura, os utensílios domésticos, todas as relações, as trocas de presentes, o trabalho, a hierarquia, magia, religião, os rituais de crença. Então, tendo como foco principal a vida sexual de seus informantes, ele descreve toda a cultura das ilhas objeto de sua pesquisa. Anota ele:

No decurso desta pesquisa fomos-nos aproximando pouco a pouco do que constitui o objeto de nosso interesse principal, com uma visão cada vez mais detalhada da vida amorosa dos nativos. Começamos por uma simples descrição geral da organização social e das atividades econômicas dos nativos, na medida em que afetam as situações relativas do homem e da mulher na comunidade. Estudamos as maneiras com se associam e se separam, em particular e em público, no trabalho e nos divertimentos, no exercício da magia e nos atos de cunho religioso, assim como na vida do dia-a-dia. Chegamos um pouco mais perto de nosso tema especial, acompanhamos o progresso típico das iniciativas amorosas até sua conclusão natural: o casamento e a criação de novos vínculos de parentesco. No último capítulo, descrevemos certos costumes que enriquecem e diversificam o curso normal das iniciativas amorosas. (Op cit, p. 288).

Desenvolvi minha pesquisa partindo da cultura da renda nos Morros da Mariana para tentar descrever a cultura do local. Por este motivo, os depoentes orbitam o universo da renda de bilros.

As técnicas da História Oral surgiram como alternativa para a historiografia “tradicional”, em que pesquisador e entrevistado são sujeitos e criadores de um documento, que nasce justamente deste intercâmbio; ou seja, “A História Oral favorece o aparecimento de um novo tipo de fonte, o registro Oral que, diferentemente da autobiografia, é produzido pela interação entre entrevistador e entrevistado, assumindo o primeiro um papel fundamental.” (ALBERTI, 1989, p. 241).

Para categorizar os assuntos buscados nas conversas, me inspirei no entendimento da História Oral como modo de localizar no tempo a memória, ou seja :

A História Oral é o meio com o qual se busca a memória no tempo. Nas narrativas de memórias e experiências, busca-se também puxar o fio que se entremeia de outras questões além da memória. Dentro desta perspectiva, busca-se o cotidiano, o lazer, o trabalho, a família, as gerações, as questões de gênero, entre outras muitas outras categorias que podem aparecer nas narrativas. (ANGELO, 2005, p. 124).

Ao tentar localizar a categoria em que minha pesquisa se enquadra, no universo da oralidade, compreendi que está entre duas áreas: a História Oral Temática e a História Oral de Vida. O que distingue uma da outra é o fato de que: “a primeira visa a obtenção de informações sobre uma realidade comum a uma determinada comunidade ou sociedade, enquanto que a segunda restringe-se à verdade individual, mais subjetiva, onde os temas sociais apareceriam filtrados pelo discurso dos depoentes.” (ALBERTI, 1989, 242). A primeira trata de apurar sobre um tema específico dentro de uma comunidade. Cabe, então, a mim como pesquisadora e aos depoentes escrevermos, com base nos relatos, o que o dia-a-dia transforma em história, com o auxílio da História Oral, como observei em Alberti (1989),

A história oral é legítima como *fonte* porque não induz a mais erros que outras fontes documentais e históricas. O conteúdo de uma correspondência não é menos sujeito a distorções factuais que uma entrevista gravada. A diferença é básica é que, enquanto no primeiro caso a ideologia se cristaliza em um movimento qualquer do passado, na história oral a *versão* segue a ideologia em movimento e tem a particularidade, não necessariamente negativa de reconstruir e totalizar, reinterpretar o fato. (OP CIT, p.IX).

Isso acontece uma vez que não só quem dá a entrevista mas também o pesquisador que coleta e transcreve os dados está sujeito às influências externas da época em que vive; e de suas próprias experiências. Logo, a diferença entre documentos históricos e este tipo de pesquisa parece residir justamente no fato de que, quando está sendo contada, a história oral provavelmente também está se fazendo.

Assim, em sentido mais geral; “uma vez que a vida de pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria prima a história ganha nova dimensão. (THOMPSON, 1992, p. 25). As histórias de pessoas de uma comunidade “rurbana”, um misto de sociedade rural e urbana, se prestam para o registro de dados que só são possíveis de obter por meio de seus relatos, uma vez que o objeto de estudo se confunde com histórias familiares, onde “padrões internos de comportamento e de relações são geralmente inacessíveis sem a evidência oral. (THOMPSON, 1992, p. 176).

A observação direta foi feita, primeiramente, no período de duas semanas. Em outra ocasião, me demorei pouco mais de vinte dias na cidade. As primeiras visitas tiveram aproximadamente um mês de diferença entre as duas: na primeira semana, observei a dinâmica das aulas, coletando também informações acerca do Curso, da Associação e dados sobre o Município de Ilha Grande do Piauí. Na segunda semana, entrevistei as professoras, conferi alguns dados coletados na visita anterior e observei a evolução das alunas após um mês de aulas, aproximadamente.

Na terceira ocasião, entrevistei mulheres de várias idades que ensinaram e aprenderam a renda no cotidiano e também algumas alunas do curso de renda que observei anos antes.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassete – que se encontram arquivadas – contendo em torno de 50 minutos cada uma. Em seguida, as gravações foram transcritas, conservando todas as características das falas das depoentes, inclusive dúvidas, risos e pausas, seguindo um percurso utilizado por pesquisadores de História Oral, na qual: “primeiramente realiza-se a chamada *transcrição literal*, onde a entrevista é rigorosamente passada para o papel, [...] incluindo as perguntas do entrevistador.” (GATTAZ, 1996, p. 251). O primeiro produto escrito das entrevistas foi resguardado para eventuais consultas durante a pesquisa.

As entrevistas com as professoras receberam tratamento de modo a serem transformadas em texto, aproximando-se mais da forma

escrita do que da falada. Assim, como expressa Gattaz, “as perguntas são incorporadas à fala do depoente, a narrativa recebe uma pequena reorganização para tornar-se mais clara”. (OP CIT, 252). Por fim, o texto foi refeito até que contivesse as idéias das entrevistadas adaptadas para tornar a leitura mais fácil e agradável. Esta etapa final é denominada “transcrição” por alguns autores. Foi neste momento que “os depoimentos foram escritos de forma a tornar sua leitura mais clara, sem, no entanto perder a característica original da fala de cada depoente.” (IDEM, 250).

Das demais entrevistas, utilizei fragmentos na íntegra para compor o texto que trata do ensino tradicional da renda.

Encontrei, num registro da coleção de rendas do Museu Arthur Ramos, em Fortaleza, (UFC – Casa de José de Alencar), o trabalho de Girão (1984), que traz imagens de renda de vários estados, do Ceará e de outros países. Comparando as imagens do livro com as produzidas atualmente nos Morros da Mariana, percebi similaridade com modelos procedentes de estados e países diferentes. O registro das rendas do Piauí no livro, no entanto, apresenta uns poucos exemplos que não abarcam, nem de longe, a realidade. Na ocasião em que realizei as entrevistas, quando da última visita para esta pesquisa, tive oportunidade de levar o livro para que as rendeiras o vissem e elas também reconheceram muitos desenhos que se faziam e outros tantos que ainda se fazem no local atualmente.

Algumas rendeiras também aproveitaram para copiar imagens, com o intuito de utilizá-las como guia numa produção posterior. Esta pode ser uma técnica de reaver modelos que se perderam com o tempo. Fleury (2002) conta que, no Ceará, o Governo do Estado utiliza este recurso para trazer à tona antigos modelos de renda. A autora dá o exemplo de uma conhecida dona de confecções⁸ com renda que leva as imagens antigas para as rendeiras produzirem as peças à venda em suas lojas, na avenida Monsenhor Tabosa, em Fortaleza.

⁸ Ethel Whitehurst, dona das lojas Yamor, em Fortaleza.

Também na última viagem aos Morros da Mariana, fiz mais algumas fotografias e pequenas filmagens com equipamento amador das aulas de renda para me servirem como recurso de memória. Como artista plástica, ofereci-me para auxiliar na confecção de moldes para algumas peças de renda: um molde para blusa que necessitava ser aumentado; outros – também de blusa – que deviam ser reproduzidos e alguns modelos para fazer palas que haviam encolhido três centímetros após o tingimento e deveriam ser aumentadas na proporção que encolheram.

É possível que ações como esta tenham auxiliado na minha aproximação com as rendeiras, produzindo uma relação de troca e cumplicidade com as entrevistadas, pois, como sugere Alberti, isto é necessário para um melhor andamento da pesquisa que utiliza técnicas de história oral para coleta de dados: “cabe ao pesquisador construir ao mesmo tempo, com seu entrevistado, uma relação de sensibilidade e de rigor, de adesão no processo de compreender e de crítica atenta no processo de indagar; de reconstituição e questionamento.” (1989, p.IX).

Cap. 2 - ENREDO

1. A FORMAÇÃO DA ILHA GRANDE: o que a história conta.

Deve o historiador ser um artista? Uma arte consciente deve certamente fazer parte de seu equipamento. [...] Vejo-me como uma contadora de histórias, uma narradora que se ocupa de histórias verídicas. Não é uma distinção de valores relativos, mas simplesmente porque a história me interessa mais do que a ficção.⁹

Tchuman (1989), certamente, me inspirou para a condução deste levantamento histórico, caracterizado por uma escrita pessoal, que aprendi a admirar e a imprimir nesta história características artísticas.

⁹ TUCHMAN, 1989, p. 10-11.

Início este capítulo com uma pequena viagem, que começa na formação do Estado do Piauí, passa por Parnaíba-PI e segue pela estrada que leva aos Morros da Mariana. Prosseguindo no caminho, a vida da comunidade passa. O que se vê agora é descrito o mais minuciosamente possível. Depois se conectam mundos, tempos, visões. O passado é um visitante que se apresenta na busca da compreensão das relações dos moradores dos Morros da Mariana de hoje.

Busquei informações sobre a história desta cidade em depoimentos de moradores, documentos, livros de história do Piauí e de Parnaíba, bem como depoimentos de pesquisadores parnaibanos sobre a história do Piauí e de Parnaíba com a intenção de saber como ocorreu a chegada dos povoadores, a fixação na terra, os desafios da sobrevivência no novo ambiente, como, enfim, se formou esta comunidade e, conseqüentemente, inferir sobre os reflexos desta formação nos dias atuais.

Encontrei pouquíssimo material sobre tal comunidade, seja em forma de documentos, seja por depoimentos de locais ou de parnaibanos, seus vizinhos. Morros da Mariana, até bem pouco tempo, era um povoado de Parnaíba. Foi emancipada e tornada cidade apenas em 1994. Por esta razão, sua história está conectada à daquele Município até a última década do século XX. Portanto procurei em fontes sobre Parnaíba e acerca do Piauí os dados de que necessitava. Os dados levantados ajudam a alinhar a narrativa que ora convido o leitor a acompanhar.

Na primeira parte dessa história, procurei rastrear a formação do povo do norte piauiense, costurando as etnias que por ali marcaram presença no nascimento e na manutenção do local. Sempre que tocar na história do Piauí, meus olhos se voltam para a cidade de Parnaíba e para a Ilha Grande do Piauí, sobre as quais e o seu entorno procurei destacar ao máximo os dados a que tive acesso.

O Estado do Piauí compõe a região Nordeste do Brasil, tendo como coordenadas geográficas entre 2°44' e 10°59' de latitude sul. Juntamente com o Maranhão, forma uma zona de transição chamada

meio-norte, situada entre o semi árido brasileiro ocidental e a região amazônica, no Norte do Brasil. O Estado faz parte do 3º fuso horário internacional, em relação a Greenwich, tendo a mesma hora de Brasília. No extremo norte do Estado, na ponta setentrional da ilha Grande de Santa Isabel, a 2°44'49" de latitude sul e 41°48'18" de longitude ocidental, no delta do rio Parnaíba, está o Município de Ilha Grande do Piauí.

A cidade de Parnaíba, que foi sede do povoado de Morros da Mariana até meados da década de 1990, e a Ilha Grande de Santa Isabel, onde este povoado se situa, pertencem à mesorregião Norte do Piauí, microrregião Litoral Piauiense.

A microrregião Litoral é composta por uma planície litorânea, formada, entre outros, pelos Municípios de Ilha Grande e Parnaíba. Ilha Grande fica a 326 km da capital do Piauí, Teresina. O acesso por terra à cidade de Ilha Grande pode ser feito pela BR 402, entrando pela divisa com o Ceará.

O Piauí não possui grandes elevações. Em sua maior parte, predominam planaltos e planícies. A chamada bacia sedimentar do Parnaíba, ou meio-norte, é uma zona de transição entre a caatinga e a floresta amazônica. É uma das regiões mais ricas do Estado, no que concerne à agricultura, à pecuária, ao comércio e à indústria extrativista.



Fig. 1 - Imagem de satélite de Ilha Grande¹⁰

Segundo um documento que encontrei na Biblioteca Pública dos Morros da Mariana contendo dados sobre o Município ¹¹, atual Ilha Grande, sua fundação ocorreu no ano de 1692, com a instalação de dona Mariana Alexandrino Viana e de sua família, próximo às margens de um igarapé ligado ao rio Igaraçu. Denominou-se, então, Coroa Grande ou Coroa do Igaraçu. Havia vários morros perto deste local. Na época, sem edificações, os morros podiam ser vistos de longe, o que possivelmente levou à associação dos morros ao nome da mulher, citada como pioneira na região. Daí pode ter surgido a denominação Morros da Mariana. Durante muito tempo, este foi o nome do Povoado. Quando da emancipação, o Município passou a se chamar Ilha Grande do Piauí.

Contam alguns historiadores piauienses, como Mavignier (2005), Costa (1981), Mendes (2007), que o primeiro europeu a chegar ao Piauí foi Nicolau de Rezende, em 1571. Segundo se comenta, ele teria naufragado nas proximidades da praia de Pedra do Sal, e por ali permanecido durante 16 anos convivendo com os tremembés. Antes disso

¹⁰ Fonte: Google imagens

¹¹ Ilha Grande: histórico. Documento de autor desconhecido, sem paginação, 2002.

há um estudo muito antigo de *Ludwig Shennhagem* (MAVIGNIER, 2005) que aponta a presença dos fenícios no litoral do Piauí. Já por volta do ano de 1100 a.C., a praia da Pedra do Sal seria usada como porto por aquele povo. Do mesmo modo, Piagui era o nome fenício para a região, que vem de piaga, que significa propagador da religião.

Já no século XVIII, há registros de franceses no litoral do Piauí. João de Barros, em carta ao rei, fala sobre a necessidade de povoar o Estado antes que fosse povoado por franceses, que já construía ali casas de pedra. (MAVIGNIER, 2005).

Os habitantes originais da região, no entanto, como em todo o Brasil, eram os índios; nesse caso em particular, os índios tremembés. Os colonizadores portugueses e os negros escravos somam, entretanto, o maior contingente.

Ilha Grande do Piauí, na bacia do Parnaíba, se encontra na chamada zona pré-amazônica, uma transição entre Nordeste Ocidental e a Amazônia, ocasionando peculiaridades inerentes a esta intercessão, onde convivem diferentes espécies e tipos climáticos: o semi árido nordestino e o quente e úmido amazônico; grandes rios perenes, lagoas e áreas de várzeas dividem espaço com áreas de seca, catingas e cerrados e extensos pastos naturais, cocais e chapadões. Assim, há muitos recursos hídricos e por outro lado solo pouco fértil em boa parte do Estado.

Para os colonizadores, contudo, essas características não foram de todo um mal. Muito antes, pelo contrário, serviram bem aos objetivos, concorrendo para a expansão das fazendas de gado nas redondezas, tendo em vista a fartura de pastos naturais. A área não se prestava bem ao plantio da cana-de-açúcar, tampouco tinha o Estado fácil acesso ao escoamento de mercadorias (MARTINS, 2003).

O que fazia o sítio atraente aos desbravadores eram fatores como os pastos naturais e a hidrografia da região:

Abundância de pastos naturais onde proliferavam gramíneas e leguminosas, fartos recursos hídricos e salubridade do clima e, em segundo, a relativamente boa oferta de produtos coletáveis e animais de caça que tanto facilitaram a sobrevivência da

população. O grande número de tribos indígenas existentes na região atestava sobremaneira essa oferta. (MARTINS, OP CIT P. 21,22).

Esses aspectos estavam até acima do que era necessário aos homens que por lá chegaram àqueles tempos:

Considerando os móveis, a que os primeiros ocupantes estavam vinculados, e seu aspecto numérico, as férteis e relativamente abundantes várzeas existentes representavam um potencial bem acima da capacidade de exploração do elemento humano "piauiense" no seu primeiro século de existência. (IDEM p.22).

Entre 1660 e 1780, o Piauí começou a ser povoado. Este lapso é marcado pela guerra de conquista, caça e extermínio dos índios. Este foi o "período das grandes disputas entre posseiros e sesmeiros [...] de implantação de uma estrutura econômico-social na Bacia do Parnaíba". (MARTINS, 2003, p. 18).

Em 1662, Domingos Jorge Velho inicia expedições ao Piauí. Era natural da vila da Parnaíba, da capitania de São Paulo. Talvez venha daí o nome do rio Parnaíba e, conseqüentemente, da Vila de São João da Parnaíba.

Segundo Barbosa Lima Sobrinho, foi Domingos Afonso Mafrense quem iniciou o desbravamento do Piauí em 1674. Para Anísio Brito, foi Domingos Jorge Velho quem primeiro chegou ao local. Esta discussão se alonga bastante, mas não se sabe precisar o ano em que começou o desbravamento do Estado, tampouco há uma certeza sobre quem foi seu primeiro explorador. (COSTA, 1981).

Em 1676, as primeiras sesmarias foram doadas a Domingos Afonso Mafrense pelo governador de Pernambuco, a quem era subordinado o Piauí.

Só em 1699 uma correspondência real ordena que se pesquise e povoem as margens do rio Parnaíba:

Faça examinar este porto da Parnaíba, a entrada que tem, e se é capaz de ser fortificado, e o fundo assim do mar, como depois de entrado no rio, a largura da barra, e os baixos que tem, assim descobertos como baixos de água; para se tomar a resolução que parecer conveniente. (IDEM, p. 60).

Provavelmente a conquista começou pelo sul do Estado, como anota Costa (OP CIT): “têm errado os que afirmam que a penetração colonizadora do Piauí começou por esse rio. Seus currais lhe vieram do Canindé, através do Cacaitá e do Itaueira”. (p. 109). No final do século XVII, quando já existia ocupação de fato, o território somava grande parte da bacia do Parnaíba e do Poti e as cabeceiras do Longá. Nessa época, já havia missões jesuíticas na Ibiapaba. Já no início do século XVIII, em torno de dois terços do atual território piauiense eram habitados, porém, com densidade demográfica ínfima (MARTINS, 2003).

Em 1714, Dom Pedro declara todas as terras do Piauí devolutas, de forma que passaram a ser doadas a quem primeiro as pedisse. Além disso, durante muitos anos, o Piauí passou pelas mãos de vários estados: Bahia, Maranhão, Pernambuco. Só em 1758 foi criada a capitania do Piauí, independente de outros estados. Oieras foi a primeira capital.

Para colonizar o Piauí, veio de Portugal toda sorte de bandidos, como anota Mavignier (2005): “Para a fundação da vila da Moucha, vieram de Portugal trezentos degredados. Para a época, não foi pequeno o número de malfeitores lançados no amálgama étnico do Piauí.” (P. 25).

Como os povoadores em sua maioria eram degredados, aparentemente, a formação de famílias era uma necessidade premente naqueles dias no Piauí, em Parnaíba e, conseqüentemente, na Ilha Grande, para que os povoados acolá se firmassem como sociedade organizada mais aos moldes europeus. A miscigenação, então, parece ter sido não só natural, mas incentivada. Consta também que o número de mulheres índias e negras era bem maior do que o de mulheres brancas.

A população preferia habitar o interior às vilas, que careciam de povoamento. Por esta razão, incentivos foram dados pelo rei àquelas pessoas que fossem viver nas vilas, saindo do interior, tais como a isenção de taxas e a suspensão da cobrança das dívidas adquiridas em outros locais por um período de três anos.

Em 1727, a notícia de que estão, enfim, povoando o Piauí depois de “pacificarem os índios”, é recebida pelo rei com entusiasmo:

Chegaram à freguesia¹² do Piauí das ditas pazes dos barbados, terror de todo o Estado, quantidade de moradores se abalaram conduzindo quinhentas e seiscentas vacas, e outros a duzentas e trezentas para povoarem as ditas terras com muito empenho; foram tais notícias recebidas com grande satisfação por El-rei D. João V, não só por se pacificarem índios tão rebeldes, como por se povoarem terras desde tantos anos abandonadas. (COSTA, 1981, p. 95).

As freguesias, pequeno aglomerado de pessoas, eram poucas e atendiam a todo o Estado. Entre as primeiras, se formou a freguesia de Parnaíba:

A criação de uma freguesia representava a consolidação de pequeno povoado, que se tornava o centro para efeito administrativo e de serviço [...] de extensa área geográfica. Até o final do século XVIII, estes centros eram pouco mais que um aglomerado de algumas poucas construções de alvenaria rodeadas por algumas dezenas de palhoças, não chegando a uma média de 150 habitantes por povoado. [...] ao todo, existiam 8 centros “urbanos” dispersos pelo imenso território: Oeiras, Campo Maior, Jurumenha, Marvão, Parnaíba, Piracuruca, Parnaguá e Valença. (MAARTINS, 2003, p. 42).

As atividades agropecuárias eram muito limitadas. Documento da época dá pistas de que as culturas se limitavam à criação extensiva de gado, plantações de milho e mandioca para fabricação de farinha, nas proximidades de Parnaíba, como meio de sobrevivência:

As mais terras dessa vila da Mocha até Parnaíba não têm outra conveniência mais, que a de pastos para os gados de que estão povoadas e se vão povoando, e não têm outra cultura mais do que, em algumas partes, alguma farinha e milho. (Opcit p. 100).

Em 1762, onde hoje é a cidade de Parnaíba, a sede de um povoado surgia, um dos menores povoados da época: “Era então Testa Branca um lugarejo insignificante, com quatro fogos apenas, oito pessoas livres e onze escravos.” (COSTA, 1981, p. 151). O povoado ficava a uma

¹² Freguesia, no sentido lato, significa o conjunto de paroquianos, povoação sob o ponto de vista eclesiástico, clientela. Freguesia, no conceito em que está caracterizado neste estudo, é um espaço material limitado, divisão administrativa e religiosa da cidade, onde estavam localizados os habitantes, ligados à sua igreja matriz. Tomavam parte em suas solenidades, ali realizavam seus batizados, casamentos e eram sepultados (NASCIMENTO, 2007).

légua e meia do Porto das Barcas, nas proximidades do atual aeroporto de Parnaíba.

Com a chegada dos Dias da Silva, porém e o estabelecimento das charqueadas, o Porto das Barcas, às margens do rio Igarau e acesso a Ilha Grande, passou a se desenvolver mais rapidamente do que aquele povoado e passaria, então, a sede do Município:

Incontestavelmente o povoado do Porto das Barcas oferecia mais vantagens para o assento da nova vila; era então uma feitoria com estabelecimentos de charqueadas, cujos produtos se exportava para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Pará, deixando grande interesse às rendas públicas, pelo movimento comercial que resultava de semelhante indústria; com uma população crescente e ativa, algumas casas e armazéns, e uma pequena ermida fundada pela população. (IDEM, p. 152).

O local, então, começou a ser povoado. No final de 1770, a sede do povoado é transferida para o Porto das Barcas, que foi depois nomeado Porto Salgado, em virtude da quantidade de sal que ali aportava por ocasião do fabrico da carne de charque:

O porto das barcas, depois da instalação das Charqueadas de Domingos Dias da Silva, passou a ser chamado pelo povo de "Porto Salgado", por causa da grande quantidade de sal que ali chegava para a indústria da carne prensada. (COSTA, 1981, p. 324).

Simplício Dias da Silva juntamente com seu pai, Domingos Dias da Silva, é apontado como um dos fundadores da vila de Parnaíba e o introdutor das chamadas charqueadas às margens do rio Igarau, um dos braços do Parnaíba. Domingos Dias da Silva chegou a ter seis charqueadas, matando milhares de cabeças de gado por ano. Possuía também navios que utilizava para exportar derivados de boi:

A vila de São João estava nascendo ali no "Testa Branca", com os seus quatro fogos, oito pessoas livres e doze escravos. [...] Domingos Dias da Silva instalou para os lados do "Porto das Barcas", a sua indústria de carne prensada, as afamadas charqueadas. Essa indústria teve rápido desenvolvimento, dando um surto de progresso à vila. Essas charqueadas, em número de seis, chegaram a sacrificar doze mil bois, anualmente [...] Cinco navios de sua propriedade, movimentavam a indústria, sendo três transportando carne para o Maranhão, Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; e dois navegavam diretamente para Lisboa e Porto,

trazendo de volta, fazendas, mercadorias e gêneros de Portugal. [...] A vila começou a crescer no Porto das Barcas. (PASSOS, 1982, p. 323-324).

As charqueadas dos Dias da Silva cresceram tanto que, em 1770, em virtude do número de bois mortos e da falta de cuidados com os dejetos que eram abandonados ao ar livre, uma epidemia assolava Parnaíba. Por este motivo, tomou-se a iniciativa de mudá-las para local distante da Vila, uma vez que, “Na época das chuvas o ar ficava empestado pelo sangue e vísceras dos bois abatidos, causando doenças no povo”. (MAVIGNIER, 2005, p. 49).

É dessa época a descrição redigida pelo ouvidor da Capitania de São José, no ano de 1772, da Vila de São João, do Delta do Parnaíba e de Ilha Grande. Suas palavras dão uma idéia da localização geográfica e da economia do povoado de então:

O rio Parnaíba, depois de regar estes sertões por espaço de muitas léguas, aumentado e caudaloso com todas as ribeiras desta capitania e algumas do Maranhão, [...] se sepulta no oceano, entre as capitanias do Ceará e do Maranhão numa ponta de terra que pertence a esta do Piauí, e que chega a costa do mar, com a largura unicamente de quatro ou cinco léguas; faz dois braços na barra com bem diferentes nomes: o da parte do poente conserva o de Parnaíba, mas o do nascente, toma o nome de Iguarani, e a ilha que forma entre um e outro se chama de Santa Isabel; no braço do Iguarani e na margem oriental dele, fica situada a vila de São João, distante quatro léguas da costa do mar. [...] Tem-se aumentado esta vila pelo negócio que nela se estabeleceu das carnes secas e couramas, que levam as sumacas ou barcos da Bahia, Pernambuco, e outros portos, trazendo dos mesmos alguma fazenda, que davam em parte do pagamento, porque sua barra e sua costa, em razão dos muitos baixos que tem, não permitiam que chegasse embarcação de maior lote. (MAVIGNIER, 2005, p. 47).

Durante muito tempo, encontraram-se vestígios de ossos sob o solo nas proximidades de onde atualmente se encontra a rua Simplício Dias, em Parnaíba. Isto decorreu, provavelmente, das charqueadas dos Dias da Silva, uma vez que às margens do rio Igarau era o local onde

Se localizaram algumas das charqueadas do Capitão Domingos Dias da Silva. Até pouco tempo eram encontradas, com relativa facilidade, ossadas de bois, quando de construções de prédios nesta via pública. [...] Esta é a razão, por certo, de ter esta artéria

[...] sido denominada de Rua Simplício Dias. (PASSOS, 1982, P. 330).

Os Dias da Silva eram, provavelmente, donos de quase toda a Ilha Grande de Santa Isabel, onde se localizam os Morros da Mariana:

O Coronel Simplício era realmente um homem de fabulosa fortuna, tudo em Parnaíba girava em torno de sua fidalguia, de seu alto poder econômico e da sua grande força política. Tinha mais de dois mil escravos organizados militarmente, em regimentos, com armas e banda de música. (IDEM, p. 327).

Interessante é perceber o respeito e até algumas lendas que a população de Parnaíba e de Ilha Grande nutre a respeito de Simplício Dias. Algumas pessoas a quem perguntei sobre a história antiga da cidade me falaram do Simpliço, homem cruel que prendia em um quarto a mulher que passasse em sua calçada grávida, ou a criança que por lá andasse chorando. Na Ilha grande, Socorro, uma de minhas depoentes, também contou essa história e lembrou-se do medo que sentia quando criança, em visita a Parnaíba, ao se deparar com um negro que ela acreditava ser Simplício Dias. Socorro nasceu muitos anos após Simplício ter falecido.

Quando eu era criança, minha mãe me contava muita história do Simplício Dias da Silva, que era praticamente o dono da Ilha e o dono da Parnaíba, né. E ele era muito mal, ele tinha muito aqueles casarões muito grandes, tinha muito dinheiro, muito escravo. Ele é quem mandava praticamente. E ele tinha uma vila de casas lá em Parnaíba, ali no Porto das Barcas, que se passasse uma mulher grávida, com um menino no colo, ele mandava chamar a mulher grávida com esse menino no colo, se trancava dentro dum quarto, lá essa mulher ficava presa lá. E ela ia segurar esse menino até esse menino cansar de chorar. Era uma coisa muito triste, viu. Era muitas histórias que ela contava. Que se passasse uma pessoa assoviando, ele mandava assoviar até morrer. Nossa! Assim até eu num acredito muito. E tinha, quando eu era criança, que a gente ia pra Parnaíba, tinha que passar pelo uma canoa. Tinha os passadores e a gente ia. Quando eu ficava esperando a canoa de lá de Parnaíba pra vim pra Ilha, tinha um homem moreno que chamavam Saiunha, que ele era bem negão, né. Nossa, quando eu via esse nêgo, eu disse assim: meu Deus! Aquilo ali será o Simpliço que ta ali? Mas eu tinha um medo desse homem tão grande! Eu me tremia de medo. Chorava escondido pensando que ele era o Simpliço. Que ele já fazia parte da história, né? Daqui debaixo daquela casa, daquele casarão, que eu ficava assim assustadíssima. Tinha muito medo. Quando eu ia pra Parnaíba, que falava que ia pra Parnaíba, eu já ficava pensando nesse

homem. (MARIA DO SOCORRO REIS GALENO, 54 anos, depoimento colhido em maio de 2008).

Por longo tempo o poder em Parnaíba, na Ilha Grande, como no nascente Piauí, esteve nas mãos daqueles que mais poder bélico mostrassem. O respeito era algo que se conquistava por meio da força por aquelas bandas. Mesmo depois que a Coroa enviou representantes legais, o poder continuou nas mãos dos coronéis. A estrutura produtiva era a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência, que careciam de poucos recursos financeiros, humanos e econômicos para se desenvolverem:

Grandes sesmeiros que acumulavam as funções de autênticos chefes militares, e aqueles que lhes arrendavam as terras, até a figura do agregado, que tinha também e, necessariamente, funções militares, e os contingentes escravos e índios, aqueles mais ligados às atividades de conservação das fazendas, estes mais às atividades guerreiras, ambos porém conciliando os dois tipos de ocupação. Os missionários jesuítas entram igualmente, e de maneira decisiva, na trama histórica da configuração político-social-administrativa do Piauí colonial: exercem a importante função da domesticação de indígenas, da preparação daqueles que formariam o grosso dos contingentes de combate. Identificam-se plenamente com o ordenamento político-econômico, assumindo não apenas as funções administrativas, mas, também, a própria posição de fazendeiros, controlando as extensas propriedades herdadas de Mafrense. (MARTINS, 2003, p. 39).

O contato do homem com o gado era tão pequeno, que poderia se considerar quase como extrativismo a pecuária de então. Portanto, era preciso pouquíssima mão-de-obra para este tipo de atividade, o que explica a baixa densidade demográfica do interior, em comparação ao litoral. Por esta característica extrativista, para aumentar os rebanhos, necessitava-se de terras cada vez mais vastas, o que justifica o caráter latifundiário da região desde o início do povoamento pelo homem branco, bem como a necessidade de fazer a “conquista aos índios” com as chamadas “guerras justas”. Decorre dessa faceta o poderio militar de que os grandes pecuaristas necessitavam para a manutenção de suas fortunas. De mãos dadas com a pecuária extensiva, então, estava o apresamento de índios, que é muitas vezes sinônimo de escravização e comercialização indígena.

A pecuária piauiense apresentou-se diferente do contexto geral da Colônia, com pouquíssimos escravos, a média de dois por fazenda. Essa característica diferenciava a força de trabalho escrava de lá do tipo de trabalho realizado nos grandes cafezais de São Paulo e nas fazendas de açúcar, por exemplo, onde há uma grande especialização da mão-de-obra. No Piauí encontram-se escravos ocupando tarefas de toda ordem. Não existia geralmente o feitor de escravos. O relacionamento entre o senhor e o escravo era direto. Obrigatoriamente o escravo era uma pessoa de confiança do proprietário da terra. Essa característica é própria do escravismo na pecuária, uma vez que o vaqueiro é livre. Não seria, portanto, uma especificidade do escravismo do Piauí, mas do escravismo na atividade pecuária. Como no Piauí a pecuária dominava, no Estado o escravismo tinha essa característica. Assim, o escravo não era submetido a tratamentos brutais, pelo menos no mesmo nível das áreas voltadas para exportação.

O trabalho era ainda uma consequência do regime dos criatórios. Não havia patrão; não havia senhor, senão para o escravo. O vaqueiro não era um empregado propriamente. Era um sócio do dono da fazenda, e dentro em pouco seria também dono da fazenda. Tinha direito a um quarto das crias que ele acrescentasse ao rebanho. (MARTINS, 2003, p. 16).

O ofício de rendeira era remunerado. Assim como nos demais trabalhos femininos, ganhava-se menos do que os homens. Estes recebiam 52 réis por dia, enquanto que as mulheres a quantia de: "13 réis por dia, e concorrendo com o ofício de rendeira, costureira, conserveira, forneira de farinha, cozinheira ou ama de leite." (IDEM, p. 169)

Em 1867, o Piauí tinha bem mais pessoas livres do que escravos: 28.519 pessoas livres contra 13.823 escravos. Interessante é ressaltar, contudo, que, dentre a população livre, o número de brancos era menos de um terço. A maior parte era de negros e mulatos. Mamelucos e cafuzos deveriam estar incluídos na designação "mulatos". Tal fato pode denotar uma grande migração de brancos e mulatos livres

provindos das regiões vizinhas no final do século XVIII. Deste modo, os escravos poderiam ter passado a agregados, rendeiros, enfim, “moradores” livres dos latifúndios. Essa é mais uma das particularidades da pecuária.

As mulheres, em sua maioria, eram índias; em segundo lugar, vinham as negras e, em número menor ainda, as brancas. Essa configuração na estrutura reprodutiva populacional também teria resultado numa grande quantidade de “mulatos livres” que, pela condição de parentesco, estimularia essa reestruturação das relações sociais.

Os missionários católicos, na colonização do Piauí, foram os maiores domesticadores de índios. Constituíram uma organização administrativa e deram alguma formação intelectual aos habitantes da área. Quando receberam de Domingos Afonso Mafrense suas terras, tornaram-se, provavelmente, os maiores latifundiários do Piauí. “Dominavam” muitos índios e tinham muitos escravos. Tinham mais de 700 escravos na ocasião do sequestro de seus bens, em 1760. (MARTINS, 2003).

Habitantes originais do País, também no Piauí, os índios foram sendo expulsos pelo colonizador:

Os verdadeiros donos da terra passaram de incomodados a figuras a serem expulsas pelos portugueses, para o seu lugar curraleiro, ao boi e ao negro africano escravizado. [...] No início do século XVIII, muitas tribos indígenas da Capitania de São José tinham migrado para escapar da morte e da escravidão, outras já haviam sido extintas. [...] Por volta de 1730 viveram os últimos índios Tremembés do Delta do rio Parnaíba, aldeados na Ilha dos Cajueiros (Caju), com carta sesmarial conseguida pelo padre João Tavares, a pedido dos próprios índios, que já não tinham para onde ir. [...] Mas a invasão da Ilha dos Cajueiros pelos irmãos Lopes, sacrificou de vez a existência dos peixes racionais. No século XIX, os índios não mais faziam parte da paisagem do Norte do Piauí. (MAVIGNIER, 2005, p. 19-20).

Martins dá também uma descrição desta faceta da história do Piauí. Ela fala da rapidez com que os índios foram erradicados do Estado, entre outras peculiaridades da organização social de uma terra de combatentes:

Porém, os dados mais eloqüentes foram a rapidez com a qual umas poucas centenas de homens dizimaram dezenas de tribos, "limparam" uma das áreas mais densamente povoadas de índios do Brasil, e, por outro lado, a alta taxa de mortalidade; o que influiu seguramente no lento crescimento da população, mesmo com as boas condições de salubridade existentes e a facilidade de sobrevivência. [...] a sociedade inteira estava em combate e os mecanismos reguladores da autoridade e do comando eram forjados no próprio processo da luta. Tratava-se de uma "sociedade de combatentes", vivendo na prática do dia-a-dia isolados de qualquer autoridade colonial ou metropolitana. Entregues à sua própria sorte, determinavam suas próprias leis. A estrutura hierárquica era definida pelo valor pessoal, pela coragem, pelo espírito de liderança, enfim, pelo respeito adquirido nas refregas. (MARTINS, 2003, p. 41).

Como o povoamento e a domesticação dos índios se faziam necessários e havia poucos brancos entre homes e mulheres, em 1755, o Rei promulga lei determinando que o casamento entre índias e portugueses e vice-versa fosse bem aceito pela população, segundo a

Lei promulgada por El-rei dom José, declarando, com o fim de promover cada vez mais a os meios de propagação da fé católica, que os vassalos do reino e da América, que casassem com índias, não ficariam com infâmia alguma, antes se fariam dignos da real atenção para empregos, honras e dignidades sem necessidade de despesas; e que o mesmo seria para as portuguesas que se casassem com índios, determinação esta, que se tornava extensiva aos descendentes. (COSTA, 1981, p. 126).

Em correspondência ao rei, no ano de 1766, o Governador Geral informa sobre as características da população do Piauí:

A Povoação desta capitania é tão diminuta, que me parece impossível que se possa observar a sobredita real ordem na parte que respeita à indicada separação de classes. E prossegue: "Da gente livre, a que pertence à classe dos pretos é tão pouca, que com ela não se pode certamente formar corpo de separação [...] Os mulatos são aqui em maior número [...] Os brancos finalmente são menos que os sobreditos mulatos, e de tal forma, que nem naquela companhia dos dragões pagos, que aqui há, pude conservá-la sem muita mistura. [...] por costume antiqüíssimo, a mesma estimação têm brancos, mulatos e pretos, todos, uns e outros, se tratam com a recíproca igualdade, sendo rara a pessoa que se separa deste ridículo sistema, porque se seguirem o contrário expõem suas vidas. (COSTA, OP CIT, p. 167).

É interessante perceber nesta fala a mistura que houve entre as classes, bem como entre raças no início da história do Piauí. A maioria de mulatos e a coexistência pacífica entre aqueles homens e mulheres,

trazem certa idéia de igualdade social. Esta não é, contudo, a questão central. Havia, no entanto, muita desigualdade, muito autoritarismo. A distância social e em termos de condições materiais de vida, porém, era pequena. Isso porque, dadas as poucas opções, pessoas de classes diferentes nasciam pela mão da mesma parteira, comiam mais ou menos os mesmos alimentos, uma vez que a variedade de víveres era mínima. Pelo mesmo motivo, vestiam-se com roupas semelhantes, eram tratados pelos mesmos curandeiros, com os mesmos remédios. Enfim, conviviam uns com outros em relativa proximidade física, embora com grande distância social. Havia certo tipo de igualdade, e outro tipo de desigualdade. Para Martins,

A mais importante dessas idéias, freqüentemente repetida, diz que a pecuária extensiva teria gerado um tipo de sociedade que, em contraposição ao sentido aristocrático da sociedade escravista do litoral e diante da ausência de uma mais sólida especialização na produção, seria uma sociedade de frouxas relações sociais, ou seja, onde as distinções de classes seriam mínimas. O estilo de vida rude e simples dos donos das terras e do gado, não se diferenciando do estilo de vida dos demais elementos que participavam da produção, é sempre alegado como demonstração dessa ausência de diferenciação social. Essa noção da estrutura social do sertão nordestino peca pela simploriedade. (2003, p. 38).

Ainda assim, esse dado não pode ser desprezado quando se enfoca a formação do amálgama cultural daquele povo.

A descrição de uma fazenda no Piauí em 1922 dá uma idéia de quão simplórios eram os afazeres no estabelecimento e como eram precárias as condições de vida no Estado por aquelas épocas:

Em geral, as fazendas de criação do Piauí, como todos os seus haveres, acham-se entregues e sob a guarda e fiscalização de vaqueiros que, embora bons companheiros e em grande maioria honestos, são, entretanto, homens ignorantes, indolentes e rotineiros por índole e educação. As fazendas quase sempre apresentam um aspecto desagradável. Todas as suas benfeitorias limitam-se à casa de residência do vaqueiro, onde se hospeda o proprietário quando aí, raramente, aparece, às misérrimas choupanas, onde moram os agregados, a um ou dois cercados, currais, etc. São poucas as que dispõem de galpões ou de paióis para a guarda de forragens. Os rebanhos multiplicam-se, crescem à lei da natureza, de mistura com os dos vizinhos proprietários, na mais condenável promiscuidade e às vezes, só reconhecidos pela marca de ferro que trazem no quarto. A principal função do

vaqueiro é correr campo, o que faz diariamente durante o inverno, para ver o estado das vacas amojadas, recolher [...] marcar e carimbar a bezerrama nova, tirar leite das vacas paridas, etc. alguns fazem pequenas roças, com cuja produção se alimentam durante o ano. Uma ou duas vezes no ano têm lugar as vaquejadas, quase sempre nos meses de janeiro e julho. É este o tempo mais feliz da fazenda e o mais divertido para o vaqueiro e todos mais que aí vivem na labuta do gado. (MARTINS, 2003, p. 52).

Do mesmo modo, é possível imaginar como a vida social era pacata, limitando-se as festas às vaquejadas duas vezes ao ano. Também o perfil dos trabalhadores das fazendas apregoado como simplórios e indolentes fica destacado. Parece de fato tratar-se de pessoas simples. Por outro lado, não é possível perceber o papel feminino neste universo, uma vez que sequer a mulher é citada na vida da fazenda.

Nas cidades também não era muito diferente. A grande propriedade não produzia gêneros alimentícios básicos para a população, o que prejudicava a qualidade de vida e encarecia a vida local:

Os cereais e legumes mal chegam para o consumo da Província, entretanto, é fora de dúvida que a sua abundância e barateza muito concorrerão para o problema da agricultura. É devido em parte à maneira porque existe a propriedade territorial acumulada improdutivamente em poucas mãos. É fora de contestação que onde não existe a pequena propriedade com a pequena cultura, [...] os víveres não podem ser nem baratos nem variados. (IDEM, p. 74).

A sociedade piauiense, então, se dividia em grandes proprietários de terras e trabalhadores. Esta realidade é alterada apenas com a inclusão de membros da igreja, alguns comerciantes ricos e funcionários de altos cargos estatais. Mesmo esses cargos, no entanto, tendiam a ficar nas mãos de familiares ou pessoas ligadas aos grandes latifundiários. Os exportadores parnaibanos foram uma exceção a esse sistema:

Em função da propriedade da terra ficaram estabelecidos historicamente, no Piauí, dois blocos sociais nitidamente diferenciados: os grandes proprietários e a massa de trabalhadores direta ou indiretamente ligada à produção agrícola. [...] Nesta sociedade, formando o setor hegemônico, ao lado dos grandes proprietários de terra, estava alinhado o pequeno número de comerciantes importantes, profissionais liberais, funcionários de alto posto na burocracia e membros da Igreja. [...] Estes

elementos, invariavelmente vinculados por laços familiares aos detentores de latifúndios, agiam sempre de concerto com estes últimos, na manutenção do sistema oligárquico. Objetivamente, pois, fazia parte de um bloco bastante definido e profundamente distanciado da massa de trabalhadores. Desse esquema, fugiram, de certo modo, à regra apenas cerca de uma dezena de comerciantes e industriais que monopolizavam as exportações e dos produtos do extrativismo na litorânea cidade de Parnaíba. [...] O comportamento dos comerciantes parnaibanos se destacou pelo fato de manifestarem, além dos interesses inerentes ao bloco social hegemônico, interesses próprios, específicos de sua condição. Esses interesses, contudo, só se impuseram na medida em que não se opunham frontalmente aos ditames das oligarquias agrárias. [...] Quanto à grande massa da população, sem acesso à propriedade da terra, grandemente desfavorecida na distribuição da renda e destituída de qualquer poder político, era constituída de escravos, vaqueiros, "moradores" artesãos, assalariados e funcionários de baixa renda [...] além de toda sorte de subempregos existentes. A eles, juntavam-se, ainda, [...] os pequenos proprietários, que viviam do cultivo da terra. (MARTINS, OP CIT, p. 85, 86).

A maioria da população sobrevivia a duras penas. O destaque aqui é para os comerciantes de Parnaíba, sede de Ilha Grande até a década de 1990, que conseguiram enriquecer graças à exportação de produtos extrativistas. A riqueza forjada nestes tempos deu à cidade características dissonantes dos demais municípios do Estado em alguns aspectos. Casarões são erguidos, a urbanização é cuidada com apuro. Talvez essa época possa ser denominada a "Belle Époque" de Parnaíba¹³.

Há igualmente diferenças na educação, o que será abordado mais à frente. No início do século XX, o extrativismo vegetal surge no cenário piauiense como mais uma importante opção econômica; no entanto, se parecia em muito com o formato da pecuária extensiva, marcada pela mão-de-obra sem especialização e pela pobreza extrema dos trabalhadores:

O extrativismo utilizou fundamentalmente a mão-de-obra disponível na região e provocou apenas leves alterações nas relações sociais. [...] a mão-de-obra do extrativismo era constituída de autênticos párias, sobrevivendo basicamente às custas da colheita, da caça, da pesca e de uma agricultura praticada rudimentarmente. (MARTINS, OP CIT, p. 66).

¹³ Ver figura 2



Fig. 2 - Vista de casarões

Os principais gêneros exportados foram o látex da maniçoba e a cera de carnaúba. A cidade de Parnaíba foi, então, o maior centro exportador do Estado, o que faz nascer no município uma minoria de comerciantes abastados como resultado das exportações da cera de carnaúba. Durante um curto espaço de tempo, as cifras envolvidas na exportação de tal gênero fizeram de Parnaíba uma cidade promissora e florescente, principalmente durante a Primeira Grande Guerra:

A primeira grande atividade extrativista comercial no Piauí foi a extração do látex da maniçoba, cuja produção, iniciada por volta de 1900, em pouco tempo alcançaria cifras bastante expressivas. [...] durante cerca de 15 anos permaneceu, de longe, o principal gênero de exportação piauiense. [...] A cera de carnaúba passou a ter valor enquanto produto de exportação com a descoberta de sua utilização no fabrico de graxas para sapato, ceras para assoalho, discos, etc. Antes a cera era utilizada sobretudo na fabricação doméstica de velas de iluminação. Por volta de 1907 ocorrem as primeiras vendas de cera no exterior. Porém, elas só tomarão impulso após 1910. [...] Durante a Primeira Guerra Mundial os preços sobem vertiginosamente [...] Com o término da Guerra a cotação da cera baixou muito [...] No Piauí, muitos comerciantes dedicados ao negócio da cera faliram. [...] A partir de 1935, o preço da cera começa novamente a subir. [...] Mas começaram as pressões baixistas, e os preços caíram em níveis à metade dos vigentes naquele ano. A partir de então estavam findos os grandes surtos de produção da cera de carnaúba. Os preços registraram, ainda, depois de sensível baixa, uma certa estabilização durante os anos 50. (MARTINS, OP CIT, p. 58,59).

Durante aproximadamente 30 anos, Parnaíba se vê como polo econômico do Estado, uma vez que servia de escoaouro para as exportações. Após os anos 1950, a exportação regride drasticamente e a

cidade volta a uma realidade bem menos abastada. Atualmente, a cidade ainda ostenta casarões que lembram a época de abastança, mas chega a remeter a certa sensação de abandono:

Geograficamente, localizou-se no único escoadouro litorâneo, a cidade de Parnaíba, e nos pequenos empórios às margens do mesmo nome. Atualmente, tanto a grande cidade mercantil do Piauí quanto os centros ribeirinhos, a semelhança das "cidades mortas" das primeiras vagas cafeeiras retratadas por Monteiro Lobato, guardam nostálgicos vestígios dos tempos de "bom preço" da borracha, e do babaçu. (IDEM, p. 67).

O crescimento foi breve e logo a cidade sentiu as consequências do retrocesso econômico:

Parnaíba, por exemplo, teve um surto de crescimento devido a suas transações no mercado externo. Entretanto, o ciclo do extrativismo teve pouca duração, a cidade entrou em decadência, revertendo o processo anterior, ou seja, o processo de formação e fortalecimento da agricultura de subsistência que produzia alimentos para aqueles que trabalhavam nos demais setores. (IBIDEM, p. 105, 106).

Em 1950, Parnaíba era de longe a maior detentora de indústrias do Estado:

Parnaíba destacava-se como maior centro industrial do Estado, em face da maior concentração, na zona do litoral, de estabelecimentos do ramo químico [...] Detinha o município, em 1950, cerca de 43% do valor da produção industrial, contra 28% de Teresina e 4% de Floriano. O comércio responsabilizou-se, em 1950, por 22,8% da renda interna do Estado, figurando como principal item do setor de serviços. (Ibidem, p. 58,59).

Desde então, a cidade não viu crescimento semelhante, permanecendo, aparentemente, como que uma memória dos dias em que esteve no centro das atenções do Estado. Os sinais da decadência econômica estão por todos os lados, como o antigo casarão dos Dias da Silva, a "casa grande", que não é nem a sombra das descrições que se fazem a seu respeito.

Na cidade de Parnaíba, estes dois nomes ainda são famosos e respeitados, permanecendo a "Casa Grande dos Dias" como um dos prédios históricos do Município. A fazenda Paraíso, em Ilha Grande de Santa Isabel, é também citada como parte das posses dos Dias da Silva.

Sobre Morros da Mariana, uma das poucas informações diz respeito a dona Mariana, que teria sido a fundadora do local. Os moradores contam uma história que se confunde com uma lenda sobre esta mulher, que teria dado nome ao lugarejo. Não foi possível, entretanto, obter elementos suficientes para saber se os dados procedem. Este, por outro lado, é um dos raros fatos, senão o único, que está na memória popular do local acerca de sua história:

Minervina, filha de Dona Mariana, tinha uma filha de seis anos chamada Maura. Um dia levou a menina para um local onde costumava lavar roupa. Ali havia um poço natural profundo e de águas tranqüilas. Subitamente surgiu uma enorme cobra sucujú que se enroscou na criança e levou-a para o fundo da água. A mãe, desesperada, começou a gritar. Os caçadores que estavam em casa de Dona Mariana correram em seu socorro, conseguiram matar e tirar a cobra da água. Em seguida rasgaram a barriga da cobra e arrancaram o corpo já sem vida de Maurinha. O sepultamento da criança inaugurou o cemitério do local. Tempo depois, pelos idos de 1755, a menina apareceu para a avó no meio de uma luz clara e suave e pediu para que fosse construída uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Dona Mariana chamou o pai de Maura, João Branco, e contou-lhe a visão que tivera. Construíram então a capela que foi inaugurada em dezembro de 1755, com festas e danças. Em maio de 1756 dona Mariana faleceu, aos 96 anos. (HISTÓRICO, 2002)¹⁴.

É de Humberto de Campos um dos poucos textos encontrados que descrevem os Morros da Mariana no início do século XIX. Assim ele discorre sobre a localidade cujo acesso então era feito a cavalo:

O arraial Morros da Mariana, no interior da ilha Grande, ou ilha de Santa Isabel, fronteira a Parnaíba. Íamos a passeio. [...] Era um simples povoado de pescadores, tendo uma centena de casas de palha, e nenhuma de telha. Imprensado entre morros de areia fina, alguns de uma centena de metros de altura, caracterizava-se pelos coqueiros farfalhantes, que tomavam quase toda a extensão do vale pitoresco. Um braço de rio estreito, que desaparecia na maré vazante, estendia-se até duas vezes por dia, abrindo-se em enseada, de onde partiam as canoas para as pescarias em alto mar. Do cimo do morro mais alto, vestido de cajueiros baixos e agrestes, viam-se as torres da Igreja de Parnaíba, a quatro léguas de distância. Não havia repartição ou capela. Apenas, como traço eventual de civilização, uma pequena escola primária de primeiras letras, cujas paredes eram troncos de carnaúba e cujo pavimento era de areia solta. Duas ou três vendas pobres. E junto ao porto, cercado por montes de bagaço que os grandes bois comiam

¹⁴ Documento encontrado na Biblioteca Municipal de Ilha Grande do Piauí, sem paginação, autor desconhecido.

melancolicamente, um engenho rústico, movido por duas parselhas bovinas, e que transformava em aguardente, ou em rapadura grosseira, a produção dos canaviais particulares que ficavam na região baixa, do outro lado do rio. (CAMPOS, 1960, p. 223-224).

Dona Deusa, de 72 anos, descreve o que se lembra da época em que era pequena. Relembra que é descendente de cearenses, e que a família, que tem raízes em Granja – CE, veio para o local fugindo da seca. A avó teria chegado no tempo de uma guerra, o que arrasta para a século XIX a migração daquela linhagem. A informante, então, já nascera nos Morros da Mariana:

Nasci. Isso aqui era mato. Não tinha moradia não. O meu povo é cearense. Meu pai é de Granja. Mora em Granja a minha família por parte do meu pai. E a por parte da minha mãe em Cascavel, perto de Fortaleza. Aí a mãezinha¹⁵ veio embora pra cá com minha mãe. Minha mãe quando chegou aqui foi que se casou com meu pai. Eu num sei quando foi que elas chegaram e quando foi que minha mãe nasceu. A mãezinha veio pra cá no tempo da guerra. Teve uma guerra de 77 e teve outra mais pra cá que o pessoal quase morre de fome. E naquele tempo da guerra levavam o povo pra guerra. E aí o lugar dela ainda existe. Nunca foi vendido porque os papel era dela. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos)

Dona Deusa traz à tona reminiscências contadas pela avó. A mãe teria chegado ainda criança, trazida pelos avós cearenses. O “medo” da água teria levado o avô a construir a casa num alto. A avó paterna, diz ela, foi descendente de dona Mariana, a mulher que dera nome ao lugarejo. Assim, narra:

Ela disse que chegou com a minha mãe aqui pequena, que era a mais nova. Aí a mãezinha que veio com medo da guerra, fez uma casinha bem no final da rua. Mas aí, ele é cearense, tem medo d'água. Quando viu a água foram morar lá no alto das candinhas, lá Rua da Glória. A outra minha avó, chama até Chica Mariana, foi das primeiras moradoras que chegaram aqui nos Morros da Mariana. Ela trabalhava de roça, que nesse tempo tudo era mato. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Sobre o local de sua casa atualmente, afirma ter sido um cemitério, onde pessoas que faleciam de doenças infecto-contagiosas eram costumeiramente enterradas. A visão do antigo cajueiro e demais árvores que existiam quando se mudou ainda povoa seu imaginário:

¹⁵ É a avó materna a quem ela denomina mãezinha, uma vez que ficou órfã de mãe ainda bebê.

Aqui era um cemitério que enterrava as pessoas que morria de febre amarela, de lastrina, que era doenças condenadas, tuberculoso, foi tudim enterrado aí nessa época. Agora num tem mais nada não. Bem aqui em frente daqui de casa era cajueiro, era pé de munlugu, pé murici, um bocado de arvore de planta que tem aqui. Aí depois foi que o pessoal construiu. (IDEM).



Fig. 3 - Rua de dona Deusuite

As lembranças de Dona Maria José igualmente ajudam a compor uma imagem da geografia local no início do século XX, quando, aos sete anos, chegou do Maranhão juntamente com a família:

Ah, eu lembro. Eu tinha sete anos de idade. Era diferente, meu Deus. Às vezes eu falo pro meu marido meu Deus como mudou aqui. Nós viemos de canoa de Araíoses. Ainda me lembro quando nós chegamos aqui. Noite de lua clara. Tudo areia, tudo morro. Aquelas areias tão brancas, alva naquela lua! Aí chegamos numa casinha velha, sem nada, uma casa tão atrasada. Num tinha energia, num tinha nada. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

As dunas a que se referiu Campos (1960) ainda estavam presentes na chegada da família. A igreja, que foi modificada, funcionava pelas mãos dos fiéis. As casas de taipa cobertas de palha eram a maioria, como expõe:

Tinha aquelas dunas pequenas. Eu num sei nem onde foi essas dunas depois que calçaram. Num tinha a praça, num tinha nada. Poucas casas, tudo antiga. Isso era em 1947, eu nasci em 1940. Já tinha a igreja. O padre vinha aqui de seis em seis meses. A igreja funcionava mesmo só com os fiéis que faziam aqueles cultos, aquelas novenas. O padre em Parnaíba. A igreja era menor, foi reformada. Mudou muito ela. Num tinha muro, nesse tempo era muito pobrezin. Tinha muita casa de palha naquela

época, muita casa de taipa. Agora não se vê mais casa de taipa, casa de palha. É difícil ver. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Nas reminiscências das histórias contadas pela avó de dona Deusa, a lembrança da fome e da seca por que passaram seus descendentes aguça a percepção dos anos muitos anos que já viveu. Assim se traz à baila a pequena expectativa de vida de outrora e na própria infância sofrida:

Ela contava muito sofrimento que ela sofreu nesse tempo lá no Ceará, muita fome. Disse que o pessoal quebrava os pau de mandioca e truxia pra beber água, morto de fome e de sede. E aí ela veio simbora pra cá. Trouxe o tio Fausto, trouxe a madrinha e trouxe a tia Nega e trouxe a cotinha e trouxe minha mãe que era a mais nova. Quando chegou aqui minha mãe tinha uns cinco anos. E eu no dia em que eu completei 60 anos eu fiquei no meio da rua botei os braços pra cima e agradecia a Deus porque num é fácil você ser criada, eu pelo menos, quando minha mãe morreu minha tia me botou logo dum lado e foram brigar por mim. Meu pai disse não, pelo amor de Deus, num faça isso comigo. Deixe mendo ela pra mim. Aí ficou me criando, me cuidando. Eu e meus dois irmãos. Aí com dez anos ele morreu. Meu pai tinha três casas com um terrenão que hoje todo mundo é dono. Quando nós chegamos do sétimo dia o que aconteceu? Cada qual pegou uma trouxinha e pronto. Joga pra cá e pra lá. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Sobre a rotina dos dias que passou em Morros da Mariana, seis meses mais ou menos, Campos (1960) rememora:

Metido em um camisolão branco, eu percorria o arraial todo, durante o dia inteiro [...] Dividia o meu tempo entre coqueiros, o engenho, os canaviais, o banho no rio, e a batida aos cajueiros. [...] Chefiando um grupo de caboclinhos vadios, peraltas da minha idade, que passava o dia todo em correrias pelo arraial e suas vizinhanças, esperando a hora da maré e dos tumultuosos mergulhos no rio. Eu me entreguei, então, a uma ociosidade solta e selvagem. Pela manhã, com a sombra dos morros ainda envolvendo o lugarejo, com uma cuia, para o engenho, e enchia-me de garapa fresca e doce. Voltava, tomava café, e desaparecia. Se alguns trabalhadores iam partir para os canaviais, metia-me na canoa, e partia com eles. Se iam para pescarias de traíras, acompanhava-os da mesma forma. E era com o mesmo desembaraço que atravessava o braço de rio, e me internava no alagadiço fronteiro, quando ia em busca de Jussara, ou à procura de algum dos bois da moenda, para substituição do que havia capitulado sob o peso da carga. Se me faltava qualquer dessas expedições, ia para o engenho, a aguilhada nas mãos, tocar os bois pacientes e melancólicos; ia para a sombra das latadas rústicas, escutar os pescadores que aí refaziam as redes, ou

consertavam as canoas; ou ia para o oitão das casas, tingir de vermelho, com folhas ou casca do cajueiro, as grandes linhas de pesca. Fabricava, com o âmago do talo do buriti, pequenos barcos, [...] E planejava, sempre, uma pescaria em alto mar, na barra das Canárias, em que devia gastar dois ou três dias entre as ondas e os ventos.

A maior tentação era, porém, o banho, apesar de ser um passatempo quotidiano. Cheia a maré, tirava eu o meu camisolão, e atirava-me na água. Os meus companheiros não se davam sequer a esse trabalho, porque, na sua maioria, andavam nus, como selvagens. Junto à enseada, ao lado de engenho, erguia-se um morro de areia, de trinta ou quarenta metros, limpo, liso, e íngreme, cuja base mergulhava na água. Lembrava um seio de mulher, túrgido, branco, imaculado. (P. 224-226).

O trecho a seguir reforça as noções sobre a vida simples que se levava no Município, bem como os víveres disponíveis por lá e os que vinham de Parnaíba. A falta de médicos e remédios também chama a atenção nessa memória de Campos, bem como a presença da figura da reza para curar as doenças, utilizando-se também de plantas e chás:

Os recursos de que minha família aí dispunha para viver, eram minguados e tristes. Um dos meus tios maternos, que ainda se achava em Parnaíba, mandava às minhas tias alguns quilos de café em grão, açúcar, sabão, e dois ou três quilos de cereais. Elas vendiam uma parte desse magro sortimento em pequenas quantidades – uma quarta (100 gramas) de café, uma quarta de açúcar, uma quarta de farinha, meia quarta (50 gramas) de sabão, recebendo como pagamento dinheiro, ovos ou peixe. Com os quinze mil-réis do aluguel mensal da casa de minha mãe nos Campos, fazia-se o resto da despesa. E passávamos a peixe, ovos, galinha, e Jussara, que eram comidos com apetite em nossa pequena casa de palha, calçada de barro batido, e cujo quintal era o mundo. [...] Foi aí, todavia, que me assaltou a enfermidade mais grave de que se ressentiu a minha infância. Eu devia ter uns dez anos. Foi uma febre, não sei se palustre ou tífica. Sei que foi tão alta, e tão persistente, que perdi os sentidos durante muitos dias. Para melhor cuidar de mim, minha mãe me desceu da rede, improvisando para mim uma cama no chão, sobre uma esteira no meio do quarto. Não havendo farmácia senão em Parnaíba, tinha-se que recorrer à reza e aos remédios caseiros. Minha mãe pegou-se com a Senhora das Candeias e recorreu ao chá de sabugueiro. Prometeu uma vela à santa, cuja festa era, lembro-me bem, 2 de fevereiro. E eu fui salvo, a custo, das unhas da morte. (CAMPOS, 1960, p. 228).

Qual seria o perfil dos formadores daquele povo? Possivelmente seguiam para região tão distante e agreste do País homens que poucas expectativas levavam da vida. Um Estado esquecido pela Coroa durante quase cem anos, em uma colônia também distante e “rude”. Juntam-se

neste caldeirão índios “domesticados”, sobreviventes de um massacre; negros escravos e os descendentes dessa miscigenação encorajada para que a colonização se fizesse¹⁶. As poucas mulheres que por ali se aventuravam não tinham maiores perspectivas do que os homens. As índias eram grandes reprodutoras, aparentemente.

Em Parnaíba e em Ilha Grande, contudo, poucos se dizem descendentes de índios. Qual seria a causa? Por lá, é mais comum as pessoas se assumirem descendentes de negros do que de índios. Pode ser que isto esteja ligado à luta pela sobrevivência. Os ancestrais que se miscigenaram será que se podiam declarar descendentes de índios e sobreviver? Por outro lado, o extermínio de índios pode ter sido tão profundo, que de fato não restem muitos descendentes da etnia atualmente na Ilha Grande. No Estado do Piauí havia inúmeras tribos quando do início da colonização. Atualmente é o único estado do país que não registra uma só tribo indígena. Há que se perguntar por que a memória do passado de Ilha Grande não passou adiante para as novas gerações. De fato, os textos pesquisados mostram um esforço recente de umas poucas pessoas de Parnaíba para registrar a história de seu município. Na memória, porém, os mais velhos trazem os “grandes feitos” de seus outrora ilustres moradores; contam com orgulho o passado promissor da cidade. Em Ilha Grande, simplesmente, não parece haver lembranças de um passado que volte algumas gerações.

A Ilha Grande, objeto de estudo desta pesquisa, era provavelmente habitada pelos índios tremembés, excelentes nadadores e ferozes guerreiros. Hoje, não só não se “encontra” índios por lá, como também a memória do passado daquele município está perdida nas lembranças de seu povo. Não há documentos de história escrita, tampouco os mais velhos sabem contar acerca de suas origens. Mesmo em Parnaíba, município ao qual esteve Ligada a Ilha até 1994, pouco se sabe de seu passado. É como se um lapso se tivesse operado no

¹⁶ Não posso me furtar aqui da lembrança da afirmação da grande miscigenação brasileira preconizada por Câmara Cascudo em Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil.

Município: havia os índios, vieram as fazendas de gado, os engenhos, os pescadores, o tempo que se passou desses dias até hoje e o que houve com aquela gente, como se transformaram no que são hoje, não se sabe, aparentemente. Este lapso remete a uma passagem do filme "O Auto da Compadecida", em que a personagem "Chicó", após contar uma história, perguntado como aconteceu, responde: - "num sei, só sei que foi assim"; ou seja, se sabe que a Ilha era habitada pelos índios tremembés, que hoje lá vivem muitos pescadores, vivem as rendeiras, mas o que aconteceu nesse ínterim não sabem contar. Há poucos registros sobre o passado da Ilha. Quando é citada em textos históricos, é ao largo que lhe fazem alusão. Terá o povo daquele lugar "esquecido" de salvar suas memórias por serem elas doídas ou sombrias demais? Um povo foi dali erradicado por anos de guerras entre brancos e índios. Os que sobraram poderiam eles se nomear índios e, ainda assim, continuar a viver? É possível que aí resida um dos motivos por se ter perdido as memórias de lá.

2. CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO NO PIAUÍ

É o homem, com sua conduta, seus comportamentos e atos, quem faz a história, a arte e transmite seus conhecimentos por meio do ensino, formal ou informal,

perfazendo o caminho de um processo evolutivo e progressivo denominado educação¹⁷

A educação no Estado é um capítulo à parte. Somente no final do século XVIII, encontra-se registro da ordem para ser criada a primeira escola no Piauí. Isto ocorreu, de fato, no ano de 1815.

Uma descrição dos colonizadores de Parnaíba, na segunda metade do século XVIII, classifica-os como pessoas rudes, criminosos, indóceis, preguiçosos e sem instrução, como se pode observar no trecho a seguir:

Indóceis por natureza, e falta de instrução, se arrojam a cometer todo o delito, sendo já hoje não menos freqüentes o do furto; praticado pelos artificiosos modos com que as negociações se fazem. A todos os vícios excede e deles é também causa, a inaudita e indizível preguiça, que os ocupa. (DURÃO, 1772, apud MENDES, 2007, p. 32).

Embora não haja registros de que os jesuítas tenham por aqui se dedicado com o mesmo afincamento à educação na região em foco do que nas demais partes do País, com a sua expulsão, mais necessidade se percebe de o governo se preocupar com esta questão:

A expulsão dos jesuítas do território brasileiro, coloca para a Coroa Portuguesa, o desafio de bancar o sistema educacional com a introdução de aulas régias, que incluíam gramática latina, grego e retórica. [...] Coube, então, ao governador João Pereira Caldas, o desafio de manter as duas primeiras escolas criadas na capitania, pelo alvará de 03 de março de 1757, na vila da Mocha (Oeiras) uma para meninos na qual deveriam aprender doutrina cristã, ler, escrever e contar e outra para meninas onde deveriam aprender além da doutrina cristã, ler, escrever, contar, coser, fiar, fazer rendas, etc. (MENDES, 2007, p. 33).

O fato de a renda ter sido uma matéria ensinada para as meninas nas primeiras escolas é curioso. Faz refletir acerca da possibilidade de o ensino da atividade ter passado por um ciclo que começa com o ensino nas escolas, passa para o cotidiano dentro das vidas familiares e agora em parte retorna à origem do ensino nas escolas, tendo como exemplo os cursos de rendeiras que existem nos Morros da Mariana

¹⁷ OSINSKI, 2002, p.7

-PI, convivendo com a educação feita nas casas, tendo as mães, tias, familiares e afins como mestras desse ofício ancestral.

Igualmente, há informações levando a crer que a renda era ensinada também às índias para confeccioná-las em favor de seus patrões, sem que o pagamento fosse modificado após aprenderem o ofício: “como também às índias a quem ensinarem costuras e rendas, depois de serem perfeitas nesta arte, servirão às suas amas, ou amos respectivos, sem alteração de soldada, por mais seis anos”. (COSTA, 1981, p. 128).

Esta afirmação corrobora um texto sobre renda de bilros e sua difusão no Nordeste, mais particularmente no Ceará, onde se alega que o saber foi trazido para o Brasil de Portugal e ensinado, entre outras atividades, às índias “domesticadas”: “Foi assim a partir dos aldeamentos indígenas, onde ao lado da violência se elevava um espírito iluminista, de preparação daquelas mãos para a feitura do sublime.” (CEARÁ feito a mão, 2000, p. 84).

A renda está profundamente imbricada na vida regional. Ela é fonte de complemento orçamentário, de distração, elo entre mulheres em uma mesma família, dentre outros aspectos que marcam a história do Nordeste.

Particularmente no Município dos Morros da Mariana, as rendeiras têm papel de destaque em sua história. O nome do Município, já aludido, parece advir da primeira rendeira a morar no local, dona Mariana. Algumas das lendas locais igualmente estão ligadas a esta mulher e sua família. As rendeiras de hoje também têm atenção especial na cidade, uma vez que são atrativos para turistas que passam em direção ao Delta do Parnaíba, bem como pelo trabalho que desenvolvem e que obtém projeção nacional.

Em 1757, Costa (1981) destaca, um alvará cria na Vila da Mocha, atual cidade de Oeiras e então capital da Capitania, as primeiras escolas de educação primária documentadas: para os meninos seriam

ensinados a doutrina cristã, leitura, a escrita e as contas; para as meninas o currículo incluía, ainda, o ensino da costura e da renda, entre outros:

3 de maio – Alv. Criando na Vila da Mocha, hoje cidade de Oeiras, duas escolas de instrução primária, sendo uma para meninos, na qual deviam aprender a doutrina cristã, ler, escrever, e contar; e outra para meninas, na qual se lhes devia ensinar, além da doutrina cristã, a ler, escrever, e contar, coser, fiar, fazer rendas etc. Foram estas as primeiras escolas criadas no Piauí. (P. 126).

Nesta época, os professores eram pagos com farinha ou gênero alimentício outro. Por essa razão muitas cadeiras de primeiras letras ficaram sem professores durante muito tempo. (MARTINS, 2003).

Para Mendes, (2007), a escola chega um pouco mais tarde: “Oficialmente, é com data de 4 de julho de 1778, que encontramos o registro da criação de uma cadeira de latim na vila de São João da Parnaíba”. (P. 34).

Esta discussão, no entanto, não muda o fato de que até pouco antes da Independência ainda não havia escolas no Estado e o nível escolar da população em geral era rasteiro. Parnaíba se mostra um pouco diferente disso, pela existência de alguns moradores abastados, a exemplo da família dos Dias da Silva, que contavam com escravos letrados para a educação de seus filhos:

Uma sociedade onde a maioria de seus integrantes detinha um baixo nível intelectual. [...] Até às vésperas da independência, não havia escolas no Piauí. As raras pessoas que sabiam ler e escrever deviam isso a excepcional oportunidade oferecida por dois padres (Araújo Costa, de Jaicós, e Domingos de Freitas, de Piripiri) que conciliavam o sacerdócio com as funções de fazendeiro e educador. Em 1832, não mais de cinco escolas. Localizadas nas principais cidades, ensinavam algumas dezenas de crianças a ler, escrever, e contar, além dos rudimentos da doutrina católica. Afora isso, apenas alguns raros potentados davam-se ao luxo de manter entre suas criadagens, escravos ilustrados que alfabetizavam seus filhos. [...] O famoso Barão de Parnaíba, o maior potentado do Piauí durante o século passado¹⁸, dirigiu o governo provincial durante vinte anos, sendo analfabeto. [...] Neste quadro, apenas Parnaíba, mais uma vez, apresentou variação, com seu arremedo de aristocracia comercial. George Gardner, quando visitou esta cidade após a independência, admirou-se do inusitado espetáculo que o exportador de charque Simplício Dias da Silva lhe ofereceu: recebendo-o a européia,

¹⁸ Nesse caso, trata-se do século XIX.

ostentou orgulhoso um grupo de escravos ilustrados que inclusive chegaram a formar uma banda de música capaz de executar peças européias e, segundo a tradição, de falar línguas estrangeiras. (MENDES, 2007, P. 87,88).

Com o advento do extrativismo, as possibilidades de educação aumentaram sensivelmente, porém sempre sem oferecer perspectivas para a maioria da população. O número de escolas primárias foi ampliado, surgiram, sobretudo, em Teresina e Parnaíba, alguns estabelecimentos secundários, bem como se verificou maior participação de “doutores” na vida política do Estado. A injeção de capital em Parnaíba por tal comércio a torna uma das cidades mais promissoras do Estado. Os mais abastados da cidade, então, investem em escolas que possam receber seus filhos. A população menos favorecida, no entanto, segue sem acesso aos bancos escolares.

Embora as escolas tenham começado a aparecer no cenário, entretanto, ainda funcionavam de modo precário e improvisado.

Humberto de Campos, que viveu em Parnaíba na infância, muitos anos depois das primeiras escolas surgirem, assim descreve em suas memórias a primeira escola em que estudou na cidade:

Dirigia-a uma senhorita que era quase menina, a qual, ainda hoje, parece mais moça do que eu. Não sei, ao certo, o prenome. Davam-lhe o tratamento de Sinhá Raposo. Era miúda, gentil, graciosa, de cor moreno-claro. Não me parece que se preocupasse muito com os alunos. Vivia sempre para o interior da casa, no qual residia a família, e para onde levava minha irmã pequena, a quem dava doces e outras gulodices. Não obstante isso, a escola era freqüentadíssima, principalmente por gente pobre, do bairro dos Tucuns. Tenho, ainda, muito nítido, na memória, o aspecto da escola pública e humilde [...] Sala grande, e baixa, de chão de tijolo, com três janelas abrindo para a praça do mercado. Em uma das extremidades, à esquerda, um estrado baixo, com a mesa da professora. Diante dela, paralelamente, os bancos de madeira, estreitos e altos, com a meninada de ambos os sexos, e todas as cores que constituía a população. Comprimidos os pés sem tocar o solo, a cartilha e a tabuada nas mãos, a criança se esgoelava, com toda a força dos pulmões, ao mesmo tempo em que balançava as pernas no mesmo ritmo: um b com a, b-a BA, um b com e, b-e bé, [...] Quando era tabuada, a tonalidade ainda era mais triste, e o estudo variava, de acordo com a operação: dois e ummm três, dois e doooois quatro, [...] Os mais adiantados tinham cantiga diferente, e mais alegre, embora complicada: Cinco “vez” cinco vinte e cinco, Novisfora sete. Regra de vinte vão dois; Ciinco “vez” seis trinta, Novisfora três. Regra de trinta vão três. [...] A aula

começava às dez horas, e terminava às duas. Ao meio-dia, havia, no entanto, uma distração: púnhamo-nos todos de pé, e cantávamos, ou, melhor, berrávamos, o Hino ao Trabalho, de Castilho: Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho nos dá vida, saúde e vigor, e da orquestra da serra e do malho brotam hinos, cidades e amor. (P. 160-163).

Havia também a escola particular de Dona Marocas Lima, que se assemelhava, pela descrição de Campos, à escola pública há pouco descrita:

Ficava à Rua Duque de Caxias, em uma casa pequena, de calçada alta, com uma porta e duas janelas na frente. A sala, que abria diretamente para a rua por essa porta, encostadas à parede, em uma fila única, as doze ou quatorze cadeiras dos meninos. Do lado oposto, em filas sucessivas, as meninas. Entre uns e outros, de frente para a rua, a mesa de Dona Marocas Lima, ou, melhor, mestra. Dona Marocas Lima, ou, melhor, mestra Marocas, era uma senhora de pequena estatura, morena, magra, de cabelos lisos e negros, e de uma palidez terrosa e doentia. Tinha uma tosse miúda e seca, e diziam-na doente do peito há mais de vinte anos. [...] era frágil, doce, triste e silenciosa. Mas exercia com sua tristeza e com o seu silêncio uma inquebrantável autoridade. (IDEM, p. 188-189).

Campos descreve também o externato São José, escola particular masculina frequentada por um número em torno de oitenta alunos:

Era uma casa baixa, de esquina, com duas ou três janelas de frente, e meia dúzia de portas para a travessa. Três salas atijoladas, sendo a terceira estreita e comprida. Um corredor de uma dezena de metros conduzia até a cozinha, cujo fogão de barro havia perdido a memória do fogo. Um pequeno quintal, com cerca de pau, e alguns metros de muro. [...] Como nas demais escolas masculinas de Parnaíba, o Externato não possuía qualquer instalação sanitária. [...] O mobiliário do Externato era o de qualquer escola pública da cidade. Bancos estreitos e sem encosto, alinhados diante da mesa do professor. Ao lado desta, outra mesa para o ditado. Não havia carteiras, nem qualquer outro ponto de apoio para o livro ou para os braços. [...] apenas um ou outro aluno mais afortunado pode levar para a escola sua cadeira. No externato São José estes últimos não eram mais de oito, dez, que ficavam na primeira fila, formando o "estado-maior" do estabelecimento. O colégio de José Serra Miranda gozava, por esse tempo, de sólida e invejável reputação, e era, por isso, freqüentadíssimo. Estavam matriculados nele, quando entrei, cerca de 80 alunos, de todos os cursos. E não possuía outro professor. O seu diretor ensinava Português, Latim, Francês, Inglês, Aritmética, Geometria, Álgebra, Trigonometria, História Universal, História Sagrada e o mais que se quisesse. O ensino dessas matérias consistia, é verdade, apenas em passar a lição. Era tudo decorado. [...] Os alunos do curso primário eram lecionados pelos do secundário. (OP CIT, p. 254, 257).

O diretor da escola é descrito como um homem jovem e elegante, um tipo meio europeu que se diferenciava dos parnaibanos de modo geral. "Esguio, fino, elegante, era um tipo delgado de europeu do Norte, e vestia com limpeza, quase com apuro [...] Essa originalidade e a circunstância de ter vestido batina, em uma cidade que só possuía um vigário, tornavam-no, em suma, um indivíduo à parte, na fauna parnaibana. (IDEM IBIDEM, p. 260-261).

Somente se fala na criação de uma escola mista nos Morros da Mariana em 1906, possivelmente a primeira escola a ser fundada pelo Governo no local após o advento da República:

Por parte do Governo do Estado do Piauí os primeiros anos de República, o que se observa é uma preocupação em fixar normas e diretrizes para educação. [...] Em Parnaíba, a ação do Estado nesse sentido limitou-se a criação de uma escola primária mista em 27 de junho de 1900 e uma outra primária, mista, na localidade Morros da Mariana no ano de 1906. (MENDES, 2007, p. 81).

Não mais afortunado do que o percurso educativo no Estado e em Parnaíba, Morros da Mariana, ao contrário, parece ter-se encontrado, de modo geral, sempre aquém das realidades aludidas. Provavelmente porque durante a maior parte de sua existência foi um apêndice da cidade de Parnaíba, como este levantamento parece apontar.

Cap. 2 – AMBIENTE

Para entender qualquer item cultural precisamos situá-lo no contexto, o que inclui seu contexto físico ou cenário social, público ou privado, dentro ou fora de casa¹⁹

1. OS MORROS DA MARIANA HOJE: contexto socioeconômico

Logo na saída de Parnaíba²⁰ para os Morros da Mariana²¹, há uma ponte por onde se pode atravessar o rio Igarapu, um dos afluentes do rio Parnaíba²², que separa a cidade da Ilha Grande de Santa Isabel²³. Depois da ponte há uma estrada que leva aos Morros da Mariana, hoje Ilha Grande do Piauí. A estrada de mão dupla, asfaltada recentemente, é ladeada por casas simples, tendo uma igreja em destaque, no alto e ao centro do que parece ser um povoado denominado Paraíso²⁴. Muitas bicicletas e pessoas passam frequentemente. Aqui e acolá uma vaca pasta às margens da estrada. Aos poucos as casas vão rareando, até não haver quase nenhuma.

¹⁹ BURKER, 1989, p.132

²⁰ Principal cidade do norte do Piauí e a segunda maior do Estado. Conhecida como Capital do Delta, é uma influente área de prestação de serviços, notadamente no setor de turismo. Fica a 320 km de Teresina, a capital do Piauí. Disponível em: <http://www.parnaiba.com.br/cultura.htm>

²¹ Alguns dos dados sobre Morros da Mariana foram retirados de um documento denominado Histórico, de janeiro de 2002, encontrado na Biblioteca Municipal local, de autoria desconhecida. Trechos deste documento encontram-se também num livro publicado pelo SEBRAE, denominado *Histórias de Sucesso: experiências empreendedoras*, sobre o caso da Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana, disponível na Internet em: <http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br>

²² O rio Parnaíba é o maior rio do Nordeste ocidental. Forma a quarta maior bacia hidrográfica brasileira, e a segunda do Nordeste. Com uma extensão de 1.485 km, serve de divisa natural entre os Estados do Piauí e Maranhão, até encontrar o oceano Atlântico, onde deságua através de sua foz em forma de delta com cinco barras: Igarapu, no Piauí; Canárias, entre o Piauí e o Maranhão; e Caju, Melancieira e Tutóia, no Maranhão. No inverno, o Parnaíba ultrapassa muito o leito natural, por isso sendo chamado o *Nilo Piauiense*. (MARVIGNIER, MOREIRA, 2007).

²³ A principal ilha do delta do Parnaíba.

²⁴ Esse nome deriva da fazenda Paraíso, de propriedade dos Dias da Silva, família importante quando da instauração do Estado.



Fig. 4 - Vista aérea da Ponte Simplício Dias

Uma bifurcação da estrada parece dividir, não só este caminho, mas também o tempo. Na estrada, os vestígios do passado estão registrados em uma velha placa torta e enferrujada, onde se lê “Morros da Mariana”. Em seguida há uma placa onde se lê: “Seja bem vindo á Ilha Grande do Piauí”. (sic). As diferentes sinalizações convivem e se confundem.



Fig. 5 – Boas-vindas

O antigo nome do lugarejo ainda vive na memória do povo local. É Morros da Mariana o nome que os moradores ainda dão ao seu habitat, em detrimento do nome oficial de Ilha Grande do Piauí. Por este motivo, Morros da Mariana é como denominarei o local neste trabalho. Ao cruzar a

placa, o asfalto novo é substituído por outro muito esburacado e cheio de remendos. As casas de taipa se tornam mais frequentes, ao mesmo tempo em que o número de casas diminui.



Fig. 6 - Sinalização confusa na estrada

A estrada é alta e a vegetação, quase uma gramínea, é pontilhada de carnaúbas. No meio do caminho, uma placa informa o caminho para o Município e, em particular, para a Casa das Rendeiras. O detalhe sugere destaque às rendeiras em Ilha Grande do Piauí.



Fig. 7 - Indicação da Casa das Rendeiras

Por um momento, não se vê mais casa alguma, até que o Município de Morros da Mariana surge. Na rua principal, está a Casa das Rendeiras, nome dado corriqueiramente à Associação de Rendeiras dos

Morros da Mariana. Ao seu lado, o posto dos correios. À frente, a funerária da cidade espreita.



Fig. 8 - Chegada à Ilha Grande do Piauí

Existe uma rua asfaltada, que conduz a duas praças separadas por uma igreja. Ao redor deste cenário, a sede da cidade se edifica: a biblioteca municipal, alguns comércios, a Prefeitura, as casas simples em sua maioria, as escolas.



Fig. 9 - Vista da igreja da cidade

Também desse entorno partem pequenas ramificações das demais ruas e a estrada que leva ao porto dos Tatus.



Fig. 10 - Detalhe do Porto dos Tatus

Distante uns três quilômetros do centro do Município, o porto dos Tatus é porta de acesso ao delta do rio Parnaíba para os habitantes dos Morros da Mariana, adjacências e turistas que fazem o “passeio pelo Delta”. Segundo a última contagem populacional do IBGE de 2007, havia, então, 8.420 habitantes, sendo que a maioria se encontra na área urbana²⁵ A população sobrevive basicamente da pesca – em razão da proximidade do mar, de rios e de igarapés; da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva.



Fig. 11 – Vista na entrada da Cidade

²⁵ Capturado em 09/05/2008, disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Ilha Grande é lugar belo. Existe certa semelhança entre a formação das dunas do delta e as dunas dos lençóis maranhenses. Também naquela região entre as dunas se formam pequenos lagos com a água da chuva, que secam na estiagem.



Fig. 12 – Vista do Morro Branco

As dunas, a vegetação, o verde, as áreas de várzea, as carnaúbas e a proximidade com o mar formam o cenário. A vegetação de mangue também é abundante, o que justifica a grande quantidade de animais como o caranguejo. Na foto anterior, um dos lagos formado na época da cheia, com vegetação típica dos manguesais ao fundo. Na Imagem seguinte, a combinação de dunas e água, que se assemelha à formação dos lençóis maranhenses.



Fig. 13 – Morro Branco em outro ângulo

É, entretanto, um município semelhante a tantos outros do litoral do Nordeste, com suas casas simples e praças. O clima quente castiga a vegetação na época de seca; há uma predominância de cajueiros, carnaúbas e arbustos nos arredores.

Do centro se avista um morro encimado por uma imagem de Nossa Senhora. Lá foi construído um santuário no local de uma antiga capela de taipa, aparentemente levantada pela família de D^a. Mariana, provavelmente a primeira rendeira a viver no local, com cujo nome foi batizado o lugarejo.



Fig. 14 - Vista aérea

Em 1994, com a emancipação, o local foi batizado “Ilha Grande por estar situado no extremo norte da Ilha Grande de Santa Isabel”²⁶. Até hoje, entretanto, o Município é conhecido pelos moradores locais e de cidades vizinhas pelo antigo nome, razão pela qual utilizarei a expressão Morros da Mariana quando me referir ao Município.

²⁶ Vide *Histórias de Sucesso*: experiências empreendedoras, sobre o caso da Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana, disponível na Internet em: <http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br> op.cit.



Fig. 15 - Detalhe da Imagem

2. CULTURA

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo... Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer, porque eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho de minha altura... Nas cidades a vida é mais pequena que aqui na minha casa no cimo deste outeiro. Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave, escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu, tornam-nos pequenos porque nos tiram o que nossos olhos nos podem dar, e tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver²⁷

Com a descrição última em mente, posso enxergar o dia-a-dia de cidade pacata mesclado à realidade pós-Moderna, em que os moradores de Morros da Mariana estão imersos. Vejo as cadeiras na calçada nos finais de tarde e também os telefones celulares carregados nos bolsos das calças *jeans* nas bicicletas pelas adolescentes. Observo as pessoas acordando muito cedo e os homens pegando as canoas para trabalhar. As galinhas de granja estão nas mesas e as galinhas-caipiras também. As rendeiras povoando de conversas amistosas as salas, as

²⁷ PESSOA, Fernando, (1888-1935), 2007, p. 24.

calçadas. Crianças assistindo ao “planeta Xuxa” e correndo soltas pelos rios; dançando o “Créu” e aprendendo renda de bilros como se fora há cem anos.

Nesse caldeirão, os homens e as mulheres de Morros da Mariana vivem e fazem história. Sendo assim, “o termo cultura pode ser entendido como algo conflitivo e em constante reformulação”. (ANGELO, 2005, p. 73). Sob esta perspectiva, acerca da cultura daquele local, é interessante que se reflita a respeito de diferenças e as consonâncias ali encontradas. Na cultura estão enredadas quaisquer relações humanas contemporâneas que se façam ações constantes (ANGELO, 2005).



Fig. 16 - Crianças banham-se no Igarapé ao por-do-sol

2.1 HÁBITOS ALIMENTARES

Sobre a alimentação, coletei a maioria dos dados em uma animada conversa coletiva, quando, espontaneamente, as mulheres presentes na Casa das Rendeiras falaram de seus hábitos cotidianos. Escolhi esta forma de abordagem por considerá-la menos invasiva, uma vez que as depoentes se mostraram por vezes constrangidas acerca das perguntas que envolviam a economia doméstica e salários principalmente.

Esta conversa aconteceu na tarde do dia 16 de maio de 2008, enquanto elas trabalhavam em suas almofadas. De algumas depoentes, no entanto, consegui informações durante as entrevistas que fiz individualmente. Suas falas aparecerão para ilustrar a descrição sobre a alimentação, sempre que necessário.

Como a cidade fica próxima do mar, e é cercada por igarapés, a base da alimentação local são os pescados. Embora o mar esteja próximo, contudo, os peixes, o caranguejo e os mariscos que compõem a dieta da comunidade, em sua maioria, vêm do rio.

As entrevistadas apontaram algumas combinações que frequentam a mesa de suas casas cotidianamente, como marisco e peixe cozido com arroz branco.

O Piauí é um dos maiores produtores de caranguejo do País, e o Delta do Piauí é a região do Estado de onde sai a maior parte da produção. A pesca do animal é, então, muito comum aos homens que habitam a Ilha Grande de Santa Isabel. A descrição deste tipo de pesca, feita por uma das mulheres, revela quão penosa ela pode ser. Os que tiram o caranguejo da lama fria do mangue, no entanto, são os que menos ganham no processo que termina muitas vezes nas mesas de restaurantes de Fortaleza. O trabalho árduo desses homens está descrito na fala de Laurinha:

De tanto eles enfiar um braço só eles ficam com um braço encardido. Eles botam um pano pra cobrir o braço, mas num adianta não. Você mete o braço todinho dentro. Se deita na lama. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Edinalva completa a descrição, quando rememora, na sua infância, o avô pescador no retorno do trabalho:

Quando ele chegava, o cofo²⁸ dele vinha cheio. Num era biscoito, nós chamava de primeiro era bolacha. Aquelas broa que ele sabia que nós gostava. Eu sei que era um monte de carne com osso, e banana couruda e essas bolachas. Mas nós ficava era feliz quando ele chegava com esse cofo. Aí ele já tava bem queimadão na quitanda lá e nós vinha trazendo rebocando esse cofo pesado. Ô era alegria quando nós chegava lá. Mas se fosse comida não

²⁸ Espécie de bolsa cilíndrica funda, tecida com palha de carnaúba, que serve para o transporte de toda a sorte de gêneros. É muito comum na região.

queria comer se fosse janta. Era tomar um café. Não. Porque lá eles faziam peixe assado, cozido lá onde eles passavam lá no rancho deles. Aí, quando chegavam em casa, eles num queriam não. Ele não comia peixe. Ele achava enjoado. O dedo dele era tão feio, Ana Cláudia, e ele amostrava, nós beijava o dedo dele só prele dar as coisas pra nós. (risos). Ele tinha umas coisas que ele botava, as dedeiras, uns panos grosso pra socar os dedos pra pegar os caranguejos. Mas assim mesmo ainda machucava as mão dele. Ele tinha as mão toda assim feia, machucada que quando ele não pegava eles direito machucava as mãos. E ele adoeceu do braço do lado direito, que foi o lado que ele tirou muito caranguejo e ele adoeceu só da frieza da lama. Que você mete o braço todinho dentro até o ombro. (EDINALVA MARIA ALVES SILVA – 34 anos).

A felicidade do retorno do avô com aquelas “novidades” mostra a pouca variedade a que geralmente tinham acesso à época da infância de Edinalva.

O siri²⁹, embora menos abundante do que o caranguejo, também é encontrado na região. A sua pesca, entretanto, é bastante diferente da pesca do caranguejo, o que resta claro na explicação de Roseane:

A primeira vez que eu fui pescar siri, eu achei tão engraçado! É com uma corda. Pra pegar ele é com uma corda. Um cordão com uma pedra na ponta. Aí amarra um pedaço de carne e bota lá dendágua. Quando ele vem pegar pra comer, ele engancha lá, a gente puxa bem devagarinho, pega um landuá que é feito igual à malha assim duma tarrafa e bota por baixo aí ele entra dentro e a gente pega. (ROSEANE SILVA ALMEIDA – 28 anos).

Camarão com “farinha de puba” e café é um sucesso. Todas as entrevistadas disseram apreciar a combinação, que não teve oportunidade de experimentar. A mistura de ingredientes é consumida, fazendo-se um pirão de café com “farinha de puba” – que é uma farinha amarelada, com grãos grandes e que tem um sabor um pouco azedo, fruto da fermentação da matéria-prima. O pirão é consumido geralmente com o camarão salgado. Feijão verde com farinha e camarão frito também é uma unanimidade entre as depoentes: prato muito saboroso, dizem elas. Na fala de Cida, uma amostra de seus costumes culinários. Demonstra também a preferência de sua família pelo camarão:

²⁹ Crustáceo semelhante ao caranguejo, menos comum no Ceará, cuja casca é azulada.

Peixe, camarão e também eu crio pato, galinha. Assim final de semana eu mato um pato, mato galinha pra mudar. Mas só que aqui nós num gosta muito assim daquela galinha da granja não. Num gosto de comprar não. E os pessoal diz assim: ah, quem come muita galinha da granja, as menina fica fogosa, viu. É difícil. Mais é carne, peixe e camarão. A gente vareia, sabe, variando. Um dia é uma coisa outro dia é outra. Mas, se tem camarão, todo dia camarão aqui vai pro fogo. Na hora da janta nós toma assim com café. Faz assim aquele pirão com farinha sabe? Aí come aquele camarão com farinha de puba. Aí bota o café aí bota a farinha e a gente come. Ou então eu faço assim uma Maria Izabel com camarão descascado igual baião de dois. A gente descasca o camarão torrado aí você tempera. Mas só presta se for com azeite de coco. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos).

A maria-izabel a que Cida se refere é um prato típico do Piauí preparado com arroz e carne-de-sol picadinha, à semelhança do baião de dois³⁰, tão conhecido no Ceará.

Embora a pesca ainda seja uma atividade muito comum na Ilha, os depoimentos apontam para uma diminuição da quantidade de pescados nos últimos anos. Em outras épocas, a fartura era grande, mas a quantidade diminui a olhos vistos, segundo elas:

Antigamente vivia de pesca. Aí eu perguntei pro Zezim o que é que tava acontecendo. Que quando o meu pai pescava camarão, minha gente, trazia era os panero³¹. Chegava em casa, cansei de me levantar de madrugada pra ajudar meu pai tratar camarão. Paneros e paneros de camarão! Uns camarãozão avoador bonito! Peixe, era muito peixe: camurim, sauna, quando ia pescar trazia umas bola assim, só da ova, que ele pegava a ova e ia juntando, juntando salgada. E fazia aquelas bolas assim só de ova. Chegava em casa faziam assim frita. A gente metia a mão e assava aquela ova. Hoje num tem a chapa quente? Como na época não tinha a chapa quente pegava um testo dessas latas de querosene e botava em cima do fogo como se fosse uma chapa. E aquilo ali ficava assim frito, assadinha. A gente comia muito. Agora num tem mais não. O pessoal vão pescar camarão, faltam morrer pra arrumar um quilo de camarão, dois quilos de camarão. Eu acho que é porque a população cresceu e começaram a pegar os camarão pequenos, num deixaram pra reprodução. Pois hoje tá fazendo muita falta. Hoje não tem mais aquela fartura que tinha aqui nos Morros antigamente. Que aquele porto dos Morro ali, quando era cinco horas da tarde, quatro hora da tarde, era movimento de gente chegando da roça, da pescaria. Uns com saúna outros com camarão outros com peixinho, com piau. Era muita fartura aqui nesse lugar. Todo mundo aqui sabe. Agora acabou tudo. [...] Marisco, bem aqui na croa³² do Zé Abará, a gente ia de tarde. Pegava um coco, ia bem aqui, pegava uma canoa, atravessava o

³⁰ Alimento obtido do cozimento de arroz e feijão em uma mesma panela.

³¹ É um tipo de recipiente feito, geralmente, de palha de carnaúba.

³² São bancos de areia que se formam no rio, resultado do assoreamento.

rio. Chegava lá você pegava marisco era assim com mão. Era por brincadeira que a gente fazia isso. Quando eu era pequena, até meus doze anos. E num existe mais não. Acabou tudo. (MARIA DO SOCORRO DOS REIS GALENO – 54 anos).

Uma das hipóteses levantadas é a de que a diminuição dos peixes é fruto da poluição que chegou também por lá:

É por causa da poluição. Também que secou muito. Você vai aqui pro rumo depois da caída do morro num tinha croa, minha gente. Agora tem croa no mei do rio. Tem croa! Aí aquilo ali já vai dividindo os rio. Só pode aquilo ali. Eu fico triste quando eu vejo isso. (EDINALVA MARIA ALVES SILVA – 34 anos).

A carne de gado é pouco consumida, principalmente aos finais de semana. Assim também é o consumo de galinha.

Os sucos de fruta da região, como caju, acerola, siriguela, goiaba, murici e manga, são muito consumidos. As frutas são geralmente colhidas nos quintais ou nas arvores frutíferas que se acham espalhadas pela cidade e arredores.



Fig. 17 - Parte da produção de Cida em sua cozinha

Também é das frutas que fazem os doces em compotas ou em massa, como é comum nomearem os doces que são pastosos. Embora haja narrativas que apontam a diminuição de árvores outrora abundantes como o cajueiro, se conserva o hábito de assar castanhas para consumo

próprio. As castanhas-de-caju são assadas e quebradas manualmente. Na ocasião em que conversei com Cida, ela tinha os dedos queimados do leite da amêndoa. Havia passado a tarde assando e quebrando castanhas.

Quando vão para a roça, os trabalhadores costumam levar toucinho de porco e feijão para se alimentarem.

Algumas famílias, antigamente, tinham o costume de fazer as refeições sentadas no chão em uma tábua a que denominam jirau. As panelas iam para a tábua e todos se sentavam a sua volta.

Procurei traçar uma amostra dos hábitos alimentares, enfocando as três refeições principais do dia: café-da-manhã, almoço e jantar.

Assim, no café da manhã, costumeiramente, se consomem: cuscuz de milho, tapioca, camarão torrado, café, peixe assado e pão.

No almoço, os peixes mais consumidos são por mim desconhecidos em sua maioria, possivelmente característicos do local. São de água doce: mandi, piau e sardião³³. Do mar vem a saúna, que passa por um processo de secagem quando a pesca é abundante. Esse processo é digno de referência, uma vez que o peixe é salgado ainda na areia da praia, com a água do mar, para que se conserve durante os dias de pescaria.

Quando retornam, os pescadores os penduram em varais para que sequem ao sol. É um processo também simples e que não exige praticamente nenhum recurso para ser feito. Para o preparo, o peixe é bem lavado para que seja retirado o excesso de areia e de sal. É geralmente cozido no leite de coco tirado na hora, com bastante tempero, como coentro, cebolinha, cebola, tomate e pimentão. A gordura utilizada no preparo é o azeite de coco babaçu ou o óleo de coco, que algumas mulheres preparam elas mesmas num processo assim descrito por Cida:

Só que eu faço, mas dele gelado. Que ele não abala. Quando ele num tem água é porque ele tá gelado. Porque o gelado quase ninguém quer ele, porque o que presta mais é esse daqui, com água, pra fazer um bolo, pra fazer qualquer coisa. Aí o gelado eu quebro ele aí boto de môi e nisso que tá de môi eu ralo. Nisso que

³³ Este último, não tenho certeza de que o nome seja desta forma. Talvez seja sardinhão, aumentativo de sardinha, mas anotei da maneira que as depoentes o pronunciaram.

eu ralo ele todin, aí eu tiro o leite, aí eu boto ele pra coalhar. Ele coalha dum dia pra outro. Quando ele coalha, tá com aquela natona. Eu tiro aquela natona, aí boto numa panela. Aí, da panela, eu vou botar no fogo aquela natona. Ai fica aquele soro igual coalhada de leite de vaca. Aí bota no fogo e do fogo é que vai gerando o azeite. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA - 41 anos).

O coco gelado é aquele que está seco, sem água, e o outro tipo está seco, mas ainda conserva água. O coco sem água não é muito utilizado e é aproveitado para se retirar o azeite, que pode ter vários usos além de servir para cozinhar, como observa-se na fala de Cida:

Tem vez também que a gente usa pro cabelo. A gente coloca que ele não tem o cheiro forte. Esse aqui é porque é queimado, ele tem o cheiro forte. E o do côco, ele não é queimado ele fica assim um azeite tão branquin. Aí você pinga assim umas gotinhas de perfume no azeite, aí passa. É tão bom pra dor de cabeça e pro cabelo assentar. E não fica fedendo por causa do perfume e porque ele não tá queimado, fica branquin. [...] Ô mermã isso inda vem de geração pra geração. A mamãe. E minha mãe aprendeu com minha avó. Que naquela época num tinha xampu aí a gente usava era brilhantina. (IDEM).

Antigamente, era comum as mulheres passarem nos cabelos e no corpo uma mistura de óleo de coco com perfume para dar brilho e hidratar. Ainda hoje o hábito resiste entre algumas pessoas.

Os pescadores, durante a pescaria, costumam comer camarão torrado. O processo de preparo parece simples: lavam os camarões, salgam, acrescentam pouca água e abafam a panela até secar a água. Assim, o pescado é cozido quase que no vapor e a sua casca fica torrada. Como não há qualquer tempero além do sal, o sabor do camarão é bastante acentuado. É muito saboroso e natural. O camarão também pode ser seco, em um processo semelhante ao descrito há pouco. O camarão seco é consumido refogado ou frito:

Mas tem vezes que passam de semana arranchado. No inverno passam três, quatro dias arranchado. Se ele passar três, quatro dias no mar, lá no Pontal, ele chega com uma caixa com sauna fresca. Num isopor, né. (EDINALVA MARIA ALVES SILVA - 34 anos).

A expressão arranchado implica dizer que os pescadores passam alguns dias acampados na praia, que é um pouco distante da cidade, para obterem maior quantidade de peixes.

Quando voltam da pesca, muitas vezes, os pescadores não sentem vontade de se alimentar de peixe, uma vez que comem basicamente isso enquanto estão fora. Levam somente os mantimentos necessários para se manterem durante a empreitada, segundo a fala da depoente:

É porque já ficava o tempo todo naquele peixe, né, os pescadores eles cozinham o peixe lá, eles comem, eles levam farinha, levam açúcar, levam rapadura. Lá mesmo onde eles pescam, lá mesmo eles cozinham ou então assam o peixe. E já comem muito peixe por lá. Quando vem já quer comer é outra coisa. (MARIA DO SOCORRO DOS REIS GALENO – 54 anos).

Socorro explica que fazem o rancho sob os manguezais para a estada na praia, pois os pescadores de Morros da Mariana não se aventuram no mar. Aventuram-se na beira da praia:

É porque a sauna ela é do mar, né, do sal. Só que pegam ela é na praia. Num é no mar assim de sair longe. É na praia na beira mesmo. No raso ali onde se banha. Eles pegam ali mesmo. Mas aí eles vão, faz o rancho na praia debaixo dos manguesais, vão pescar sauna ali perto. (IDEM).

O feijão, o camarão, o peixe e o baião-de-dois são iguarias apreciadas, e geralmente são feitos no azeite de coco. O azeite de coco tem presença constante nos pratos locais. Em minha opinião, contudo, o azeite de coco confere aos pratos um sabor um tanto rançoso. Não agrada ao meu paladar nordestino, já acostumado a tantos pratos com a utilização da fruta.

Geralmente, o jantar é parecido com o almoço, do qual se aproveitam as sobras. Se for peixe, porém, dizem que não é bom comer requentado. O peixe cozido só é bom quando é feito e ingerido na hora. Ninguém gosta. Se for cozido, só se come a noite se for de carne ou de galinha. Pode ser peixe, mas se for de caldo não é consumido a noite.

Cuscuz de arroz e cuscuz de milho também são servidos no jantar. A “farinha de puba”, que vem do Maranhão, é combinada com café frequentemente durante o jantar.

2.2 COTIDIANO

O dia-a-dia de cidade pequena contrasta com o cotidiano agitado da maioria das entrevistadas. A vida nos Morros da Mariana está próxima à vida da cidade em muitos aspectos e, igualmente, conserva costumes bastante rurais como o hábito de deitar-se após o almoço. Segundo Angelo,

Apesar de confinadas a desempenharem diversos papéis no cotidiano, as mulheres do Brasil devem ser divididas entre as que habitavam o meio rural e as que viviam no meio urbano, sendo que, até a atualidade, não se pode fazer comparações entre cidades pequenas, médias e grandes e nem mesmo entre meios rurais. (2005, p. 87).

Talvez esta afirmação seja notória em alguns casos, embora se mostre por vezes dissonante em outros em que o cotidiano rural se assemelha ao urbano. Neste caso, geralmente, o dia começa muito cedo e segue atarefado até a noite, como fica evidente na voz de Roseane:

Eu acordo cinco e 30 aí eu me levanto vou escovar meus dentes pego minhas coisas que já tá arrumada, [...] aí eu chego ali na casa da minha mãe acho que uma seis, seis e pouco. Aí eu vou varrer a casa dela que ela mexe com peixe, ela vende peixe, ela acorda muito cedo, [...] Aí eu que faço as coisas dela tudin, né: limpar a casa, lavar as louças, lavo roupa. Quando dá sete horas meu marido desce com os meninos. Ele espera os meninos acordar pra num acordar muito cedo. A menina estuda de manhã e ele estuda de tarde. Aí antes deu vim pra cá eu arrumo ela, ela toma o leite dela aí ela vai pro colégio. Sete e meia eu chego por aqui. Quando dá 9 horas eu vou fazer o almoço da minha mãe. Quando dá 11 e 30 eu tou aqui de volta. Lá em casa nós almoça mesmo 11 horas. [...] Aí quando dá 4 horas, quatro e cinco, no máximo, eu vou embora lá pra minha casa mesmo. Chega lá eu vou fazer tudo, tudo, tudo: varrer, fazer janta e é todo dia a mesma coisa. (ROSEANE SILVA ALMEIDA – 25 anos).

Roseane tem o seu dia todo programado, inclusive com horários para os vários afazeres diários. As mais velhas, como dona Maria José, por vezes, têm o dia mais calmo. Ela afirma, porém, que adora trabalhar e que já labutou muito na vida:

De manhã eu acordo cedo pra fazer o café. Quando termino, essa minha neta faz faculdade, às vezes vai pra Parnaíba fazer trabalho, às vezes tem umas coisas do colégio dela. E eu fico e faço o

almoço. Diariamente, eu num pego em *mufada*³⁴ de manhã. É difícil. É só na cozinha, no almoço. Aí quando eu termino o almoço é que é minha hora da *mufada*. Às vezes eu tiro uma soneca depois do almoço. Às vezes eu durmo mal à noite aí descanso um pouco. E às vezes à noite na hora do jornal eu inda tou ali na mofada fazendo umas coisinhas, que eu num gosto de tá só olhando pra televisão sem fazer nada. Vendo a novela, no jornal, mas eu tou fazendo. Ao quando é umas nove horas termina ao eu vou dormir. Eu tou fazendo agora umas amostras pra fazer um museu. Umas rendas antigas. Essas rendas precisam de muito birro, porque rendas antigas pega muito birro. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Laurinha, como é chamada por todos, embora na casa dos cinquenta anos, ainda trabalha na Casa das Rendeiras. Mora com uma filha, Nádia, e uma neta. Recebe ajuda nos afazeres domésticos da filha, mas também a ajuda com os cuidados com a neta.

O meu dia-a-dia, é amanhecer o dia fazendo o café, aí, quando ela (Nádia) ta em casa, que ela tem umas, três vez na semana ela faz uma faxina na casa duma mulher que ela é doente, [...] segunda de manhã ela sai oito horas e chega dez horas. Aí, nesse período, eu não vou pra rendeira. Aí fico arrumando a casa e fazendo o almoço. Aí da mêi-dia a tarde termino de almoçar aí vou pra rendeira. Aí só chego cinco horas, cinco e meia. E a noite assisto minha novela. Assisto primeiro na Globo, depois assisto na Record. Eu gosto de assistir. Num é todo dia que eu assisto a novela. E a noite é só assistir televisão, eu gosto de ficar assistindo televisão até tarde. Onze horas, por aí. Converso um pouco ali na frente naquela pracinha ali, né, que tem perto do colégio. Acho que as vezes assim, correr um vento é bom, né. Aí depois eu venho embora e durmo. Meu dia-a-dia é normal. Fazer comida, lavar roupa, arrumar casa, falar muito com essa minha coisinha aí, que tem hora que ela pertuba. (a neta de cinco anos). E sempre eu gosto de assistir a novela das seis, e ela gosta muito do pica-pau, essas coisas assim. Aí a novela das sete eu já não assisto, que ela gosta muito de assistir o pica-pau, o chaves. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Em seu cotidiano, estão as novelas que acompanha, mas a televisão é disputada com a neta pequena, que adora assistir ao “pica-pau”. Maria do Socorro, filha de dona Maria da Graça, pauta seu dia pelas necessidades do filho pequeno, Tiago:

Ajudo a limpar a casa. Eu acordo de manhã cedo, lavo a roupa dele, ajudo a mamãe também assim quando ele tá dormindo. Limpo a casa. Também ele dá pouco tempo assim. Dorme pouco. [...] Mais é a noite que ele dorme mais assim um pouco. Aí eu faço

³⁴ Almofada.

a noite.³⁵ De manhã também eu pego um pouquinho e faço. Mas quase num tenho tempo não. (MARIA DO SOCORRO CARVALHO DOS SANTOS – 29 anos).

Dona Maria da Graça, aposentada, tem um dia-a-dia mais leve. Diz já ter trabalhado muito na vida:

Eu cuido das minhas coisas. Eu faço almoço, lavo roupa. Agora eu num levanto mais cedo não. É seis horas, seis e meia. Aí vou cuidar do café. Até agora eu só fiz o café. Daqui a pouco eu vou cuidar do almoço. Depois vou cuidar da casa. E a nora também ajuda. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos)

Neile é uma das que mantém a rotina mais organizada em horários fixos. Trabalha muito na almofada em casa e na Associação e mantém a casa sempre organizada. Tem horários reservados até mesmo para repousar depois do almoço:

Quando chega no domingo, eu faço a faxina na minha casa, [...] domingo à noite, eu já preparo o que eu vou utilizar no meu trabalho na segunda-feira. Aí segunda feira eu começo minha rotina: eu não posso acordar depois das seis, porque, pra mim não vai dar certo meu plano, né? Eu acordo quinze pras seis, pra seis e 30 eu ta aqui. Aí eu faço meu café, deixo tudo, o café pronto lá pro meu esposo. Às vezes eu acordo, ele ainda ta deitado, porque o horário dele é outro, e deixo arrumado. Seis e meia eu venho pra cá (Associação), aí quando dá nove horas eu vou pra casa, faço meu almoço, lavo uma roupa, passo um pano na casa, uma coisa que eu não fiz no domingo. Onze horas é a hora marcada deu almoçar. [...] Depois do almoço, que almoço onze horas, eu tiro 40 minutos, dou um coxilinho, né? (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos)

O trabalho na Associação tem hora para continuar, mas é muito bem dividido com os afazeres domésticos. Neile mantém a casa bastante limpa e organizada, a despeito da carga de trabalho na almofada de rendeira. Mantém uma almofada em casa, para trabalhar à noite e outra na Associação, que utiliza durante o dia:

[...] Aí, doze horas eu levanto, tomo um banho, aí, doze e vinte, eu venho pra cá. Doze e vinte, eu fico aqui até três horas. Três horas eu vou em casa, faço o lanche, pra mim e pra meus filhos e pro esposo, aí volto e pra cá de novo. Termina o lanche lá, volto. Aí trabalho, trabalho, vou embora cinco horas. Quando eu chego em casa, vou varrer uma casa, vou lavar alguma coisinha suja, vou ver o que é a janta, [...] E, quando eu termino de fazer a

³⁵ O trabalho de renda

janta, eu faço outro trabalho na minha casa à noite. [...] Tenho uma almofada lá. Não todos os dias, mas eu só faço até oito horas, porque passou das oito eu não agüento mais, porque eu já vivo o dia todo na almofada. (IDEM).

A maior parte dos moradores da cidade leva uma vida muito simples e em seu cotidiano estão coisas como as tarefas da casa, a busca do sustento, a conversa com os vizinhos. Por vezes, dentre suas tarefas diárias, estão incluídos cuidados com uma pequena horta ou uma criação de galinhas, patos, cabras, porcos para variarem o cardápio, composto em sua maioria por pescados.

O cotidiano se confunde com o trabalho e a sua divisão. As mulheres geralmente se ocupam de tarefas domésticas ou ligadas ao universo feminino, como é o caso do trabalho de renda e do bordado, ou ainda atividades em que possam auxiliar os maridos. Os homens da cidade, em sua maioria, se ocupam da pesca e/ou trabalham a terra em pequenas roças. Por este motivo,

Deve-se considerar que a história e a trajetória dessas mulheres também estiveram diretamente relacionadas com o cotidiano, o trabalho, a criação dos filhos e as diferenças entre os filhos e as filhas no que diz respeito à educação. No entanto, essas diferenciações já repercutiram no futuro do trabalho que diferenciaria os homens das mulheres e que já é um quadro típico das classes sócias menos privilegiadas. (ANGELO, 2005, p. 92).

As crianças frequentam a escola em um período e no outro brincam na rua ou em casa, assistem à TV, banham-se nas lagoas, colhem frutos silvestres. Os adolescentes, do mesmo modo, vão à escola em um turno e no outro ajudam os pais ou se ocupam com divertimentos. As meninas tendem a se envolver em tarefas domésticas e a se dedicar ao bordado, mas também podem frequentar os rios e lagoas da região. Aos homens em geral estão reservados trabalhos fora de casa:

Na vida cotidiana estão inseridas todas as motivações, tanto as particulares e individuais quanto as coletivas, abrangendo de certo modo a família como um todo. A mulher e o homem possuem cotidianos distintos, sobretudo devido às suas diferentes formações, necessidades e motivações. As diferenças visualizadas nos respectivos cotidianos demonstram também as atribuições de dada um no tempo e no espaço onde se encontram. (IDEM, IBIDEM, p. 107).

2.3 TRABALHO

Sobre o trabalho, como já entendido nas observações acerca do cotidiano, há diferenças, sobretudo no que é considerado trabalho feminino e trabalho masculino. Em decorrência destas diferenças, a educação de meninas e meninos é objeto de variações.

O trabalho feminino, historicamente, esteve ligado aos afazeres domésticos. Depois foram dadas às mulheres atribuições outras, como o trabalho de professoras e, a *posteriori*, outras áreas lhes foram permitidas sem que, no entanto, as responsabilidades domésticas lhes fossem tiradas. Assim:

A idéia que se tem sobre o trabalho primordialmente feminino permeou durante muito tempo a casa e seu entorno, nos quais a mulher estava confinada, devendo neles desempenhar suas atividades durante toda a sua história. Atualmente a mulher realiza outras formas de trabalho mas ainda mantém as anteriormente instituídas como femininas. (ANGELO, OP CIT, p. 84-85).

No meio rural, no entanto, a mulher recebeu atribuições como trabalhos de roça, além das já consideradas tradicionalmente femininas, como forma de auxiliaros maridos ou pais no trabalho. Explica Angelo:

Em geral, a mulher habitante do meio rural adquiriu atribuições de agricultura, na confecção de artesanatos, na prestação de alguns serviços e na venda de produtos [...] além de suas "obrigações" cotidianas, tais como lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos. (P. 88).

A descrição acima coaduna-se com os achados nos Morros da Mariana, onde a maioria das entrevistadas afirmou ter uma vida bastante atribulada, como descrito.

Já o trabalho masculino estava mais ligado ao trabalho da roça e à pesca, tendo uma divisão de espaços marcada pela questão do gênero:

...uma divisão sexual de espaços de trabalho masculino e feminino. [...] havia a separação do espaço masculino e feminino, mas também a demarcação do espaço onde todos os membros de uma família podiam dividir as tarefas. Os filhos pequenos, podiam desempenhar funções mais simples e ajudar a mãe ou o pai nas tarefas domésticas ou na roça. (ANGELO, OP CIT, p. 97).

Aqui as mulheres também pescam ocasionalmente, no entanto, como ficará claro nos depoimentos que seguem. Neste caso, as narrativas apontam os homens como pescadores em sua maioria, tendo a roça como uma opção complementar e/ou para fins de comércio. Assim Cida descreve o trabalho se esposo:

Pescador, faz roça, mas ele é mais é pescador. Ele tá na pesca. Ele tá cadastrado como pescador. Ele e eu. Logo também eu pesco. Eu pesco. Tem dia aqui que eu dou a doida. Quem é que vai mais eu, pescar? Todo mundo quer ir. A Ana Paula, mãe eu vou e a Mariana, eu vou. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos).

Dona Maria José frisa que o marido aposentado trabalhava de roça, mas, nas terras dele, o que pode sugerir melhores condições de vida que a maioria:

Meu marido [...] Ele trabalhava com agricultura nas terras dele. Roça. Plantava arroz, plantava feijão. Tudo, num era terra de ninguém, era dele mesmo. Ele disse que num dava pros outros não que os outros não queriam trabalhar. Ele mesmo pagava a assistência e trabalhava. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Dona Raimunda explica que nunca fez uma peça de renda sequer para uso próprio e que aprendeu com o intuito de vender os produtos, mas se apegou ao ofício e só não faz renda todos os dias se houver outra designação de tarefa:

Pra mim eu nunca fiz. Só faço pra vender. [...] Mas é assim um trabalho que eu faço e que eu gosto. [...] Num tenho preguiça. É um trabalho que eu gosto de fazer. [...] Quando eu não tenho outra tarefa pra fazer eu faço a renda todo dia. Mas aí agora mesmo eu tou com a renda encostada porque eu tou trabalhando numa tarrafa. Meu marido exigiu pra mim fazer uma tarrafa, eu tou fazendo. Mas todo dia eu digo pra ele ó eu vou parar com esse serviço e vou fazer uma blusa. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Por aqueles dias, por exemplo, estava fazendo uma tarrafa para o marido que vive da pesca e do roçado:

Com pesca. Ele também ele faz as roça dele porque a gente num compra o arroz. Ele trabalha e planta. Planta arroz, planta feijão, quando é época de inverno, mas o mais assim mermo é só o arroz. (IDEM).

Também de pesca vive o esposo de Roseane, que trabalha na renda para complementar o orçamento da família:

Ele é pescador, ele. Pesca camarão, viu. [...] Pra você entender e eu também. O Luciano pesca, eu não recebo esse bolsa família, esse benefício, aí esse dinheiro que eu pego aqui dá pra mim pagar as contas, algumas continhas, mas a gente sente falta assim porque num dá assim pra gente comprar o que a gente quer. (ROSEANE SILVA ALMEIDA – 25 anos)

Quando perguntei a Roseane se a renda dava uma boa ajuda no orçamento, foi necessário interromper a entrevista porque Roseane se emocionou bastante quando falou do orçamento familiar. Chorou muito e não houve mais condições de prosseguir.

Neile organiza o trabalho de rendeira como se fora qualquer outro, com horários fixos para começar e para terminar. Assim parece também organizar toda a vida cotidiana:

Porque eu trabalho assim, Ana Cláudia, sempre eu conservo meu trabalho como que eu trabalhasse em qualquer outro órgão. Eu tenho hora pra mim almoçar, eu tenho hora pra mim ta aqui, eu tenho hora pra mim fazer minhas coisas, tudo eu marco ali uma hora. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

O marido, que morou muitos anos em Brasília antes de casar, nunca se adaptou à pesca, trabalhando de vendedor e no dia da conversa era chefe dos garis da cidade:

Ele pescava. Mas ele nunca foi pescador assim de dizer que ela era pescador, aí passou uns anos, uns três anos, aí a gente conheceu um amigo que hoje ele é o prefeito daqui. [...] E ele abriu uma lojinha de material elétrico e hidráulico. Aí ele colocou ele pra trabalhar. Aí ele trabalhava. Na época ele pagava um salário, que eu nem me lembro mais quanto e de carteira assinada, né. E a gente foi melhorando. Melhorando, a situação e aí foi o tempo que ele foi candidato a prefeito, ganhou, e hoje ele não tem mais a lojinha, mas já colocou ele, mas ele não é concursado. Hoje, ele trabalha; ele é chefe dos gari. Chefe do departamento de limpeza aqui da nossa cidade. Vai fazer quatro anos. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

Dona Maria da Graça relembra o trabalho árduo como costureira que possibilitou a criação dos filhos. A renda também era parte das suas atribuições além das tarefas domésticas. Para tanto, contava com a ajuda

da filha mais velha, Maria do Socorro. Atualmente, aposentada, diz que só trabalha na hora que tem vontade:

Eu me deitava era assim umas 12 hora, às vezes uma hora e me levantava duas hora pra dar conta do trabalho, né, porque eu costurava muito, muito. No tempo de festejo aqui eu num ia nem a uma novena, né, só costurando. Quando era no dia da missa ainda tava entregando a roupa. Aí eu criei praticamente meus filhos com costura e renda, né. Mas aí depois de tanto, quando os meus filhos cresceram eu parei de costurar, né. Digo agora eu vou ter um sossego. Que num era fácil. Aí eu fico só na renda porque a renda eu faço quando eu posso, né, aí eu posso fazer a hora que eu quero né. E a costura não. Você tem que dar conta da costura. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

Maria do Socorro trabalha na almofada de renda em casa entre os cochilos que o filho pequeno dá. Aprendeu o ofício para vender os objetos e apurar algum dinheiro para comprar roupas e assemelhados:

Trabalho em casa. Quando ele dorme assim eu faço um pouco. Eu aprendi mesmo olhando e fazendo. Ninguém me ensinou. Blusa também eu aprendi por mim mesmo. A mamãe num me ensinava não. (pausa) Aí eu aprendi mais assim porque meu pai também num tinha condição de dar nada, né, pra gente. Aí eu aprendi pra comprar alguma coisa assim pra mim. Uma roupa, uma coisa assim. (MARIA DO SOCORRO DE CARVALHO – 29 anos).



Fig. 18 - Matheus³⁶ mostrando o Jequi

³⁶ Matheus, oito anos, filho mais novo de Cida.

O marido, como o pai, é pescador. Explica Maria do Socorro que a pesca do camarão a que ele se dedica é feita com um utensílio denominado “jequi”. Destaca, ainda, que esta pesca é feita nos igarapés, não no mar:

Pesca mais Camarão. [...] Peixe só se for de rede. E eles pescam de jequi³⁷. É feito de tala de carnaúba. É buchudinho assim. Aí tem a entrada de entrar o camarão. É compridinho assim. Esses dias ele tá saindo muito cedo que eles tão colocando jequi pra longe. Que perto aqui num dando nada. Eles tem que ir pra longe pra poder pegar. Tem uns pescador que pesca no mar, mas eles num pesca não. (MARIA DO SOCORRO DE CARVALHO – 29 anos).

2.4 CASAMENTO

Laurinha, viúva, conta, com riqueza de detalhes, a fuga para o casamento, algo que era comum quando os pais não aceitavam o namorado:

Eu fugi. (riso). Na época era comum assim de fugir [...] Namorei com ele seis anos. Aí ele falou pra meu pai que queria casar. Aí a minha mãe: não, minha filha! Minha mãe era muito severa. Não que ta muito cedo [...] Eu tinha uns dezoito anos. [...] Aí ele foi e disse que se eu não aceitasse a proposta dele ele num vinha mais namorar comigo não, né, ele vinha embora. [...] Aí minha mãe não aceitou o pedido de casar. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

A fuga da irmã apressou a decisão de Laurinha fugir. O fato de ficar sem a parceira sob o olhar dos pais a fez decidir seguir o namorado:

Aí minha irmã fugiu primeiro do que eu (risos) porque ela não aceitava o namorado da minha irmã, que ela dizia que num gostava de trabalhar, aquele negócio todo, né. Aí eu disse só comigo. Se eu com a minha irmã era difícil eu sair, eu sozinha então vai ser mais difícil agora. Aí ele disse assim, ó: se tu quiser ir, me acompanhar, é hoje. Aí eu digo. Fiquei aqui só mermo sossegada. Queria ir e queria num ir, entendeu? Aí eu digo, mas eu vou ter que ir porque vai ser difícil pra mim. (IDEM).

A fuga se deu em uma bicicleta emprestada por uma amigo, que percebeu o que acontecia, mas ajudou a empreitada:

Coincidência: na hora que a gente foi, que era difícil carro e no domingo de tarde não tinha carro que era mês de praia, era mês

³⁷ Ver figura 18

de agosto. Aí passou um homem, um amigo dele, e ele disse assim rapaz me empresta essa tua bicicleta. Amanhã eu te dou lá na ponte. Que é a ponte Simplício Dias. Aí ele disse assim: rapaz tu num vai roubando a fia alheia não, né? Home, num fala isso não que eu vou é roubando a fia alheia mesmo. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

O casamento se consolidou, os dois morando na casa dos pais do marido:

[...] Depois eu casei com mais ou menos uns dois meses. Aí eu passei lá uns meses lá com a mãe dele aí eu voltei e passei uns dois meses com a minha mãe. (IDEM).

Os pais não queriam, mas aceitaram dar a permissão no cartório após o pai pedir explicações, para que a filha, já vivendo com o namorado, casasse no civil e na igreja. Ainda assim, não presenciaram o casamento da filha:

Casei padre e civil. [...] eles não queriam. Aí quando o meu pai foi lá tomar satisfação, perguntar se eu ia casar mesmo, comé que era, com num era. Aí, meu marido falou o seguinte: a partir que eu quis entrar em acordo com o meu pai e com a minha mãe, eles na época disseram que tava cedo, que num era tempo, né. Aí ele disse: pois a partir daí, já que eu roubei ela, e vou assumir ela, eu vou casar padre e civil com ela, né. Aí meu pai aceitou, né. Aí, só no dia de assinar, que eu ainda era, tinha 18 anos, né. Aí ele foi lá assinou tudinho assim, né. Aí eu casei Lá na catedral. Na Praça da Graça. Casei lá. Aí eu casei de manhã no cartório e a tarde casei na igreja. Só eu e os testemunhos. Só eu e os testemunhos. (IBIDEM).

Depois, a primeira casa foi dividida com a irmã de Laurinha, assim como as dificuldades do início da vida daqueles casais. Ambas com filhos pequenos, o quarto da irmã feito com caixas de geladeira, protegiam os bebês da chuva com guarda-chuvas sobre a cama de casal, tal era a fragilidade da cobertura da casa de pau-a-pique:

Aí, na época, minha avó ainda era viva e ela tinha duas casas. Aí ela mandou que eu morasse lá o tempo que eu quisesse. Aí eu fiquei lá até surgir assa casa onde eu moro. Na época era toda de taipa³⁸, né, que chamam, né. De palha, que ele comprou mais pelo lugar. Aí eu engravidei do meu primeiro filho. Aí nós viemos pra cá. A casa era de palha. Quando a chuva vinha longe aqui já tava tudo molhado. [...] Minha outra irmã teve filho também. [...] Aí meu pai fez um quarto só de papelão. De caixa de geladeira. Ele

³⁸ Casa típica da região Nordeste. As paredes são feitas com uma estrutura de madeira, que é cheia com barro. Depois o barro é alisado e pintado, geralmente com cal.

fez um quarto dividindo pra minha irmã ficar com a filha dela. Porque ela não tinha pra onde ir. [...] Quando chovia, pra poder não molhar os dois menino, né, que era a menina dela e o meu menino, botava eles dois em cima da cama e cobria com um guarda-chuva. Pra não pegarem chuva. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Com o trabalho de caminhoneiro, o marido construiu a casa em que hoje vive Laurinha com a filha e a neta. Viúva, a relação dela com os filhos parece próxima e amorosa:

Aí graças a Deus a vida melhorou um pouco, meu marido era motorista, aí construiu aqui. Morei de aluguel um tempo enquanto ele construía. [...] Aí foi a época que ele morreu e fiquei com eles³⁹. Num pego nem chuva, nem sol e nem pago aluguel. Graças a Deus vivo muito bem com eles, com os meus filhos. Não são de me darem dor de cabeça, nem andarem bebendo. Graças a Deus eu tenho essa bênção de Deus que são meus filhos. (IDEM).

Os depoimentos de Laurinha foram ricos em detalhes, por vezes com um sorriso leve, esboçando sinceridade e bom humor; mas, Cida é quem mais humor acrescentou a sua conversa. Sobre o seu casamento, ela conta em tom de “causo”:

Fugi não. Só que, quando eu casei, eu já tava buchuda (risos) de três meses. [...] Aí a mamãe disse assim: mas Parecida, ele é tão tímido, ele é tão encabulado, menino, como é que ele pediu? Mamãe, ele num pediu não. Foi eu que ofereci. [...] Aí ele quis aí pronto. Eu brincava muito com a mamãe. E ela: Nêga sem vergonha, tu tem tua cara limpa! [...] mas que tempo nós já vinha brincando, minha fia. Ó, meu Deus! Parece que deu uns cinco mês, ou foi seis mês, eu comecei transar. [...] quando eu contei a mamãe foi lá, que as mãe daqui é assim. Quando um homem bole com as fia, aí vai lá saber. [...] se vai dar certo mermo casar, [...] Aí ela foi lá. Aí as mãe do lado dos marido nunca que acha bom [...] Mas aí eu falei pra ele: ó, eu tou grávida. Se você quiser assumir, tudo bem. Se você num quiser, eu sou uma mulher batalhadeira, eu trabalho, eu crio minha filha. Agora, dá eu não dou e abortar, eu não aborto. Mas ainda bem que ele: não Cida, que é isso. Nós vamos casar. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA - 41 anos).

Outro costume acerca do casamento na época de Cida, de 41 anos, é a exigência da “reparação”, por parte do homem, caso acontecessem relações antes do casamento. Este era um hábito comum, embora a figura paterna apareça mais constantemente ligada às

³⁹ Os filhos de Laurinha.

cobranças próprias à situação. Aqui, entretanto, o que se vê são as mães de ambos os lados tomando a frente. Na continuação do diálogo, Cida conta o início da vida, a construção da casa em que vivem, a solidariedade familiar:

Aí ele trabalhando de roça, a gente foi comprando as coisa, sabe. Comprando as coisinha, comprando as coisinha. A cama, compramo as coisas mais básica, mas só que era um tipo assim: eu já qualquer dinheirinho eu comprava lençol, comprava assim panela, eu ia encostando. Toalha de cama. Eu ai pegando aquele dinheirinho e encostando sem compromisso, certo? Aí eu já tinha muita coisa. Num foi preciso fazer assim chá de panela não. [...] Aí eu casei aí essa parte aqui era a parte da quitanda. Quando nós compramo tinha a parte da quitanda. Aí da parte da quitanda tinha um balcão eu subi só mais uma paredezinha pra fazer o quarto, né. Mas eu achava muito ruim assim que eu queria mermo era depender mermo assim de cada qual ter sua panela, sabe? Aí quando foi da Mariana já foi construído esse pedaço aqui. Quando eu vim pra cá ganhar ela aqui tava assim nesse pisozin morto. Mas eu digo: ah Paulo nós tem que fazer logo uma casinha que é pra nós quando eu ganhar essa a Ana Paula já ficar no quartin dela e nós no nosso. Sim que os quartin é pequeno, mas dei mil graças a Deus que tudo que Deus faz eu agradeço muito pelo pouquin que seja, pelo pequeno que seja, eu agradeço muito. (Maria Aparecida Roque da Silva 41 anos).

Dona Maria José dá o tom de romance ao casamento, ao contar como conheceu o marido. Diz que foi amor à primeira vista. Os pais também não queriam aceitar, mas por fim casaram-se e vivem juntos há 47 anos:

Meu casamento, diz ele que foi amor à primeira vista. (risos). A gente ficou por ali paquerando, aí com dois anos de namoro a gente casou. A minha mãe num queria, depois resolveu querer, depois me pai num queria. Eu sei que nós casamos e eles aceitaram. Eu já vou fazer 47 anos de casamento. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Outra que os pais não queriam que casasse foi dona Raimunda. Mesmo sem a permissão, ela decide e casa com seu escolhido, uma constante nas histórias das uniões maritais em Morros da Mariana. Construíram uma casa sem que os parentes soubessem, mobiliaram-na e comemoraram o casamento na casa dos pais da noiva com um almoço simples:

Foi simples mesmo. Meus pais num queria. Num aceitavam de jeito nenhum. E até pra gente chegar do casamento o meu pai disse que num dava certo o almoço ser na casa dele. [...] meus iramos se meteram no mei e falaram que o mermo direito que eles

tinham eu também tinha e por isso tinha que fazer era lá mesmo. Aí a gente foi, casou, e aí a gente veio e fez um almoço lá na casa do meu pai. Mas foi mermo só um almoço. [...] Ele já tinha feito a casinha. [...] Porque já tinha a casinha, já tinha a mesa, os tamboretas, cadeira, tudo de madeira mermo. Os banco de pote, as panela, já tinha tudo. Graças a Deus nós num precisamos de ajuda de ninguém e nem de morar com ninguém. Saí da casa do meu pai e vim pra de baixo da minha. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Dona Deusa, bastante falante, narra uma luta pela sobrevivência e pela constituição da família com o marido e os filhos. Fala de todos com muito carinho. Por ser órfã, os irmãos é que se opuseram inicialmente ao matrimônio. A exemplo da maioria das narrativas, a oposição da família não foi suficiente para demovê-la da idéia de casar. O marido, hoje com 77 anos, ainda demonstra sinais de ciúmes por ela depois de 56 anos de casados:

Me lembro sim. Meu irmão num queria muito não. Minha família assim até esse outro meu irmão que mora aqui ele foi até embora pro Maranhão pra não assistir meu casamento porque nós era muito unido. Três irmãos. [...] Nós moramos toda vida junto nós três. E tinha mais dois que morava com a outra avó. A outra avó criou dois e a outra criou três. Nós era cinco. Aí eles num queriam muito não, mas também num reclamaram nada. Até que um dia esse meu irmão falou pro Zé: comé esse namoro, o que vai dar? É pra casar? Ele disse que era pra casar. Tudo bem. Só minha irmã que queria muito. Namoramos mais ou menos um ano. Engraçado que eu num gostava dele não. [...] O que Deus une ninguém pode separar não. [...] Porque aí eu mais ele quando foi pra mim namorar com ele me deu aquele destino que num houve meio. Ele despachou a namorada dele, eu despachei o meu e pronto. Sei lá. E já tamos com 56 anos de casados. Agora que ele tá com 77 anos, mas chega é aquela cegueira danada. Um ciúme, que num quer que eu saia! Diz que eu tou nova. Eu sou mais nova cinco anos. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Um acordo feito logo no início do casamento é o segredo para a longevidade da relação, segundo dona Deusa, para que conseguissem levar o dia-a-dia sofrido que ela descreve:

Ave Maria! Nós sofremo minha fia. Hoje eu vejo cada coisa. Tanta facilidade da pessoa viver bem e num vive. É uma desunião. As pessoas não se entendem. Falta é isso. As pessoas se entender. O homem num quer obedecer a mulher, a mulher num quer obedecer o homem. No meu tempo não. Ele, nós se combinamo assim: olha, é o seguinte, você nunca vai ofender a minha família que eu também não vou ofender a sua. Por qualquer razão que nós tiver é nós dois. E outra coisa também, eu não vou andar por parte nenhuma pedindo dinheiro. Dinheiro tem que se na minha

mão. Tá bom. Pronto; até hoje. Aí ficamos nisso, de acordo. E do mesmo jeito eu criei o meu filho. (risos). Aí ele ia pras festa as vez eu num ia e bebia, saia pra beber com os amigos, quando ele chegava: minha branca, minha branca. Se ele era bom, bom, quando ele chegava assim inda era melhor. E eu tinha medo que eu nunca gostei de cachaceiro. As vez eu me escondia botava minha cunhada de isca pra dar a comida dele e ele comia. E quando ela não tava se ele queria comer ele dizia minha branca bote meu almoço. E se ele num queria, minha branca vou me deitar. Mas eu nunca cheguei pra dizer ou cara sem vergonha. Não, não. Agora quando ele ficava bom eu dizia Zé você fez isso assim, assim. Ele disse é, mulher, eu sei que eu errei, mas eu num vou fazer mais não. A gente se entendia. Nós conversava. Pode perguntar a ele. Nós nunca brigamo. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Neile relata que casou já gestante em meio à alusão de inocência absoluta acerca do modo como se concebem crianças. É possível que essa idéia de inocência esteja ligada ao fato de que a entrevistada seja “crente”, o que rege parte de suas atitudes:

Já casei grávida, né? Só que eu não sabia. Que na minha época, ainda existia inocência. Eu não sabia, na época, como engravidar. Pra mim, relação era uma coisa normal, que não prejudicava ninguém. Os filhos não vinham através daquilo. Eu, com 15 anos, eu não sabia disso. Que, minha mãe, ela nunca conversou comigo a respeito disso. E eu era uma pessoa assim, que eu nunca fui curiosa em termos disso, que eu não sabia disso. Eu não tinha nem idéia. Pra mim, que era só beijinho, você casava, era aquela amizade, aqueles beijim e pronto. Eu não sabia como ter um filho. Com 15 anos! Aí fui aprender outras coisas, com o marido, que era muito experiente, na área, né? Mais velho, e vivia muito tempo pra fora, aí aprendi. E ele quem foi me ensinar, certas coisas. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

O fato de não haver obtido quaisquer informações sobre o assunto da parte de sua mãe, contudo, aponta uma característica da vida rural, onde temas como sexo ainda se aborda com reservas. Sendo Neile uma mulher jovem, de 32 anos, provavelmente, vivendo ela no meio urbano a atitude diante da matéria teria sido menos conservadora. Da mesma forma, o papel do homem como guia nas descobertas sexuais femininas se apresenta no testemunho.

Nos excertos de depoimentos, quase que uma unanimidade nas questões acerca das bodas: mesmo quando os parentes não concordam, as uniões são realizadas. Outra constante são as dificuldades encontradas

para construir a casa e mobiliá-la, bem como o dia-a-dia árduo. O único exemplo de separação entre as entrevistas foi o de dona Maria da Graça, que se separou do marido por causa do consumo de álcool depois que os filhos haviam crescido. A afirmação de que “resolveu a vida” sugere coragem:

Foi assim: nós casemo lá⁴⁰. Ele tinha trabalho lá, era bom, né, mas quando a gente veio pra cá aí o negócio pegou, né. Aí teve que ir pra pesca porque ele aprendeu ser carpinteiro, mas a carpintaria aqui já num é fácil. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

A resolução de voltar para a terra natal, tomada por dona Maria da Graça, não incluía o marido. A intenção era que ele continuasse em Brasília, mandando provisões, até que comprassem um imóvel:

Eu deixei ele lá e eu digo: olha tu fica trabalhando pra mandar pra mim. Mas ele veio logo. Disse que tava com saudade do menino, ninguém sabe se era do menino, né. (risos). Mas eu queria que ele ficasse lá trabalhando e mandando dinheiro enquanto a gente comprava uma casa [...] Mas ele era novo também, nós casamos ele tinha 21 e eu ia completar 23 quando a gente casou. Sempre ele mais novo de que eu. Mas eu digo rapaz era pra tu ficar pra gente comprar uma casinha pra gente. Aí a gente ficou negócio de aluguel né é muito chato. E trabalho era a pesca e roça. E é sofrimento, né? (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

A vida em casal se perpetuou por muitos anos, mas a bebida do marido fez com que ela se decidisse pela separação após 30 anos de casados, depois de criados os filhos:

[...] Nós já separamos. Que ele bebe muito. [...] Assim mesmo ainda agüentei 30 anos. Mas não agüentei mais. Porque ele começou a beber quando meus menino já tinham tudo nascido. Você viu? Mas ainda num tavam rapaz não. Já começou tudo criança ainda. Aí eu tive que agüentar porque, olhe, a gente tem criança, aí separa com criança. Quem vai sofrer né as crianças? Então eu esperei o tempo certo. Aí eu resolvi minha vida agora. Porque a gente vai viver, porque gosta duma pessoa, vai viver no sofrimento toda vida? Nem que a gente num goste a gente tem que resolver. Nem que goste, mas você tem que resolver sua vida. Porque num é fácil você viver com uma pessoa que num lhe dá valor, que num lhe respeita, né? Tem que ter respeito e amor porque sem isso como é que pode viver? (IDEM).

⁴⁰ Em Brasília.



Fig. 19 - D. Maria da Graça com os netos

A bebedeira transformava o marido em fonte de vergonha. Os vizinhos, as casas muito próximas, como espectadores das contendas do casal, aparecem como pano de fundo na decisão de buscar a vida sozinha, nas palavras de Maria da Graça:

Que ele era daqueles bebo embriagados que falava muita bobagem, né. Aí a gente fica com vergonha, né, os vizinhos tudo escutando a gente. E meu Deus quando é que eu vou ter paz? Eu num Ia ter nunca né? Aí resolvi! A gente tem, nem que a gente goste, mas a gente é como se diz: a gente tem que ter coragem porque se num tiver coragem aí você nunca vai resolver seu problema, né, que negócio de reclamar. Reclamar num resolve, né, Tem que agir. Ah, e eu num tou nem aí com o que falam. Eu quero saber que agora tou numa boa (risos). Muito, muito melhor! (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

Além do amor, o respeito é necessário para que a união se perpetue, segundo dona Maria da Graça. Na velhice, ela espera viver em paz, mesmo que seja necessário renunciar ao sentimento pelo ex-marido.

As uniões nos Morros da Mariana são em regra opção do casal. As moças costumam seguir os próprios interesses, a despeito dos pensamentos paternos, casando-se com o homem escolhido. Não há, portanto, regras rígidas a esse respeito. Os pares trabalham para manter a família, cada qual em suas funções: à mulher de modo geral cabem os

cuidados domésticos e os trabalhos manuais. Ela, entretanto, pode também ajudar o esposo na roça, se houver necessidade. Para o homem, o trabalho é fora de casa. Em geral, envolvem-se na pesca e no plantio de pequenas roças.

Os relacionamentos da geração mais idosa, em sua maioria longos, nem sempre começavam cedo, como era praxe em tempos mais afastados.



Fig. 20 - Enedina em frente à casa da mãe

Atualmente, destaca-se o caso de Enedina que, aos 17 anos, é casada com um pescador de 30 anos, filho mais velho do dona Maria da Graça. O casal mora com a mãe do marido enquanto planejam construir casa própria em terreno próximo à casa da mãe de Enedina, como elucida a moça:

A gente namorou oito meses. Por ele, né, tinha sido muito mais cedo. A gente tinha vindo morar junto. Aí eu é que todo o tempo falava não isso assim, assim, aí dizia brincadeira, se ele arrumasse um cavalo branco pra ele me tirar lá de casa meia noite, né. E ficava com aquelas coisas que é pra num deixar ele assim chateado. Aí chegou o tempo que ele falou de novo e eu disse é? Pois então vamos. Eu já também já queria mesmo, aí peguei e disse então eu vou me juntar. Só que ele até disse só que a barra vai ser difícil e eu digo: eu sei, mas eu te quero então. Mas mesmo assim foi decisão nossa. [...] Ele tem trinta. É o filho mais velho da dona Maria da Graça. Ele sempre foi pescador. Já ganhava o dinheiro dele, já. Ele também economizava, né, ele paga colônia e

tudo. A gente mora aqui com a minha sogra aí a gente já comprou um terreno pra gente lá perto da casa da minha mãe pra construir a casa. A gente pensa em começar a construir no final desse ano, começo do outro, a gente já tá começando a fazer o alicerce. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Na narrativa de Enedina, a despeito da juventude da filha, os pais não aparecem se opondo ao casamento, como surge constantemente em outros relatos. Ainda na adolescência, Enedina planeja ter filhos só após fazer faculdade, o que também não é algo ordinário no local:

Não quero filho agora porque eu tou estudando, né, aí eu tou falando que eu num vou passar, mas no caso, eu num passo no vestibular. E ele pesca. Ele também tem que trabalhar, tem que arrumar o dinheiro aí se eu for ter um filho comé que eu vou fazer pra mim poder continuar o estudo? (IDEM).

2.5 RITUAIS DE NASCIMENTO

Sobre os rituais que envolvem o nascimento e a morte, nos Morros da Mariana, pouco angariei. A maioria das pessoas afirmou nada fazerem de especial nestas ocasiões. O que pude registrar, no entanto, aponta para hábitos similares aos da cidade sobre essa matéria.

Não pude detectar nenhum rito em especial que acompanhe o nascimento. O que parece ser ordinário é o pai promover uma pequena reunião com amigos e parentes próximos para comemorar a chegada da criança. Assim, o pai convida para “beber o mijo” do filho. Este hábito não é exclusivo do local. Em centros urbanos como Fortaleza também é natural:

Aí pega só aquelas pessoas mais próximas, né, e faz tipo uma festinha. Compra uma carnezinha, uma coisinha. Aí umbora tomar aí. Que dizem, é, vamo tomar o mijo do menino. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

A prerrogativa do pai de comemorar bebendo com os amigos contrasta com o estado pós-parto da mãe e com os afazeres que envolvem a chegada de um recém-nascido a uma casa. A mãe em muitas

ocasiões não se diverte com a situação, mas a aceita como parte do ônus da maternidade, como se vê aqui representado:

Só era ele que fazia. Bebia. E às vezes os amigos dele iam lá em casa e aí ele dava bebida assim. Desse aí que você viu entrar eu sofri raiva demais porque ele bebia demais porque era homem o menino. Depois de duas meninas aí veio ele e ele já me fez foi raiva porque bebia demais. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

A felicidade da chegada de um filho homem, depois de duas meninas, pode ser para o pai uma justificativa para que a comemoração se alongue um pouco mais do que o normal. Essa quebra do costume pode ser fonte de desentendimentos entre o casal, como se observa no depoimento acima.

Laurinha é a única que cita um ritual de antigamente para a chegada dos filhos, mas enfatiza que hoje o hábito é beber o “mijo” da criança:

É, antigamente, era assim: se fosse, na hora que nascia o menino, homem, era dois foguete; mulher, parece que era três foguetes. Era um aviso. Quando soltava todo mundo dizia assim: fulano, alguém ganhou neném porque já tá soltando foguete. E hoje em dia não. Sobre esse tipo assim não. Só mesmo arruma assim o quarto, decora, na, que já tá mais diferente, né, e fica esperando a chegada do seu filho. E prepara o mijo. Preparar alguma bebida, quem tem condição, né, o mijo, né. Aí quem num tem fica sem o mijo. Quando nasce alguém faz licor, alguém do neném mesmo, né, pra quando a pessoa chegar você oferecer pros que vai visitar, ou então, agora, aquelas lembrancinhas, né, quando as pessoas chega. [...] Nem todo mundo, mas meu filho fez pro dele. Ele mesmo fez. Ele fez licor de jenipapo. E é tão gostoso! Só que eu mesmo num sei nem pra onde, nem pra onde é que começa. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

2.6 PARTO

Atualmente, a maioria dos partos é feita em Parnaíba, assim como os pré-natais. A facilidade de locomoção com a construção da ponte Simplício Dias e a maior oferta de meios de transporte há muito reduziram a procura pelo trabalho de parteiras na cidade. A maior parte das entrevistadas, mesmo as mais velhas, já teve seus filhos em hospitais de

Parnaíba, mesmo antes da construção da ponte. Se naquele tempo isso era uma dificuldade que as parturientes tinham que enfrentar, atualmente é quase que uma certeza. Separei alguns trechos de depoimentos que considere representativos. Começo com a descrição de dona Maria Jose:

Era muito difícil, a segunda filha que eu tive eu fui numa enchente que ela nasceu em março. Um inverno igual esse agora que tá tendo agora pra nós⁴¹. Eu peguei a canoa bem aqui pra mim ir. Tudo cheio. Nesse tempo a gente ficava internada no hospital aí eu já me internei dois dias, nos três eu ganhei ela. [...] Pra voltar tem que ir também de canoa também. De manhazinha antes do sol ficar forte. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

O segundo parto de dona Raimunda é contado quase como uma façanha. Ela teve a filha em casa, com uma parteira, apenas 18 anos atrás. Ela fez a escolha de ter a segunda filha em casa, uma vez que a experiência do hospital no primeiro parto foi desagradável e é narrada como desumana:

Quando eu engravidei da primeira filha, a Clarice, eu fui pro hospital. Fiz o pré-natal e tudo e aí ah, tem que ir pro hospital, porque lá no hospital é que é bom, que se correr algum perigo você já tá lá. Tudo bem, eu fui. [...], ganhei a primeira, de parto normal. Aí eu fiquei assim imaginando se eu algum dia engravidar e na gravidez ocorrer tudo bem. Se no pré-natal o médico falar que está tudo bem e só depende do dia e da hora eu num venho pro hospital não. E aí assim aconteceu. Aí eu fiz. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Apesar de fazer o pré-natal em Parnaíba, a opção pelo parto em casa, com a parteira, persistiu. Este tipo de parto, no entanto, mesmo em sua época, dezessete anos atrás, já era raro:

Fiz pré-natal com dois médicos. [...] Quando apareceu as contrações, que eu comecei a sentir, eu digo assim eu num vou pro hospital não. Meu marido ficou doido, morrendo de medo. [...] Eu vou ganhar é aqui mermo. Aí eu fiquei agüentando e foi chamar a parteira e assim. E pelo modo que eu fui tratada no hospital com o modo, com o carinho que eu fui tratada em casa, sinceramente. Corre o risco em casa, corre. Mas não é bom em lugar nenhum, mas eu te falo sério que em casa eu achei assim melhor do que no hospital. Só por causa do mau atendimento. [...] Que eu sofri lá no hospital.[...] a parteira que foi me atender muito ignorante. Ela não respeitou, ela ficava perguntando se eu tinha arrumado aquele filho era nas boates, [...], pois eu agüentasse. [...] Em casa eu tive assistência da parteira, também o meu marido que tava na

⁴¹ A temporada de chuvas em 2007 foi mais rigorosa do que haviam sido as dos anos mais recentes. Houve muitas famílias desabrigadas na região.

hora do parto, e eu achei que tudo foi assim mais rápido. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Do mesmo modo, Enedina conta seu nascimento em meio a sorrisos e em tom de divertimento, como se fora uma atração local, tão incomum é ter filhos em casa atualmente nos Morros da Mariana:

Eu nasci em casa. [...] Porque quando aminha mãe foi ter a minha irmã no hospital a mamãe disse que as enfermeiras judiaram demais dela. Demais! [...] a mãe disse que quase teve o filho só. [...] Aí ela disse: pois da segunda vez eu não vou mais. Aí não foi. Ela não foi. Aí ela disse que sentiu as dor em casa, aí em casa mermo ela teve, nesse tempo tinha parteira, [...] Aí o meu pai foi deixar minha irmã, que nesse tempo a minha irmãzinha era pequena, foi deixar minha irmã lá na casa da minha vó, né, que num era pra ela ver nada, que num era pra ela ficar com medo de nada. Aí eu sei que eu nasci em casa. [...] a minha mãe falou que eu nasci 11 e 40 em casa. Tem muita gente que diz assim mermã tu nasceu no hospital? Eu digo assim não eu nasci em casa. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Laurinha confessa que fugiu para casar. Enfatiza, no entanto, que só engravidou depois da fuga:

No dia que eu fugi eu tava no ultimo dia de menstruação. Engravidei depois que eu saí de casa⁴². Fugi e engravidei. Quando eu casei, já tava grávida. No mesmo ano que eu fugi, eu engravidei. Tive o primeiro filho com dezoito anos. E aí por diante, né. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

A dificuldade em se locomover para Parnaíba na época em que teve os filhos era grande. Por essa razão, muitas grávidas se hospedavam na cidade para esperar o dia do parto. Isto, no caso de Laurinha, justificou um parto em casa, desacompanhada. O retorno, igualmente, não era tarefa simples, muitas vezes sendo necessário que se carregassem as mulheres em redes por muitos quilômetros depois de dar à luz:

Se eu tivesse grávida, né, na época, grávida. Aí eu tinha um tio ou uma irmã. Aí ele morava lá na Parnaíba, né. Chegou o mês deu ganhar, eu ia pra lá até eu ganhar o menino. E aí passava um tempo porque você num tinha aquela previsão assim. Agora não, que já tem ultrassom, cê diz quantas semanas você tá, quantos dias assim dá pra você ganhar e tudo. E aquela época tinha que esperar, né, até chegar o dia de ter o menino. Aí voltava na rede! Porque, parida, não podia caminhar, né, muito longe, e tinha que vim na rede. Porque não tinha transporte. Era um lá outro cá.

⁴² Este detalhe é enfatizado. O fato de que era virgem quando fugiu com o namorado

Convidava mais porque só um num dava. Era desse jeito que tinha que ir. Assim, minha mãe teve tudo em casa. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

A experiência de parir em casa, sozinha, é rememorada com um toque de suspense. O parto ocorreu assim porque não houve tempo para chegar a Parnaíba. A calma com que narra o fato é curiosa. O parto é tratado por ela como algo corriqueiro e simples:

[...] E ainda tem uma que eu não contei: o Celmo, eu tive em casa. Tive um em casa. Nesse dia foi um sucesso! (risos). [...] Eu tava grávida, né, e meu marido nesse dia tinha chegado de viagem. Aí eu fui lavar roupa no rio, que é pertinho, né. (IDEM).

Explica que acabava de lavar roupa no igarapé próximo a sua casa quando sentiu as primeiras dores:

[...] aí comecei a sentir aquela dor de barriga. Aí eu achava que não era pra ter, né. Aquela dor de barriga, Aquela dor de barriga. Aí quando eu terminei de lavar roupa, [...] só fiz trocar a roupa e truxe tudinho. Aí eu pedi pra menina que morava na casa da mamãe e ajudava ela, né. [...] Estela, Estela estende essa roupa pra mim. (IBIDEM).

Quando percebeu que chegara a hora de dar á luz, lembrou-se de que o marido estava em Parnaíba, o que dificultaria o parto no hospital:

[...] Nessa época morava uma pessoa comigo que chamava Judite. Eu digo: Judite, tu sabe que eu acho que eu vou ter, eu vou ganhar neném hoje! [...] Aí, meu marido o nome dele era Eugênio, ele tava pra cidade. Parnaíba, né? Eu digo: tomara que ele chegue logo antes de apertar mermo pra mim ganhar neném mesmo, que senão eu vou ganhar em casa. (IBIDEM).

Mostrou naturalidade nas ações que precedem o parto. Mesmo sem experiência, prepara-se para o que viria. Banha-se, manda chamar a mãe, pede ajuda da vizinha; mas o trabalho de parto já estava avançado e não houve tempo sequer para que alguém chegasse em seu auxílio:

[...] e eu me banhei, troquei de roupa, e quando eu troquei de roupa eu digo assim: Judite, mulher, num vai dar tempo não! [...] aí, quando eu troquei de roupa, a vizinha tava na janela aí eu disse pra ela: dona Teresinha a senhora pode vir aqui, por favor, bem rapidinho? Eu disse desse jeito. E ela disse assim: ta, já vou. Aí a única coisa que eu fiz foi pegar uma toalha de plástico e colocar em cima da cama. Aí, porque eu nunca tinha tido menino em casa, e quando a gente tem no hospital, é diferente de quando

a gente tem em casa, né. Aí eu digo: Judite, chama a mamãe, pelo amor de Deus, que eu já tou tendo o menino. Ah, mulher, quando a minha mãe chegou, eu já tinha tido era o menino, o Celmo. Sozinha. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Quando chegam familiares e uma parteira, o parto já findado, outro processo se inicia com a suspeita de que ainda havia um bebê em seu ventre. Embora Laurinha sentisse o contrário, tomam-se providências para que o outro bebê venha ao mundo:

[...] Agora a Judite saiu, isso era mêi-dia, aí eu tive esse Celmo, aí chegou as minhas tia que morava aqui no fundo aqui, aí elas vieram. Aí disseram que tinha uma pessoa [...] que era parteira. [...] e essa mulher que era parteira disse assim: mulher, eu acho que ela tem outro menino pra ter. Aí eu sem saber de nada. Menina aquele bando de gente aqui. Aí a minha mãe rezando, minha tia rezando. Eu digo só comigo e digo vem cá e o que é que tão esperando? Aí disseram mulher, fala não. Fala não que tu ainda tem outro menino. Aí eu passava a mão aqui e num via nada. [...] Eu sei que mandaram comprar injeção pra mim ter força pra mim ter outro menino. (IDEM).

Depois de tomar medicação para ter novas contrações, o marido de Laurinha chega e a leva às pressas para o hospital, deixando o recém-nascido para trás:

Eu tomei a injeção e aí nessa hora meu marido chegou. Aí disseram assim: ó, tem que levar ela pra Parnaíba porque aqui ela vai ter outro e num vai dar certo pra ela ter outro aqui não. Menina, sei que meu marido conseguiu um carro pequeno e me levou. Me levou no colo que na época ainda nem tinha pista aqui inda não, né. [...] eu fui e o menino ficou. (IBIDEM).

Embora tenha sentido duas vezes as dores para ter só um bebê, não fez alarde. Conta que foram dores fortes e que foi bom ter ido, pois havia providências a serem tomadas que faltaram:

E aí minha irmã foi comigo, né, minha irmã e meu marido. [...] Fez até bem, porque, quando eu cheguei lá, a reação da injeção, eu senti uma dor, que era pra ter outro. Mulher de Deus! Aí, inda bem que na hora que eu ia chegando minha doutora foi e disse assim tem nada não. Aí ela foi e me aplicou uma injeção contra o tétano, né, e fiquei em observação qualquer coisa que eu sentisse. Aí graças a Deus eu num senti nada aí aquilo foi passando. E lá na hora meu marido foi comprar uma sandália pra mim que eu fui sem nada, né. [...] Aí no outro dia eu vim embora e pronto: tudo normal. E o neném normal, num senti nada. Aí eu digo, tem fé em Deus, que eu jamais vou ter outro menino em casa. Na hora de nascer eu senti dor, só que foi assim tão rápido. Num sei se é porque eu tava assim dendágua. Eu só sei que eu comecei a sentir aquelas dor de barriga assim. Foi uma dor de barriga assim, sei

nem te dizer. Foi rápida mesmo que não deu tempo eu ir pegar carro pra ir pra Parnaíba. Não deu. ((LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Quando fala do parto da filha, Nádia, que mora com ela, a narrativa toma outra feição. Embora a filha tenha dado à luz a neta no hospital, medo, insegurança e ansiedade são presentes no discurso da mãe que aguarda o parto:

Olha, eu fiquei num nervoso tão grande, Ana Cláudia! Que, depois de tudo, que ela teve. [...] Eu me desmanchei foi em choro. Tive uma crise de choro. Meu medo era assim porque ela demorava tanto. Será que ela tava sendo complicado e a enfermeira num queria dizer, né. Eu achava que era isso, né, mas nada. É que em tudo que ela sentiu, era o primeiro e ela num sabia bem né, em tudo que ela sentiu ela foi logo. Como a gente ia e num tinha transporte, a gente ia de ônibus, a mulher por bem achou melhor que a gente ficasse logo lá. (IDEM).

A inexperiência aludida por Laurinha é a justificativa para sua apreensão na demora do parto da filha, que ocorreu em dia feriado, como relembra Nádia, enfatizando a demora do trabalho de parto:

Ave Maria! Passei um dia e uma noite pra ter ela. Eu fui como hoje nove da manhã e passei o dia, a noite e tive ela cinco horas da manhã do outro dia. (NÁDIA DA COSTA SOUZA – 29 anos).

A falta de médicos para assisti-la é outro detalhe que recebe destaque. Era véspera de Ano Novo e não havia doutores de plantão no hospital:

Só as parteira! Que era final de ano, os médico tavam tudo nas festa. Ela nasceu dia primeiro de janeiro. Era só eu mermo, mamãe e a parteira. Num tinha uma mulher que tinha ganhado neném nesse período. Só tava eu. Quando eu cheguei tinha uma saindo de alta, né. Fiquei só eu. Um médico, num tinha. (ênfase) Só se fizessem tudo e num pudesse ter normal aí eles ligavam pro médico, o médico vinha. Mas só que o médico que me acompanhou os nove meses tava em Fortaleza. Foi o doutor Leôncio. A mamãe num chegava nem perto de mim, com medo. (risos). Chorava muito. (IDEM).

A ausência do profissional que acompanhou a gravidez é outro fator estressante na experiência da filha de Laurinha. Além disso, o transporte a que tinham acesso era o coletivo, o que dificultava a locomoção em caso de urgência. Assim, as duas permaneceram todo o

período que compreendeu o trabalho de parto no hospital vazio:

Logo, quando eu cheguei lá, eu tava com um centímetro. Ela disse pra gente ficar porque num podia voltar mais não. Eu tive que ficar lá. Aí passei o dia tome deitada numa cama lá. Que ela mandava era eu caminhar pra melhorar e eu nem importância pra elas. Ficava era deitada lá. De perna fechada. Ela dizia que quando viesse a dor era pra mim botar era força e eu trancava era as perna tudo. Mas ela disse que também demorou muito porque era parto seco. Num tinha líquido nenhum. Era só a criança. Ela disse que é um dos partos pior que tem. Eu num engordei nada. Fiquei do mesmo jeito. Ave Maria, mas é muito ruim. Às vezes a gente pergunta. Que tem mulher aí que tem tantos filho e num acha ruim. Eu tive só um e Deus me livre deu voltar atrás nessa história. Se fosse assim ter chegado lá ter tido logo talvez, né, num fosse tão ruim. Mas o dia que eu passei pra ter. (NÁDIA DA COSTA SOUZA – 29 anos).

O discurso da mais jovem contrasta com o da mãe que descreveu, além dos aqui expressos, outros partos sempre sem alarde. Sem queixa. Tranquilamente. Mesmo quando narra o parto de um natimorto aos oito meses de gestação, Laurinha não se maldiz. A descrença da médica em relação ao depoimento da parturiente, contudo, pode ter causado a morte do feto, segundo o testemunho:

Aí eu engravidei de novo do último, que foi o sétimo. Aí normal. Tudo normal, fiz pré-natal, fiz tudo. [...] Aí eu ia ter em maio. Tive ele em abril. Eu tive um susto, me assustei. Comecei sentir cólica, já tava no mês de abril, como que fosse pra ganhar neném mesmo. Aí eu fui até na minha médica. Aí eu disse pra ela tudinho. Que eu tinha me assustado, tinha sentido, tava sentindo dor, tava com uns três dias que eu sentia dor. Se ela tivesse me ouvido direitinho, e tivesse feito logo o parto, eu acho que eu tinha tido tudo normal. Mas aí eu passei três dias sentindo dor. Mas não tive, entendeu? Aí ela disse não mulher tu vai ter só em abril mesmo. Aí eu disse não minhas conta ainda dava pra o mês de maio. Ela disse que não, que eu ia ter em abril. E eu tive em abril. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Uma mulher que já havia dado à luz vários filhos sentia-se diferente e, de certa forma, esperava pelo desfecho, mas procura novamente assistência profissional:

... Comecei sentir minha barriga diminuir. Quando eu deitava assim eu sentia só como que ele quisesse se espreguiçar. E a barriga era mole. Aí eu falei com meu marido: sabe, Eugênio, ou ele ta morto ou ta doente. Ele disse: Tá nada! Eu digo ta, eu tou achando diferente que a barriga, quando a gente ta grávida, a barriga da gente não fica mole. E a minha barriga tá mole e eu tou

sentindo que tá diminuindo. Aí quando foi um dia eu, quer saber, eu vou no posto. E eu fui. Cheguei lá tava em reforma. Voltei. Quando eu cheguei no terminal de ônibus, tinha uma mulher perguntado quando é que eu ia ganhar, né. Aí eu contei pra ela a história. Aí ela disse assim mulher, pois num volta não. Vamo comigo ali na Santa Casa que eu tenho uma amiga lá que pode fazer exame em ti pra tu saber tudo que fica até melhor pra tu. [...] E eu tinha amanhecido assim com umas colicazinhas. Aí eu fui. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

A obstetra que acompanhou Laurinha na gestação faz o parto do bebê já sem vida. Laurinha, que sempre teve partos fáceis, conta que teve hemorragia causada por complicações no parto:

Aí a minha médica era lá na Santa Casa. [...] me examinou, aí ela sabia que o menino tava morto e ela disse que num queria me dizer nesse dia. Aí eu digo olha, eu já sabia que esse menino tava morto. Naquele dia eu lhe falei. Pois é: hoje tu dorme aqui e quando for dez hora da noite ela vão colocar remédio pra tu sentir dor e ter tudo normal. E assim ela fez. Aí eu mandei avisar pra casa que eu num ia voltar, [...] eles colocaram remédio pra mim sentir dor aí quando deu de manhã cedinho eu tive ele. Ele morto. [...] Aí não tive as placentas. Aí teve que tirar. Aí as enfermeira num tinha muita prática como a médica, né. (IDEM).

Sempre tranqüila, narra as dores causadas pelos procedimentos de curetagem. Conta que só após o marido invadir o centro cirúrgico uma médica é chamada. A hemorragia não permitiu a laqueadura das trompas programada pelo casal:

Ó, eu nunca na minha vida dei um alarme quando eu fui ganhar neném. Mas, nesse dia, eu gritei! Elas meteram a mão aqui, se tu visse, aí puxaram a placenta. E eu gritando, gritando. E nessa hora meu marido chegou e perguntou o que era que tavam fazendo comigo. E nessa hora ele entrou duma vez. E ele disse assim: eu vou entrar porque é minha mulher e eu quero saber por que ela tá gritando. Aí elas foram contar, né, aí foram telefonar pra minha médica [...] Sei que desse período até a médica chegar eu derramava tanto sangue que eu senti que vinha aqui em cima do meu cabelo chega ensopou. [...] aí ela colocou a luva, ela mandou que eu relaxasse e confiasse em Deus, ficasse calma e tranqüila. Ficasse com a barriga bem molinha que eu não ia sentir dor. [...] Aí com ela mesmo eu não senti tanta dor, né? [...] Que eu ia fazer ligação aí não fiz porque eu perdi muito sangue e não dava pra fazer. Aí ela disse que a razão das placenta num ter tido junto é porque demorou muito o menino morto dentro e colou aquela pelezinha do neném colou nas placenta. (IBIDEM).

O estado do filho natimorto, as providências tomadas, o retorno para a operação de laqueadura, tudo é narrado com voz serena:

Quando eu tive ele, ele tava já tipo assim como quem rala o rosto assim no chão. Assim todo ralado. E assim na moleira dele aqui num sei se é porque passou muito tempo morto dentro, né, tava isso aqui tipo assim mole. Aí sei que ele eu tive normal e aí num fiz mais ligação. Elas colocaram remédio dentro de mim que era pra num ficar com infecção, remédio pra mim secar o leite e num sentir meus peito encher, remédio pra mim num dar febre, sei que aí eu tomei todos esse remédios aí com uns dois meses depois eu fui fazer a ligação. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

O enterro foi feito no quintal, sem velório e os rituais de praxe. O resguardo sem filho é o que de estranho Laurinha destaca naquele episódio. Após ter tido seis filhos saudáveis, um susto teria ocasionado a perda daquele último rebento:

Foi. E fiz aqui no cercado. Num foi nem em cemitério ele num foi. Ele era pequenininho. E enterraram aqui no cercado. Aí quando eu cheguei foi assim tão esquisito, ó, o resguardo sem ter a criança. [...] eu me assustei e ele morreu. Eu acho que só pode ter sido isso. Que tava tudo normal. E eu, nenhum dos meus filhos eu nunca tive nada. E só pode ter sido do susto. E acompanhava todo o tempo na médica. Fazia tudo, lavava roupa e tudo. Que tem gente que quando ta no meio já num faz mais nada. Eu não. Eu fazia normal, né. (IDEM).

A vida seguia o ritmo habitual nas gestações. Os trabalhos domésticos faziam parte da vida e, como tais, compunham a realidade da gestante. Esse fato não atrapalhava ou talvez, ao contrário, auxiliasse o nascimento de seus filhos.

Neile não sabe detalhes de seu nascimento, mas explica que ela e os sete irmãos nasceram todos em hospital em Parnaíba:

Nasci em hospital mesmo. Eu tenho sete irmãos. [...] Só uma irmã, eu e minha irmã. E eu nasci assim, é, nasci aqui mesmo na Ilha, né, em Parnaíba. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

Dona Deusa conta que nasceu lá mesmo, nos Morros da Mariana, pela mão de uma parteira que se chamava Benta, já falecida. Todos os seus filhos também nasceram com parteira:

Meus filhos também. Tudin. Eu agradeço a Deus que dois filho, essa e outra, ô meu Deus que quase que eu morro de sofrimento. Sofrendo com elas. Eu tive um até só. Tão rápido que tive até só. (risos). A segunda. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Lembra ela que havia muitas parteiras, mas atualmente é coisa em extinção:

Hoje em dia num tem mais não. Cabou, num tem mais não. Num vejo falar mais não. Tudo é no hospital. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Apesar de afirmar que seus partos eram rápidos, no primeiro a desinformação, talvez porque crescera órfã, sobre o trabalho de parto, pode lhe ter aumentado o “sofrimento”. Ela relembra e o explica em detalhes:

Assim do meu menino mais velho eu conversei com uma tia dele que era minha cumade aí eu disse assim: cumade Mira e cuma é isso aí? E ela disse assim: ói cumade Deusa, quando você sentir você num diz logo não porque não é rápido não. Aí eu comecei senti. Amanheci o dia sentindo. Aí fui na casa duma colega minha aí eu disse assim: ô mermã eu hoje amanheci tão ruim. Num posso nem me sentar, parece que tem um toco aqui atrás. Aí ela disse assim: pois num te senta, num faz renda. (IDEM).

A memória entremeada pelo presente constrói uma narrativa não linear. Observações da vida atual se inserem ao fato que está sendo narrado. O trabalho de parto ainda se estende por todo o dia sentido às escondidas, no anonimato, como fora ensinado:

Hoje eu acho que sou rica. Porque eu tive meus filhos pelas casa. Pelas casas dos tios, pela casa da minha avó que meu marido num tinha condições. Aí passei o dia todinho. Ele andava trabalhando e eu morava com a minha avó, a mãezinha. Minha avó morreu com 115 anos, a mãe da minha mãe. Aí eu num disse nada. (IBIDEM).

Sem apetite em razão do estado em que se encontrava, dissimula o que sente, foge da presença dos familiares, se esconde:

Quando foi na hora do almoço ela disse menina tu num vai almoçar não? Eu digo não mãezinha. Eu comi uns caju inda agora, mentindo né, e aí eu num tou com fome. Num vou comer agora não. Tinha uma prima minha que era costureira. Aí nesse dia eu fui lá pegar. Aí eu fui me trancar lá na casa que eu dormia, na casa duma tia minha. Passei o dia com aquela coisa ruim, mas num dizia pra ninguém. (IBIDEM).

Ao final da jornada de trabalho na roça, o marido chega e dona Deusa conta o que se passa, mas ainda se preocupa em alimentá-lo. Só então a parteira é chamada:

Quando meu marido chegou seis horas aí que eu disse pra ele. Aí ele disse que eu ia ganhar ele noutra casa. Aí fomos se mudar, ele foi limpar a casa, era de areia, botar areia alvinha pra arrumar a casa. E aí eu carregando as coisas que nem uma porca quando vai parir. (risos). Ele levou fogareiro, levou tudo e eu digo Zé vamo fazer um café pra tu tomar, comer uns camarão com farinha. Ele disse não só quando o neném nascer. Aí quando eu num agüentei mais eu disse pra minha tia. Eu tinha 22 anos. Eu me casei com 18 e tive com quatro anos. Aí chamaram a parteira. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

A criança nasceu próximo à meia noite, véspera de Reis, razão pela qual ela o chama Reizinho:

Era um dia de sábado pra domingo, véspera de reis, ele nasceu. Ela disse num vai custar muito não. Talvez que daqui pra meia noite ele chegue ou ela. Aí quando foi antes das 12 horas mesmo o Reizinho nasceu, o bichinho. Aí eu digo que num sofri porque deu pra mim suportar. Sentia dor, mas num era assim de alamar⁴³. Quando amanheceu o dia tava todo mundo admirado. (IDEM).

O nascimento da segunda filha já foi na mesma casa em que a entrevistei. Ela planejava ter a filha no hospital, mas o esforço para pegar água adiantou o trabalho de parto e a menina nasceu quando a mãe estava só em seu quarto. Dessa vez, quando sentiu os primeiros sinais, mandou chamar a parteira, mas esta não chegou a tempo:

A segunda foi a Francisca Maria. Eu já morava aqui. No ano que eu me mudei pra cá em 58 foi o ano que ela nasceu. Só que era de taipa. Num era assim não. Aí o reizinho acordou chorando pra beber. Eu ia ganhar na cidade porque tinha dado um mal nas galinha e nesse tempo a mulher passava cinco dias trancada só comendo, era uma coisa tão diferente de hoje (risos). Quando eu me levantei pra dar água, minhas placenta nunca quebrou assim fora. Era dentro eu só sentia aquele pum como quem vai soltar um vento. Aí pesava logo pra baixo. Aí eu digo eita que num dá pra ir pra cidade não. Ai eu digo Zé vai ali atrás da cumade Benta pra ela vir aqui que eu vou ganhar essa menina aqui. Num vai dar tempo de ir pra Parnaíba não que era só seis horas da manhã o carro. Aí ele foi chegou lá ela tinha ido pescar. E eu digo tá ruim, pois chama aí a cumade Teresa pra ela ficar aqui comigo e vai atrás de outra. Aí ela chegou e disse assim mermã e tu tá ruim assim? E eu disse mermã eu acho que num vai demorar mais nada não. Aí ela foi lá na cozinha olhou o pote e disse vige teu pote tá ceco. Foi pegar água. Foi só ela sair. Quando ela saiu veio um dor e já veio com tudo. Eu só fiz me deitar e me atraquei aqui no punho da rede e taquei o grito. E a menina danada chorando e ela lá apanhando água pra trazer. Ela chegou e disse mermã tu é doida? (risos). Eu digo doida não. Ela pegou um pano e puxou a menina debaixo de

⁴³ Alamar.

mim e ficamos esperando a parteira. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

O trabalho da parteira foi finalizar o parto, ver se tudo ocorrera bem, fazer a assepsia:

Quando a parteira chegou que me tiraram da rede eu tive o resto. Quando eu saí, todo mundo admirado. Mulher tu é boa pra parir. Eu tive sozinha minha bichinha. Já é mãe de quatro filhos também. Já tem até dois casados minha fia mais velha. (IDEM).

Naquela época, os trabalhos domésticos não eram leves, pois incluíam puxar água nas cacimbas e carregar sobre a cabeça para abastecer a casa. Esse serviço, assim mesmo, era aparentemente realizado até a hora do parto. Possivelmente os movimentos diários de dona Deusa tornassem seus partos realmente rápidos, como narra ela:

Já a Francinete foi onze horas. Eu tava apanhando água mais as muié de manhã, que tinha uma cacimba. Era no mês de março. Nessa época minha casinha caiu. Aí foi o jeito que teve foi arrumar outra casa pra ganhar ela. Lá eu tomei banho, vim, cuidei no almoço aí eu senti aquele peso. Eu digo, valha-me Deus, é hoje. (risos). Era assim. O Daniel nasceu na hora que o avião passou que eu me espantei com a zuada do avião e me acordei quando deu cinco hora da manhã eu já tinha tido. Mas é muito engraçado, sei lá Cuma é. Tudo com saúde. Essa Deuzinha, mãe das gêmeas, ela é gordinha, engraçada minha fia mais nova. Ela nasceu com um 1,6 kg. [...] É porque uma cunhada minha que morra ali encostada da creche ela tinha uma venda aí ela vinha buscar aqui e levou ela pra pesar com 15 dias. Ela num saía daqui. Ela pegava ela, botava entre os dedos. Mas era um bebezinho, muito alvinha, muito bonitinha. Foi preciso fazer um vestido de boneca pra ela quando ela nasceu. Nasceu de tempo, mas era uma graça (risos). Mas tudo era miúdo. (IBIDEM).

O fato de as crianças nascerem pequenas também ajudava. Só há uma exceção em que necessitou ir ao hospital, quando abortou. Na ocasião, precisou ir para Parnaíba na rede, levada por alguns homens. A descrição do trajeto dá uma idéia de quão difícil era ir ao médico por aqueles dias. Do mesmo modo, o tratamento dispensado às parturientes de baixa renda nos hospitais de Parnaíba:

Eu tive seis filhos. Um aborto. Agora desse aborto eu quase morro. Foi preciso ir pro hospital tirar. Foi o quarto. Me levaram na rede. Ô viagem que eu num desejo pra ninguém. A gente andar de rede por as mãos dos outros daqui pra Parnaíba. No inverno com lama. Os homem escorregavam, a gente escorregava. Mas me deu uma

hemorragia. Foi 15 dias. Nos 15 dias foi que me levaram, mas num teve jeito foi preciso fazer coretagem. Nesse tempo faziam assim cuma fosse em animal. Eu sofri muito pra ter esse aborto. Foi com três meses, mas já tava perfeitinho. Era homem. Aí criei meus filho. Era tanto leite que dava leite pra gente adoecia e vinha pedir leite eu dava era as copada. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Ao mesmo tempo em que as lembranças duras vêm, os pensamentos também são povoados de memórias do carinho pelos filhos, da luta pela sobrevivência, do leite farto.

2.7 INFÂNCIA

Sobre a infância, assim como os demais assuntos, reuni depoimentos de pelos menos três gerações de mulheres. A maioria destaca o cuidado dos pais com elas quando pequenas e adolescentes, as brincadeiras de que mais gostavam, os brinquedos, a vida doméstica. Embora as idades sejam dissonantes, encontrei semelhanças e dessemelhanças nas narrativas, o que sugere conexões e afastamento entre os costumes infantis de Morros da Mariana e a cultura urbana pós-moderna.

A fala de Neile, 32 anos, demonstra os limites impostos por seus pais na infância, bem como o papel de provedor de seu pai. Por outro lado, há queixas acerca dos poucos brinquedos a que teve acesso:

Minha infância, na época assim, eu sempre tive um pai de um ponto, um termo assim de cuidar da gente em casa, não deixar faltar nada. Mas o meu pai, na época. Ele não, ele nunca gostou de dar brinquedo pra gente, presente, essas coisas. Eu era louca pelo uma bicicleta, mas ele nunca me deu, eu vim conseguir uma bicicleta, depois de casada. Então, meus brinquedos, eu gostava muito de brincar de boneca, muito mesmo. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

A principal companhia era uma prima que aparentemente vivia em melhores condições. A falta de brinquedos prontos, no entanto,

estimulou Neile a criar brinquedos com artefatos que encontrava em seu universo, como milho e plantinhas⁴⁴:

A gente brincava, eu brincava, com uma prima minha que [...] toda vida ela foi filha de papaizinho, né. Então, ela tinha muitos brinquedos, muitas bonecas linda. Então, ela ia lá pra casa, a gente brincava muito. Eu inventava uns brinquedinho de, aqui tem uns pé de mato, né, que se chama pé de galinha. Então a gente tirava aquelas galinhazinha e fazia uma boneca. Quando não, era tempo de milho verde, a gente pegava os milho que tava saindo aqueles pelim, aí nós ia brincar. Porque ele não comprava outros tipo de brinquedo pra mim, de jeito nenhum. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

Um dos poucos brinquedos foi presente da mãe. O pequeno fogão, ainda guardado, é lembrado com carinho. A reboque vêm as memórias das brincadeiras que o objeto proporcionou; os ensaios para a vida doméstica adulta, fazendo “comidinhas”, que por vezes são divertimento para as meninas na infância. Alguns insumos eram pegos ali mesmo, no igarapé:

O único brinquedo, que ainda hoje eu tenho ele na minha memória, era um fogão, que minha mãe comprou uma vez. Eu fui pra Parnaíba com ela, aí eu vi esse fogãozinho. [...] completo com as quatro panelinha em cima do fogão. E eu conservei muito esse brinquedo. Pra mim era uma alegria grande quando eu ia brincar com ele. E agente gostava muito de brincar de comidinha. Minha vizinha [...] tinha um fogareiro e uma panelinha de alumínio mermo, viu? De ferro. E ali a gente se reunia e fazia as brincadeirinha, [...] fazia comida. Comida mesmo e ia comer. E aqui tem no rio, e ainda tem: uns caranguejim pequeno que a gente chama de aratu. Então a gente falava que ia pescar. Aí a gente entrava no rio, quando ele tava seco, que tem a lama e ele entra nos buracim⁴⁵. Aí, a gente pegava eles, trazia, fazia o arroz com feijão, e torrava, pra gente comer. (IDEM).

A liberdade da vida rural convive com a realidade citadina nas brincadeiras. Brincavam de pular elástico, algo que também na cidade se fazia. Da televisão, vinham as danças e os desfiles inspirados no “Xou da Xuxa”:

Nossas brincadeira era essas: de noite, de dia, qualquer hora. Quando nós chegava do colégio... [...] De noite nós brincava muito de pular cordinha na época, [...] De elástico, pular elástico. A

⁴⁴ Na minha infância, embora residindo em Fortaleza, nas férias, quando na fazenda de meu avô às margens do rio Parnaíba, era um divertimento especial fazer bonecas com espigas de milho novas e com elas inventar brincadeiras, juntamente com algumas primas e com as filhas dos moradores da fazenda.

⁴⁵ O Aratu.

gente pegava dinheiro escondido das mães, pra nós comprar elástico, pra nós brincar de noite. Que a noite era essas brincadeira. [...] Meu pai tinha televisão, [...], mas eu nunca, nunca, nunca eu fui chegada a televisão. Outra brincadeira também, que eu gostava muito: a gente se reunia, lá na minha casa, aí a gente vestia biquíni, porque na minha época, a Xuxa, ih, era um programa muito... Era a única coisa que eu assistia, né. Aí, meu pai tinha um gravadozin, e a gente tinha as músicas dela. E a gente se vestia, se maquiava, e ia dançar. E dançava demais, demais, demais, demais. Era uma brincadeira que todo dia nós fazia isso. Aí nós formava o grupozim, tudim de biquíni, as vez meu pai brigava, mas nós gostava demais dessa brincadeira. Até hoje eu me lembro muito dessa brincadeira. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

Quando recorda sua infância e adolescência, reflete sobre a educação que dá à filha adolescente, comparando-a com a que recebeu de seus pais. Procura, então, não repetir o que reprovava na época da infância. Mostra, desse modo, entendimento das fases diferentes pelas quais se passa no decorrer da vida e das necessidades peculiares a cada período:

Na minha infância, eu (pausa) hoje, às vezes, eu tenho um pouco de raiva, eu brigo com minha filha, porque ela não é muito assim interessada. Nos estudos, no trabalho também que ela sabe a arte que ela sabe. Mas às vezes eu fico calada, eu para de discutir com ela porque a minha infância também, eu me lembro que eu fazia muita raiva a minha mãe. Porque eu não queria fazer nada em casa. Eu fazia renda, assim por esporte, né? Por esporte, não com vontade com aquele interesse de aprender, de, de (pausa) Continuar esta tradição que hoje, depois que eu casei, é que eu dou valor a ela, né? (IDEM).

Assim, entende que a compreensão de certos valores pode ter um tempo acertado, o qual sua filha ainda não alcançou.

Já Cida, quando criança, ajudava a mãe vendendo cuscuz e tapioca na rua, mas afirma que foi época muito boa:

Ô minha infância, minha infância foi muito boa, graças a Deus. Quando a gente é criança é muito atentado, né, depois vai crescendo. [...] nunca tive assim uma colher de chá né. Todo tempo era trabalhando. Quando eu era pequena eu vendia muito. O pessoal fazia bolo eu vendia, era cuscuz, era tapioca. Na minha infância eu já era assim esperta pra ganhar dinheiro sabe? Aí desde esse tempo eu num paro. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos).

Cida também se refere às brincadeiras de comidinha e de casinha em primeiro lugar nas memórias de infância. Depois vem a

comparação com as crianças de hoje. A liberdade de brincar na rua durante as noites é outra característica presente:

Brincava de casinha, brincava de comidinha. Agora ninguém vê mais as meninas brincar de comidinha. Era nos domingos arrecadava uma turma de gente e ia brincar de comidinha. A noite nós brincava de tipo aquelas brincadeiras é o anel de pulo⁴⁶, que tinha o anel de pulo. A gente sentava assim e brincava da melancia que fazia a barriga grande aí a melancia tava fofa, né. E era tanta brincadeira a noite. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos).

À lembrança das brincadeiras, se juntam as imagens da geografia local de então. As ruas de areia clara serviam de palco para aventuras infantis:

Eu ia era pra casa da minha tia Santinha. Que ela mora ali na avenida e ali na estrada não tinha aquela estrada. Era assim uma areia tão alvinha! Era muito bonito mermo na frente lá. Era um arealzinho e aí a gente ia brincar lá a noite. Se ajuntava eu, as menina dela, as menina do vizinho da frente, outras daqui. Tudo ali da rua mesmo. Logo ali eu morava bem pertinho. Eu num morava aqui nessa casa não. Morava bem pertinho ali da avenida. A gente ia brincar ali toda noite. Aí negócio de brincar assim você é meu marido, você é minha mulher aí teve um dia que veio um gaiato, viu? Ora você é minha mulher eu digo isso aqui é de brincadeira menino. Né de verdade não. Ora, um gaiato querendo meter o pé diante da mão. (risos). Sempre tem um saliente. Não. Cai fora! Pois é, mas sempre tem gaiato no meio. (IDEM).

Resistir aos apelos masculinos é algo que se aprendia cedo. Quando o menino demonstra interesse em descobertas outras, é Cida quem impõe limites. Esta observação é reforçada quando se percebe que,

Geralmente, as meninas, já aos cinco anos de idade, começavam a acompanhar os “deveres” da mãe, e aos sete anos iniciavam-se no “saber-fazer”⁴⁷ das rendas de bilros. Esse ensino-aprendizagem exercia funções distintas no cotidiano, já que, além das conhecidas como “prendas domésticas”, eram ensinados outros “saberes, entre os quais regras, normas, religião, ética, moral e principalmente a conduta que a figura feminina deveria assumir na vida. (ANGELO, 2005, p. 101).

Seguindo o padrão ora descrito, Maria do Socorro passou a infância em meio ao cuidado com os irmãos menores. A mãe costurava para complementar o orçamento e ela ajudava com os irmãos. A noite

⁴⁶ É uma brincadeira semelhante ao Passa anel, em que uma pessoa esconde um anel entre as mãos, passando-as nas mãos dos demais. Os outros participantes devem descobrir com quem o anel foi deixado.

⁴⁷ O que abordarei mais a frente

também era o espaço para exercer atividades de criança. As brincadeiras, no entanto, também reproduziam afazeres domésticos:

Eu passava o dia todinho cuidando de menino quando era a noite eu ia brincar. A minha mãe era costureira também aí eu tinha que ficar com os meninos pra ela poder costurar. [...] De casinha, assim, de comidinha, de mancha. Eu brincava era muito. (MARIA DO SOCORRO CARVALHO DOS SANTOS – 29 anos).

Assim também fez dona Deusa, acrescentando o trabalho doméstico na educação das filhas:

Aí comecei e botava elas pra trabalhar, as bichinha. Trabalhava todo mundo. Era boas dona de casa. Nunca criei minhas filhas na rua. Só trabalhando. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Dona Maria da Graça, mãe de Maria do Socorro, diz que a rua era território proibido. A rigidez do pai limitava seu universo às fronteiras domésticas:

O papai num deixava nem a mamãe. Deixava não. Quando eu saía fora ele já mandava voltar. [...] Quando eu era pequena o meu pai era muito rígido na criação. Uma vez eu inventei de aprender a andar de bicicleta ele fez eu vir pra casa, não deixou eu aprender. Se eu jogasse bola, assim como muitas meninas gostam, ave Maria. Num deixava não. Eu nunca tive essa. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

Assim, a criatividade para inventar peças de roupas teve lugar em seu imaginário. Mais tarde, foi com o trabalho de costureira que a ajudou a criar os filhos:

Ah, quando eu era criança, eu me trancava num quarto e ia fazer era roupa de boneca, viu. Eu cortava, eu fazia de modelozim e tudo. Aí depois eu comecei a pegar uma roupa minha velha e recortar pra fazer roupa. Eu sou costureira também. (IDEM).

Dona Deusa lembra com mágoa a vida de criança sem os cuidados da mãe, dividida entre várias moradas. A avó paterna a criou por pouco tempo, mas também logo faleceu. O irmão casado assumiu a responsabilidade até os dezoito anos. De nenhuma brincadeira ela dá depoimento. O sofrimento infantil é o que vem à tona:

Minha mãe, eu não conheci. Eu engatinhava quando ela morreu. [...] Aí eu fui criada assim jogada pela casa dos outros até quando o meu irmão mais velho casou foi que ele me juntou eu e outro irmão e fomos morar junto, nos três. A minha avó por parte de pai

foi ela que me criou, mas também ela morreu cedo e eu fiquei com meu irmão até 18 anos. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Dona Raimunda lembra da rotina que a mãe lhe impunha. Também não fala das brincadeiras, embora tenha repetido o modelo matriarcal com os próprios filhos:

A minha infância foi uma infância assim muito de, [...] que minha mãe me botava mesmo pra trabalhar. Ela botava a gente pra trabalhar. Ela nunca me deixou assim quieta num canto. Eu tinha aquela liberdade de brincar também, mas tudo tinha sua hora. Tinha hora de brincar, tinha hora de dormir, tinha hora de fazer tudo. Mas ela sempre me botou pra trabalhar. Eu nunca me criei assim vivendo só de brincar, de não saber o que era bom. Logo, como você tá vendo, a gente veio mermo de família pobre mermo. E aí assim também eu fiz com as minhas. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Enedina, sua filha, embora mencione alguns limites impostos pela mãe, sugere mais liberdade de que a mãe ao se lembrar das brincadeiras da infância. A referência ao gosto pelos estudos é a única que aparece nos depoimentos colhidos. A ligação com a mãe também se mostra forte:

Eu num gostava de boneca não. [...] Eu gostava de brincar assim de fazer comida com areia, com folha de cajueiro. [...] Aí chegava assim certa hora eu enjoava aquilo e pronto. Deixava e saía. Mas eu sempre fui muito ligada assim na escola. [...] Gostava de ir lavar roupa na lagoa mais a mamãe. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Apanhar castanha-de-caju e pescar próximo ao Morro Branco era atividade comum a essa menina, que sugere a liberdade da vida no meio rural. A referência às mudanças na geografia e na flora no local onde morava, desde sua infância até os dias de hoje, chama atenção pela pouca idade da depoente, 17 anos, e pela rapidez com que aconteceram:

Ah, outra coisa também que eu gostava muito era de ir atrás das castanha. Ave Maria! Eu era viciada demais em ir buscar castanha no mato, nos pés de caju. [...] Outra brincadeira que eu gostava era, quando eu morei lá no Cal, era de ir pescar na lagoa mais as meninas. Aí a gente pegava assim uns peixim tão pequeninim aí depois nós ia cozinhar e ia comer, né. (risos). [...] Pra gente chegar no Morro Branco a gente tinha que caminhar bastante pra chegar quando eu era criançinha. E agora ele já passou por cima de onde era a minha casa. Muito rápido! [...] Muito cajueiro. No meu tempo, né porque agora começaram a desmatar tudo aí ficou pouca coisa. Lá onde eu morava, o Morro Branco já passou até por

cima donde era minha casa. Aí já, eu lembro que era muito distante. Aonde eu morava quando eu era criança era tudo lá era assim só mesmo casinha assim bem humilde assim. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

O mundo de sua infância e de suas brincadeiras era predominantemente feminino, uma vez que a mãe não aprovava a amizade das filhas com meninos:

Todo mundo era colega lá, né. Os menino não. Porque a mamãe não deixava a gente brincar com menino. Na hora que chegava um menino ela já tava: passa pra dentro! (IDEM).

Laurinha descreve a infância pobre e as estratégias da mãe para complementar o orçamento familiar, que tinha como principal fonte a roça. As brincadeiras, todavia, povoam suas recordações. Brincadeiras conhecidas da maioria das crianças do meio urbano como brincadeiras de roda e de amarelinha estão entre as preferências de Laurinha quando criança, como também uma constante entre as meninas, a brincadeira de casinha:

Naquela época a infância nossa era meia pobre, de muita dificuldade, né, porque meus pais viviam de roça. A minha mãe, pra ajudar, fazia cuscuz pra vender e fazia tapioca, pra poder ajudar a vender pra poder ajudar a ganhar o, ajudar no sustento, [...] Brinquei muito. A gente brincava muito, né, de roda. [...] A gente brincava de é, brincava de roda⁴⁸, gostava de brincar de... Tinha uma brincadeira que chamava pobre-pobre, né, que dava seus filhos; boca de forno, e, deixe eu ver mais, brincar da mancha; pular amarelinha, né, a gente gostava. [...] Brincar de casinha. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

A falta de acesso a brinquedos industrializados e/ou manufaturados fez com que metades de coco se tornassem panelas. As noites sem energia elétrica proporcionaram conversas noturnas entre os adultos regadas pelo consumo de cana-de-açúcar *in natura*, que era trazida fresca do roçado, descascada, cortada e servida ao luar:

Naquela época era tão, tão assim, que a gente num tinha nem brinquedo. [...] aí a gente brincava com as quenga do côco, né, ali era as panela. E assim era a nossa infância. Mas, o pouco que eu me lembro, era bom demais. Num tinha energia, assim, na rua,

⁴⁸As cantigas de roda fazem parte do universo infantil brasileiro desde o período colonial, inserindo-se, desde então, no imaginário popular e em nossas criações artísticas. (PORTO, Bernadete de Souza; PORTO, Zuleica. P. 1)

né. Aí os pais da gente ficava, tinha muita cana que eles plantavam né, aí quando era de noite eles, ficava todo mundo sentado na porta da casa aí ele descascava aquelas cana em noite de lua, aí a gente ia chupar cana, né. Era muito bom. Muito bom mesmo. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Maria José recorda o pai pescador, dono de venda e a mãe costureira, na época em se fazia roupa sob medida. A renda como fonte de dinheiro já era presença em sua vida:

Meu pai pescava, vendia arroz, botou uma vendinha de caldo de cana, [...] Minha mãe costurava. Toda vida gostou de costurar. Fazia roupa pra homem, naquele tempo num existia essas roupa feita que tem hoje. Tudo era na máquina, mandava fazer e ela gostava muito de costurar. E eu fazia renda e costurava. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Sobre os cuidados com a saúde dos filhos, as mais antigas dão depoimentos de dificuldades na área da saúde e a falta de médicos no local. Assim como as grávidas, as mães só recorriam aos médicos para cuidar da saúde de suas crianças quando as receitas caseiras não funcionavam. Conta dona Maria José que

Essa minha filha mais velha, eu num tinha muita experiência, que minha mãe nunca me deu experiência de nada. Quando ela nasceu, eu dava o leite de vaca ela não se dava. Eu num sabia o que ela tinha. Aí foi que eu inventei, fui num farmacêutico, na farmácia aqui pertinho daqui do porto, onde deixava a canoa. Aí ele disse assim: é porque ela não se dá com o leite. Você mude o leite. Aí mandou que eu desse o leite nestogeno. Aí foi que ela ficou boa. Essa segunda tinha uma diarreia. Mudei leite, fiz tudo. Aí tinha um médico na Santa Casa com nome de Dr. Ivesti que agora faleceu. Quatro mês ela passou com diarreia, essa criança. E eu fazia tudo. Aí num dia peguei aqui carro fui pra lá. O doutor passou remédio, ela ficou boa. Era assim. A gente levava no médico, mas só que era difícil. (IDEM).

A comparação com a saúde pública atualmente no local é patente, quando se fala na distância entre Morros da Mariana e Parnaíba, ainda centro de referência em saúde na região, que aparentemente “diminuiu” após a construção da ponte que liga as duas localidades:

Precisava ter uma coisa assim muito de chamar atenção pra gente levar. Normalmente a gente tentava com uns remedinhas umas coisinhas e se num dava aí você fazia aquela sacrifício, né, proque pra ir lá era difícil. Difícil. Pegar caro, passar em canoa, tudo era

difícil. Hoje tá uma maravilha. Tem posto, tem ambulância, tem tudo, né. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Os cuidados que tivera dona Deusa com os filhos na infância, a despeito dos percalços, são evidenciados no trecho seguinte. A mortalidade infantil, contudo, salta aos seus olhos, o que exemplifica na morte do filho aos seis meses:

Mas aí também tudo se vacinaram. No sacrifício eu ia pra Parnaíba levar porque aqui nesse tempo num tinha. O meu filho morreu a falta de tratamento, esse que morreu. Nesse tempo era muito atrasado. Morria muita criança. Morria bem cedo, morria de tarde. Enterrava de cheguei manhã dois, três de tarde. Mas era uma coisa. Eu fui pra roça deixei ele com uma cunhada minha. E aí quando eu ela tinha banhado ele e ele tava se queimando de febre. Aí esses remedin caseiro que a gente dá, né, aí passou a febre e tudo aí deu a diarreia. Aí ficou só a cabeça e o intestino quente. O bichim morreu com 14 dias. Num teve jeito. No dia que apareceu uma pessoa que andava pela Parnaíba disse olha a senhora podia levar ele pra internar, mas aí num tinha mais condição. O bichim morreu mermo com seis meses. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

2.8 EDUCAÇÃO FORMAL

Sobre a educação formal, encontrei algumas diferenças nas narrativas das várias gerações de informantes. As mais velhas, a partir de sessenta anos, têm menos estudo. A geração intermediária, por vezes, chega até o ensino fundamental e a geração das mais jovens, que se encontra na adolescência, de modo geral, chega ao final do ensino médio. Algumas, porém, ingressam no terceiro grau ou almejam a ele. É o caso de Enedina, cuja irmã já está cursando a faculdade em Parnaíba e, ela, em particular, estudava para o vestibular na ocasião em que conversamos. Muitas das moças da geração de Enedina não se interessam pelo ensino superior. Procurei organizar os fragmentos de memórias em ordem crescente de idade, no intuito de facilitar a percepção das diferenças e similitudes na história das depoentes no que tange a este aspecto da educação.

Afirma Enedina que está se dedicando aos estudos, uma vez que vai fazer vestibular para Matemática na Universidade Federal do Piauí, seguindo os passos da irmã, que já é universitária em universidade pública. A concorrência não parece assustá-la:

Mas eu sempre fui muito ligada assim na escola. A mãe disse que quando eu era pequena eu gostava muito de estudar assim, né, de ler a tabuada, de ler as coisa assim. Quando eu num sabia responder uma coisa a mãe diz que eu chorava. [...] agora é ano de vestibular pra mim aí eu tou me empenhando muito na escola, né, pra mim tentar. Eu vou tentar pra matemática. Eu gosto muito. Se Deus quiser eu passo. [...] É na federal. Matemática só tem na federal. Na estadual é só ciências da computação, se eu não me engano. [...] É um pouco concorrido. Matemática diz que o ano passado não tava concorrido, mas esse ano eu acho que já mudou. O ano passado era uma pessoa por uma vaga. Mas nos outros cursos é muito concorrido. No curso que a minha irmã fez, que minha irmã prestou vestibular ano passado, pra ciências biológicas, era 11 pessoas por uma vaga e ela conseguiu passar. Ela fez pela estadual. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Para tanto, se inscreveu em um cursinho como reforço para o ensino público oferecido nos Morros da Mariana por voluntários. .Pelas aulas paga uma taxa de vinte reais mensais, como explica:

É eu sempre estudei em colégio público. Aí eu tenho que pegar mais. E tem trabalho da escola, e tem trabalho lá do nosso cursinho. [...] A gente paga uma taxa de 20,00 (vinte reais) por mês lá. Só que é pra manutenção, né, das coisas que precisa, mas os professor mesmo é tudo voluntário. São tudo voluntário os professor. Eles num ganham dinheiro não. (IDEM).

Explica que a irmã, cujo desejo é ser professora, tem encontrado dificuldades na faculdade em virtude de lacunas deixadas pelo ensino público:

... Quando ela fez o terceiro ano dela, teve assunto que o professor, por não saber explicar, aí tipo professor que não é daquela área, só porque tem um diploma de tal universidade, aí ela não estudou aquele determinado assunto. Quando deu na hora da universidade o professor não explica, né, fala logo direto porque pensa que o aluno já sabe. Aí foi o caso dela. Porque ela não tinha estudado aí ela não sabia. [...] No caso dela foi matemática porque ela tava no bloco de cálculo e aí (pausa) e ela nunca assim gostou de matemática não. Mas ela assim o suficiente, né, o que ela tinha que saber, ela sabia. [...] Ela quer ser professora de biologia. Ela disse que é muito bom lá. (IBIDEM).

Neile conta que estudou pouco, uma vez que casou cedo e, por tal motivo, parou os estudos:

Eu só fiz até a quarta série. Passei pra quinta, não continuei, porque casei muito nova e já fui ter meus filhos. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

Laurinha relembra que a mãe não teve acesso a estudos formais, aprendendo a ler e a escrever junto com os filhos, para ajudar nas tarefas da escola. Era então a encarregada de cuidar dos irmãos menores enquanto os pais trabalhavam na roça:

Só que na época da minha mãe era mais difícil as coisas. A minha mãe quase num aprendeu porque ela ficava com os irmãos pros pais ir pra roça. Minha mãe disse que quase num aprendeu porque quando ela ia um dia, dois dias aí na outra semana ela num ia quase porque aminha avó ia fazer comida pros trabalhadores na roça. E a minha mãe, como mais velha, ficava com os irmãos. E ela veio aprender mesmo mais a ler e escrever foi quando ela teve os filhos dela, que colocou na escola, e pra poder ela ensinar ela aprendeu. Pra poder ela ensinar. Ela aprendeu ao mesmo tempo, tudo junto, né. Ela aprendeu a escrever que ela disse que sabia ler mais ou menos. Mas num sabia escrever tanto. Aí em casa mesmo ela fazia o dever de casa e aprendia. (Laura Maria da Costa Souza – 52 anos).

Já Laurinha completou a quinta série, mas não concluiu o ensino fundamental:

[...] Eu estudei até a quinta. Comecei a sexta, mas não terminei. Concluí a quinta. (IDEM).

Entrementes, Nádia, sua filha, completou o ensino médio na única escola local que oferece todo o curso, como ilustra:

Comecei a estudar no Zila Almeida e no Maroca Lima eu terminei o ensino médio. O Maroca Lima é o melhor que tem aqui porque é o maior. Tem o ginásio, o primário e o ensino médio. É o único que tem. Os outros não. Os outros é mais é ensino fundamental, até a oitava série. (NÁDIA DA COSTA SOUZA – 29 anos).

Perguntada acerca das mudanças no ensino formal, com a introdução do nono ano para o ensino fundamental, expõe Nádia:

As crianças tem que entrar com quatro anos. [...] que já é a idade certa. Mas praí pra fora é assim: por exemplo, meu sobrinho, tem oito anos. Ele já começou a estudar ano retrasado, com seis anos. Ele mora em Brasília. Aí, estuda com a idade menor, se for pagar particular. A irmã dele entrou agora. Se for no colégio público, tem

que ser só com seis anos. Aí atrasa bastante o aluno. (NÁDIA DA COSTA SOUZA – 29 anos).

Dona Maria José, por ser mais velha, precisou morar com a avó em Parnaíba para estudar os poucos anos em que teve acesso à educação formal. Se ressentido do ensino precário que recebeu; porém, imodesta, se afirma astuta e rememora os elogios recebidos pelo padre pela sua caligrafia:

Ia pra escola, morava junto com a minha avó em Parnaíba. Ela morava em Parnaíba, botando os filhos pra estudar e eu fui pra lá. Aí lá eu inda estudei dois anos. Aí quando eu cheguei aqui num estudei mais. Você acredita que eu vim aprender a ler com a minha segunda irmã? Que naquele tempo pra fazer uma cartinha pro namorado eu num sabia juntar as letras assim. O “R” na frente, o “S” atrás eu num sabia. Aí ela me ensinou que ela estudou bastante. E eu não estudei. Não sei por que eu não estudei. Aí ela me ensinava a ler, me ensinava a escrever e eu, muito inteligente, aprendi. Uma vez o padre daqui perguntou de eu era professora porque viu minha letra. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Quando o assunto segue, investiga dona Maria José o motivo pelo qual não teve o mesmo acesso que as irmãs mais novas tiveram aos estudos, narrando:

Eu num estudei quase nada. Estudei até a terceira série. Minhas irmãs tudo estudaram bem, mas meu pai num sei o que ele tinha comigo e num me botou pra estudar. [...] Sou a mais velha de todas. Sempre os mais velhos são assim, né? (IDEM).

Explica que as próprias filhas estudaram mais do que ela, embora só uma tenha terminado o segundo grau. Assinala ela que as filhas:

Estudaram. Essa que mora em São Paulo fez até cursinho pra vestibular, mas depois resolveu num fazer mais. E a de Parnaíba terminou o segundo ano. Essa que mora aqui estudou parece que até a quarta série, sétima série. (IBIDEM).

Existem, portanto, entre as gerações de entrevistadas, diferenças no que tange ao nível educacional, sendo as mais novas em geral mais instruídas do que as mais velhas. Esta afirmação, contudo, não pode ser tomada como regra. O que há é um aparente aumento no número de anos de estudo entre as mais jovens em relação às mais idosas no universo de depoentes.

2.9 LAZER

As opções de lazer são, em geral, modestas, mais aos moldes rurais. Pode ser conversar na praça da cidade, frequentar a igreja, sair a pé, em ônibus ou de bicicleta, meio de transporte comum na região, em excursões para praias, lagoas e igarapés; ou somente descansar da semana de trabalho pesado. Há homens que preferem sair sozinhos, enquanto outros sempre se divertem acompanhados da família. As mulheres casadas se saem a sós, é para passeios diurnos, dificilmente freqüentam bares ou festas desacompanhados dos maridos.

Nos finais de semana, Roseane diz ficar mais em casa, pois o marido não tem hábito de sair com a família. Uma das poucas opções é frequentar a casa da mãe ou da sogra:

Ele é uma pessoa muito boa pra mim, pra nós, só que ele num é de dizer assim Roseana bora passear com os meninos. Eu sinto. Eu tenho vontade assim de sair com ele, mas ele num sai de jeito nenhum. Às vezes nós vem aqui pra casa da minha mãe, eu vou pra casa da mãe dele, mas só isso mesmo. Aí final de semana eu quero ficar em casa. Festa, as menina dizem vixe, Roseane, teu marido num sai contigo? Não. Também num sei dançar aí que eu vou fazer em festa? Não. Fico mermo em casa. Num gosto muito de sair. Eu era danada assim pra sair assim pra brincar com as meninas, de num ligar pros estudos. Eu num sou muito de estudar não. (ROSEANE SILVA ALMEIDA – 25 anos).

Além disso, a rotina puxada os faz optar muitas vezes pelo descanso aos finais de semana:

Final de semana a gente já quer é ficar em casa, descansar. Num sou muito de sair depois que eu me juntei. Fiquei totalmente diferente. Num saio mermo pra nenhuma parte, só missa e quando é um festejo eu saio com os meninos porque o meu marido num é muito de sair comigo não. Se eu disser que ele sai eu tou mentindo, né não? Ele não sai. Ele não é de ir pruma missa, de ir prum festejo assim, pruma praia. Eu num sei o que ele tem não. (IDEM).

Dona Raimunda, católica, gosta de ir à missa ou passear pela cidade para ver a circulação das pessoas:

Eu sempre vou pra igreja. E também eu gosto de se tiver assim festa, um movimento, eu gosto de ir ver. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Nos finais de semana, dona Maria José continua a rotina como se fora ainda semana, trabalhando:

Fim de semana? Eu num paro não. Inda ontem eu tava costurando. Sempre trabalhando. Às vezes eu quero ir assim na casa duma amiga, mas eu me lembro que tem que fazer alguma coisa aí eu num vou porque eu tenho que fazer. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos).

Maria do Socorro, que tem filho pequeno, também passa os finais de semana em casa:

A gente fica mais é em casa por enquanto porque ele ainda tá muito pequeno pra andar assim. Tem que deixar ele ficar maior. (MARIA DO SOCORRO CARVALHO DOS SANTOS – 29 anos).

Laurinha aproveita os domingos para reunir filhos e netos em torno da mesa do jantar, depois de passear com a filha pela praça da cidade:

Dia de domingo eu gosto, isso aí já é tradicional. A minha filha, ao outra que tem um casal, né, que mora pralí pro baixão aí à tarde três horas, quatro horas a gente, todo mundo banha aí vamo pra praça, né. Isso aí é sagrado. Todo domingo. Aí fica. Aí a minha outra filha vem, se encontra com a gente na praça, aí eles vem tudo pra cá, jantam. Fica uma zuada de menino! Aí quando termina vão embora aí eu vou assistir o Gugu. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos)

Sair com a irmã também está entre as suas preferências de lazer. Em sua companhia, gosta de ir à praia ou às lagoas que aparecem durante os meses de chuva:

E eu gosto muito, minha outra irmã, que mora na outra rua, nós gosta muito de sair assim nós duas juntas assim, né. Agora que tá no período de inverno, tem muita lagoa. E aí a gente vai com eles, vai banhar na lagoa. Né tão longe não. Mas também não é tão perto. Vamos caminhando mesmo. [...] E às vezes dia de domingo assim a minha irmã gosta muito de aventura. Vamos pro Morro Branco, que é lá nas dunas, [...] na baixada, formam as lagoas. [...] Às vezes a gente vai pro rio, ali no rio tem um cais, né, a gente leva eles pra banhar. Outras coisas às vezes que aparecem assim, alguma viagem, algum passeio, alguma coisa. Normal. (IDEM).

O tempo livre de Francisca, diferentemente da maioria, é ocupado com uma espécie de trabalho voluntário, como narra ela:

Dia de domingo em vez deu tá descansando em casa, não, eu vou é pros idosos: eu, meu esposo e os outros lá. Os outros casais. A gente vai visitar eles. Eu acho que eles ficam contentes, que eles vivem tão sozinhos. Eu gosto e eles acham bom também. Quando a gente vai embora eles já ficam é chorando. Eles falam sempre assim ah quando vocês voltar eu num to mais vivo. Toda vez eles fala isso. A gente se emociona com eles. (FRANCISCA DA CUNHA VIEIRA – 32 anos).

Dona Maria da Graça diz que vai à praia uma vez por ano e que não gosta de sair de casa:

Ah, minha fia, eu fico em casa. Eu num gosto de andar não. A única coisa que eu inda gosto é de ir pra praia, mas é uma vez no ano. Todos os anos eu tenho que ir uma vez. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos)

Enedina, casada há apenas oito meses, opta pela pescaria junto com o marido. Ficar em casa não é a preferência do casal. As visitas à casa dos pais de Enedina são frequentes durante os dias livres também:

Eu vou pescar. Eu adoro ir pescar mais ele. Seu eu tiver alguma folguinha eu vou mesmo. Eu num fico em casa não. [...] às vezes, no domingo, eu vou passar o dia lá em casa. Passo o dia mais a minha família aí a gente vai pra lagoa aí passa na casa da minha mãe. Mas o mais mesmo é pescando. Tem vez que se ele disser assim tipo na segunda que num tem nada pra mim, num tem cursinho e tipo num vai ter aula, aí eu pego e se ele for três vezes: de manhã, de tarde e quando dá assim de tardezinha ele vai de novo aí eu vou mais ele. [...] um dia que eu fui pescar mais ele [...] nesse dia eu peguei um e ele num pegou nenhum. Mas foi uma felicidade tão grande! Eu ia alagando nós lá no meio do rio pulando dentro da canoa. [...] Eu gosto muito de pescar mais ele. Aonde eu saí mais ele, eu vou pra onde ele quiser. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Nádia reclama das poucas escolhas que tem para o lazer e aponta a cidade tranquila como motivo para tal escassez. As festinhas e as idas à praia estão entre os passatempos por ela eleitos:

Ir a uma festinha. É assim. O lazer daqui é pouco. É, que é tranqüilo. [...] Eu, se pudesse, tinha mais lazer. [...] Porque aqui é assim: período de praia. Tem o tempo certo de ir, né, que é agosto e julho aí que tem carro certo. Todo domingo tem, todo domingo tem carro. Se não tem que ir em Parnaíba, de lá pegar ônibus pra vir aqui pra Pedra do Sal. [...] Final de semana é difícil carro. É só no mês de julho e agosto que tem carro direto, daqui pra lá. Julho é fêria e agosto é porque aqui é assim: tradição, né. (NÁDIA DA COSTA SOUSA – 29 anos).

Neile destaca a convivência familiar nos momentos da diversão. Os passeios em família são a maior fonte de distração nos finais de semana, como relata:

Meu esposo, ele é uma pessoa muito legal, comigo, com os filhos dele, né? Ele (pausa) Os momentos, os dias de folga que ele tem, que é nos sábados, nos domingos, os feriados, se a gente não sai, ele, fica todos em casa. Se a gente sai, algum passeio, pruma praia, pro Morro Branco, pra casa de uma amiga, é todo mundo junto. Ele não tem assim, eu sinto pelos anos que a gente convive junto, né? Ele não tem o prazer de andar sem a família dele. Ele ao bebe, não fuma, é uma pessoa assim maravilhoso na minha vida, que eu achei, e na vida dos meus filhos. É um pai excelente. E a gente passeia, né? Pra esses lugares. É, se é o mês da gente fazer compra, em Parnaíba, é todo mundo junto. Ele não deixa os filhos dele. Se tão no colégio naquele dia, a gente vai pegar. E aí, nas horas vagas, é assim. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos)

2.10 FESTAS

Há algumas festas, expressas nos relatos, que os moradores consideram tradicionais e pelas quais parecem aguardar com excitação. As principais festas do lugar são o aniversário da cidade, os folgedos, o Sete de setembro, a regata de canoas e as pastorinhas, segundo Neile:

Começa em janeiro, né, tem o aniversário da cidade, que é dia 26 de janeiro. Aí tem, depois do aniversário da cidade vem os folgedos, em junho agora que é muito legal também. Depois dos folgedos vem o dia sete de setembro, né que é um dia também muito legal. [...] E depois vem um evento também, que é muito lindo também, que é as regatas de canoas que é no rio principal, o rio dos Tatus, que é lindo demais. [...] As pastorinhas, que é também em janeiro, né. São duas festas em janeiro, né? Que é o aniversário da cidade e as pastorinhas. [...] Nos folgedos tem boi, tem quadrilha. Esse ano, eles mandaram um convite pra nós, as rendeiras, participar. Vai ter o prêmio, né, pras pastorinhas participar. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

A lembrança de Laurinha se referencia também no que contava a mãe, que no passado os festejos eram muito bons. O baile na última noite dos festejos merece destaque na sua narrativa. Diz que para a ocasião vinham pessoas de lugares distintos. Em junho havia as festas do

chitão⁴⁹. Todas as coisas a que se refere, no entanto, nunca foram por ela presenciadas:

Eu me lembro, aqui tinha assim tipo festejo. Que são as festas da igreja. Por exemplo: tem a padroeira, que é a Nossa Senhora da Conceição. Antes, né, era muito animado mesmo (ênfase). Tinha a última noite aí tinha o baile da última noite, né, do festejo, aquela festa muito falada. Vinha gente dos interior, de outros lugar, né. [...] Assim, são nove noites de novena. A última, por exemplo, a oitava, né, é a festa da última noite. Que a nona noite, o nono dia, é o dia da santa padroeira. Que é o festejo falado. Que é o dia 8 de dezembro. Que aqui a nossa padroeira é Nossa Senhora da Conceição. E aí, vinha, tinha parque, aquelas roda-gigante, vinha muitas coisas assim, né, ficava nas calçada aquele pessoal que vinha pra vender boneca, vender todo tipo de bijuteria, né, aquele pessoal da Parnaíba, que era mais, que já era uma cidade, né, vinham tudo pra cá. E aquilo ali era uma animação muito grande porque a gente num tinha, num saía, a gente num ia na Parnaíba, que era muito difícil. Era muito longe. E tudo isso tinha no dia da última noite. Tudo isso tinha, né, pra gente. E era tradicional. E tinha a festa que chamava, eu não alcancei porque eu era menina, mas minha mãe falava muito que tinha a festa do chitão. Quando era mês de junho. Usava todo mundo fantasiava de chitão, aquelas chitas, né? Chita? E tinha o baile do chitão. Minha mãe falava, mas eu num cheguei a alcançar isso não, né, que eu era menina, mas minha mãe falava. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Quando invoca as próprias memórias, também é no passado que Laurinha as localiza. A rigidez da educação dada pela mãe limitava-lhe as opções de lazer. Juntamente com a irmã, encontrava formas de burlar as regras severas que lhes eram impostas para aproveitar as matinês. As fugas se limitavam até o horário das 17 horas, para que a mãe não desconfiasse. Do mesmo modo, havia tarefas que deveriam cumprir antes de partir para as festas:

... Minha mãe era muito rígida assim. Logo, eu num tenho lembrança de festa enquanto eu fui adolescente. Se ia era com ela e era muito difícil. [...] Dizer que eu fui em festa quando eu era jovem, eu não fui. Aí aqui tinha uma tradição assim. Tinha umas que chamavam *matinê*, que era só no domingo da mêi-dia à tarde⁵⁰. De uma hora em diante até cinco hora da tarde. Aí quando era no domingo, nós era liberada assim da mêi-dia a tarde. Nós tinha que primeiro ir pro catecismo, que o catecismo era dia de domingo, né. Aí duas horas era o catecismo, terminava do catecismo aí nós podia ir passear assim mas ela nunca sabia que nós ia pra esse *matinê* e tinha uma regra, que naquele tempo era

⁴⁹ Tipo de tecido de algodão barato, caracterizado por ser bastante florido.

⁵⁰ Expressão de origem francesa utilizada para se referir ao horário da tarde.

lâmparina, nera, era farol que é aquele lâmpião né. Aí eu mais a Francisca que é minha irmã tinha que deixar tudo limpo. As lâmparina tinha que tá limpa. Que minha mãe era muito assim. Tinha que limpar o lâmpião, tinha que deixar com querosene, tudo arrumadinho ali pra quando desse seis horas, seis horas já era pra gente tá em casa! Tinha aquela hora certa de chegar. Aí quando dava cinco horas, Francisca vamos, que já tá na hora de nós ir senão a mamãe, né, aí nós aproveitava ali aquele pedacinho ali pra dançar. Que de noite mermo nós num ia. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos)

Dona Raimunda escolhe falar das festas de que mais gosta de frequentar, que são a festa do caju e a festa das flores:

Tem duas festa tradicional que eu gosto de ir ver o movimento, né, que é a festa das flores e a festa do caju. Eu sempre gosto de ir ver o movimento que eu acho assim bem animado. [...] É porque vem muita gente de fora. Tem muitas opções lá na praça mermo de frente onde é o clube, tem muitas opções assim pra gente. O que a pessoa quer comer, opção assim de ver DVD, essas coisa assim, né. E já é assim uma tradição que o povo que vem mermo gosta de ficar mermo mais é fora. Né nem tanto dentro do clube mesmo. E é sempre assim uma banda de fora que vem e aí eu acho que é mais por isso que é assim mais, são as duas festa assim que chama mais atenção e eu gosto de ver. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Cida lembra-se da festa das flores, em maio, que afirma se a mais tradicional, e a festa do caju, que é em setembro:

A festa tradicional é a das flores, que é em maio. É no polar, no clube Polar. Faz muitos anos que tem a festa das flores e do caju. A das flores é porque é inverno aí tudo é bonito, e também é o mês das mães. Por isso é a festa das flores. E do caju porque é a época do caju. Em setembro. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos).

Em catálogo⁵¹ sobre os Morros da Mariana feito pelo SEBRAE, as festas citadas são: o aniversário da cidade – em janeiro; a Festa das Flores – em maio; a Festa de Nossa Senhora do Piauí – em julho; a Festa do Caju – em setembro; os festejos de Nossa Senhora da Conceição – em dezembro, e o Reisado que ocorre entre 31 de dezembro e 6 de janeiro.

⁵¹ As rendadeiras do Morro da Mariana: a arte de fazer a tradição das rendas de bilro. SEBRAE, sem paginação, sem data.

2.11 Êxodo

No que se refere ao êxodo, Morros da Mariana demonstra uma peculiaridade: a maioria dos moradores que saem para outras cidades escolhe Brasília como moradia. Quase todos os sujeitos da pesquisa comentaram ter algum parente e/ou amigo residindo na Capital Federal.

Neile conta que morava em Brasília aos 15 anos porque o pai não aprovava um namorado local e decidiu afastá-la. Lá ela conheceu o marido e casou-se. Assinala:

Me criei aqui mesmo, e, com 15 anos de idade, meu pai me tirou daqui por causa de um namorado, que eles não queriam na minha vida, né? Então ele resolveu me tirar pra Brasília. E eu, com 15 anos, fui pra Brasília. Cheguei em Brasília, era pra mim estudar; não estudei, conheci a pessoa que hoje é meu marido, né? Aí, casei novinha, lá em Brasília, fui sofrer um pouco, né? Porque casei muito nova e a vida lá fora não é como aqui. É um pouco diferente. Mas, graças a Deus, eu superei, né? Hoje, não vivo a vida que eu passei lá na Brasília, né? Tive meus filhos, graças a Deus. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

O marido, por seu turno, vivia há dez anos na cidade. Além dela e do marido, que moravam numa invasão, Neile se lembra da irmã que reside ali há 30 anos e de muitos amigos:

Meu marido morava com um irmão dele. Ele passou muito tempo. Ele tinha quase dez anos de Brasília. Hoje ele não quer ir nem passear em Brasília. Ele não gosta de lá. [...] O pessoal gosta muito da Brasília. Lá na Brasília, às vezes, minha irmã mesmo, ela vai muita festa na casa dos amigos. E quando ela faz festa na casa dela, só dá piauiense. Minha irmã mora lá. Vai fazer 30 anos de Brasília. [...] Ela trabalha [...] é com advogado [...] A gente morava lá em Brasília, eu morava, eu não sei se você conhece. Invasão, que chamam. Aí a gente foi morar lá, nesse lugar, que era pra a gente conseguir um terreno. (IDEM).

Dona Deusa tem uma filha e netos em Brasília. Orgulha-se do vestido que costurou para a netinha e levou, ela mesma, para o aniversário da menina:

Uma mora em Brasília [...] Eu fui pra Brasília levar o vestido do aniversário da minha neta de três anos. Foi feito de palinha, a coisa mais linda. Eu fiz. Eu fiz roupa pra eles tudin. O enxoval da minha filha dessa que mora em Brasília eu fiz todin bordado no capricho. Ela ida hoje tem peça guardada. Inda gosto. Outro dia eu

fiz pra Francinete uns panos de prato. Já fiz camin de mesa, tudin.
(DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos)

Perguntada sobre o motivo de tantos moradores de Morros da Mariana escolherem migrar para Brasília, Laurinha explica que é em busca de melhores condições. Infere ela, ainda, que o fato de já ter parentes ou conhecidos que moram por lá facilita a inserção de outros migrantes no mercado de trabalho:

Pra melhorar as condições. [...] O parente arruma um serviço pra um, né. Realmente, meus dois filhos moram lá. Eu tenho um que mora aqui e dois que moram lá na Brasília. Eu tenho seis filhos: três mulher e três homens. Quatro moram aqui e os outros dois moram em Brasília. Que logo, lá, meus irmãos tudo moram lá. [...] Felizes, mas sempre de vim simbora. Ele aqui, (o solteiro) se ele pudesse, ele diz: mãe, se eu arrumasse um emprego aqui, pelo menos do tanto que eu ganho lá, eu voltaria a vim pra cá. Mas aí precisa eu lhe ajudar, né. E aí, ao mesmo tempo ele esmorece, que aqui num tem, né? (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Dona Maria da Graça é outra que migrou cedo. Por lá passou a juventude e por lá casou. A saudade dos pais a fez voltar para a terra natal, embora haja muitos parentes seus ainda por lá, conforme narra:

... a minha juventude eu passei foi lá em Brasília. Eu fui com 14 anos pra lá. Foi com meu pai e minha mãe. Mas só que ele num se deu bem e voltou de lá. E eu fiquei lá na casa da minha irmã. Ela já morava lá. Era solteira aí eu fiquei com ela. Só depois que ela casou, né. Aí eu tenho irmão em Brasilândia, tenho muita gente lá. Tenho uma irmã que mora no Guará. [...] Vixe, a maioria do povo daqui tá em Brasília. Eu tenho tanto parente lá. Vixe! É muita gente minha que mora lá! Se eu fosse passear lá, ih! Tinha tanta casa pra mim ir que eu num sabia nem onde ficar. (risos). [...] eu trabalhava lá é costurando por dia nas casas. Quando a gente sai já traz o dinheiro. E eu fazia muito crochê também. Aí eu num me empregava não. Eu era de menor aí eu num tinha 18 anos ainda. ... Eu passava a semana casa dum irmão, uma semana na casa de outro, era assim. Só na vida boa. (risos). (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

Maria do Socorro, sua filha, também chegou a Brasília na juventude, aos 15 anos, para trabalhar como doméstica. Parte do salário ele enviava para ajudar a mãe. Morava com as irmãs, que ainda habitam Brasília. Ela relata ter cansado da vida que levava e por isso regressou também para a casa da mãe:

Eu morei em Brasília, né, fui com 15 anos pra Brasília trabalhar em casa de família. Passei nove anos lá. Aí eu mandava dinheiro pra mamãe, ajudar ela. No começo eu morava no local onde eu trabalhava aí depois eu aluguei junto com as minhas irmãs No Guará [...] Agora elas tão com um emprego assim melhor. Tão trabalhando na padaria. Tem duas na padaria que trabalham. E a outra se casou com um homem assim de idade, né, vive bem ela. Agora eu num quis mais ficar lá não. Porque eu abusei aquela vida assim de trabalhar em casa dos outros. Aí eu vim embora pra cá. (MARIA DO SOCORRO CARVALHO DOS SANTOS – 29 anos).

Como estes, muitos outros relatos têm como destino migratório Brasília. Alguma pessoa perdida se refere a parentes em outras cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, o que não chegou a me chamar atenção.

Não foi possível, outrossim, elencar os motivos reais para esta preferência massiva por Brasília quando se trata de êxodo na localidade.

2.12 RITUAIS DE MORTE

Sobre os costumes que precedem a morte na comunidade, como já afirmara, pouco se falou, embora fosse objeto em todas as conversas entre mim e as depoentes. Do mesmo modo, assim como no nascimento, não parece que guardam costumes pitorescos ou muito diversos do que se encontra nas cidades.

Para dona Raimunda, o que mudou foi o maior acesso a uma estrutura para os rituais de sepultamento, em relação a épocas passadas. Isto se traduz muitas vezes em planos funerários pagos por grande parte dos moradores locais, segundo ela:

Antes era mermo só banhou e botava. Hoje tá diferente, né, porque todo mundo já paga plano. Antes, no meu tempo, se botava um corpo era em cima de uma porta. Cansei de ver arrancarem porta e botava trepado nos tamborete e lá botava o corpo. [...] e aí convidava aquela turma lá e ia fazer o caixão. Era assim era de anjinho, era pros anjinhos. Porque no tempo que eu era jovem morria criança demais. Hoje, graças a Deus, tá diferente que a gente não vê. Mas no meu tempo que eu era jovem, 14, 15 anos, 16 anos, morria muita criança. Tinha delas que num era nem feito o caixão porque a família muito humilde e ia dentro de caixa. Botava era dentro duma caixa. E hoje não. Hoje é diferente que as pessoas quase todo mundo paga plano e assim também parece que o pessoal hoje tão mais assim

humanitário e quando tem um que num paga mas aí já tem alguém que paga aí já doa o caixão ou a comunidade mermo se interessa ali. E compra o caixão então hoje tem diferença até no velório. [...] Eu nunca gostei de deixar os meu ver não. [...] Só mermo quando era assim mermo dos parente como a avó. A mãe dele quando morreu aí eles foram. E assim quando é visinho, pessoa íntima mermo da gente é que às vezes eu deixei. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO SANTOS – 43 anos).

Sua filha, Enedina, descreve um velório como se vê na cidade. Destaca a presença de pessoas chorando e a extrema-unção⁵² dada pelo padre:

É o velório em casa, muito choro, muita coisa. Às vezes o padre vem. O padre sempre vem assim nas casas. Mas o ritual mais é esse. Morreu uma pessoa aí antes da pessoa morrer aí chama o padre, ele vem, faz lá a coisinha dele. Só. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Dona Maria da Graça lembra-se da época em que era costume esperar algumas horas, de modo a ter certeza que a pessoa estivesse sem vida e depois sepultar. Na sua narrativa inclui, a descrição da mãe, que viera de outra localidade. Na memória contada pela mãe, estão presentes as mulheres carpideiras, chamadas para chorar nos velórios e verdadeiras festas para marcar a morte de alguém:

Aqui quando morre uma pessoa tem vez que fica assim fica em casa um dia assim. Se morrer de manhã só enterra no outro dia, né, com 24 horas. Mas aí é quem quer, né. Porque uma pessoa que morre num vai mais ressuscitar. Porque num lugar grande é diferente né, no caso, do hospital já levam logo pro necrotério aí lá a família vão velar, né. Mas aqui ainda é desse tempo antigo ainda. Aí tem muita gente que ainda deixa pro outro dia. Só que num é muito bom não, né? [...] Convida, vem os parente, os vizinhos. [...] Rezam. Agora cantam também, né, um hinozin. Agora a minha mãe fala assim, né, que ela morou no interior, né, lá chega aquelas mulher cantando aquelas cantiga, faziam aquelas coisas. E cada terra tem seu uso, né. Diz que tinha uns que fazia era comidoria⁵³, né. Parecia que era num banquete. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

Laurinha lembra-se do hábito de rezar o terço na intenção do falecido. Ressalta que o padre costuma presenciar os velórios dos fiéis mais assíduos. Revela ainda o hábito de fazer badalar o sino na missa das seis horas para avisar do falecimento de alguém:

⁵² Secretamente hoje chamada, na Igreja Católica Romana, de Unção dos enfermos.

⁵³ Fazia-se grande quantidade de alimentos para os presentes como se fora uma festa.

Aqui é como até hoje. É assim. Hoje, os donos mesmo do morto, né, reza o terço ali, né, lê alguma passagem do evangelho, né, tem alguém que às vezes canta, né, alguém da igreja, né, e assim porque só lembro isso assim. E aqui tem assim. Se você é mais chegado à igreja, é assim mais católico, né, e tem continuidade de sempre ir a igreja, freqüentar, né, aí a pessoa leva até a igreja, o padre faz tipo uma missa de corpo presente, né, comê que chama? Bate o sino, né, quando o enterro sai da igreja. Aí fica batendo o sino até certas horas. Aí pronto. Aí a pessoa já sabe que alguém morreu, né? Isso ainda tem. Aqui ainda tem um costume, né, pra missa de seis horas, porque seis horas bate o sino, né, aí missa sete e meia, bate o sino. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Embora tenham sido descritos alguns rituais presentes quando da morte de alguém, nada parece ser obrigatório ou fixo nestes acontecimentos. Parece que ficam à escolha da família os procedimentos com relação aos rituais a serem praticados em cada caso.

Cap. 4 – Renda de bilros

Um tecido fiz de vida: fios subindo, fios descendo.
Um tecido fiz de vida: fios atados, fios cortados. Um bordado fiz no tecido da vida: linhas grossas, linhas finas, cores claras, cores minhas. Uma vida fiz tecida, bordada, quase rendada. Relevos altos e baixos, formas de todo jeito, que trago aqui no peito. E agora, trabalho pronto, até aquele ponto, que não tinha lugar, deu um jeito de se encaixar, fiz textura sem parar.⁵⁴

1. Historia, arte/artesanato, qualidade, comercialização, novos usos.

Segundo Mme. Marguerite Du Berry, é difícil determinar a origem da renda de bilros: “em que época? Em que país vêm aparecer pela primeira vez as rendas? A essa pergunta nenhum dado histórico permite responder com rigor. [...] Pelo conjunto se pode fixa a aparição da renda pelo século XV. ” (1907, p. 17).

Existem vestígios de renda encontrados em materiais da época do período neolítico. Não parece possível, contudo, assegurar qual país originou este trabalho. Há citações de inúmeros países, principalmente europeus, como produtores de belas rendas como: Itália, Bélgica, Holanda, França. Cada um destes países, naturalmente, reivindica para si a criação do produto. (FLEURY, 2002).

A renda parece ter surgido como derivado de nós feitos nas extremidades dos tecidos com o propósito de protegê-los. A fim de não desfiarem nas pontas, faziam-se amarrações que deram origem ao macramê e ao filé⁵⁵. Posteriormente, a renda teria surgido, já com um fim decorativo, feita separada do tecido, isto é, sem necessidade de uma estrutura pré-existente para sustentá-la (GIRÃO, 1984). A enciclopédia

⁵⁴ Rosaly Stefani

⁵⁵ O Macramê é um trabalho artesanal no qual se criam desenhos a partir de nós nas extremidades das linhas ou barbantes. Já no filé, uma trama de linhas horizontais e verticais é feita em uma moldura de madeira e sobre esta trama se “bordam” os desenhos da renda.

Barsa a distingue do bordado, porquanto se constitui de modo diverso, mas ainda não esclarece completamente o que é este tecido. Vejamos:

O que a rigor distingue o bordado da renda, é que o primeiro é elaborado sobre um fundo já existente, enquanto a renda o dispensa. Os materiais empregados tanto para bordar como para rendilhar são praticamente os mesmos: fios de seda, lã, etc. aplicados sobre tecidos os mais variados. Excepcionalmente foram feitos bordados e rendas com matérias como pérolas, fios de ouro, palha, ou sobre suportes como couro, pergaminho. (P. 12).

Este objeto resulta de uma trama de linhas que finda por constituir um tecido vazado. Ainda sobre o assunto, encontrei uma pequena classificação dos três tipos de renda aparentemente existentes: “Quanto à renda, dela existem três categorias: de agulha, de bilro e de crochê” (ENCICLOPÉDIA BARSA, p. 13).

Para DU Berry (1907),

Seria a Itália o país originário da renda; é de supôr que os bordados do Oriente tenham sido importados da Grécia para aquele paiz, e que a transição de que falamos ahi se affctuasse progressivamente. Seja como for, Ragusa e Veneza disputaram a prioridade de criação das rendas. (P. 17-18).

Especificamente sobre a renda de bilros, receio que as informações encontradas naquela enciclopédia ainda sejam um tanto vagas, limitando-se a disposições de modelos, temas e pontos em sua maioria com referências na Europa:

As principais rendas de bilros são a valenciana, a malina e a chantili, originalmente fabricadas nos sítios de que tiram o nome. A valenciana distingue-se pelo seu tecido apertado; a malina, pela leveza; a chantili, mais antiga, pela temática: ânforas, vasos. Também de bilros são o ponto milanês, o flamengo e outros. (OP CIT, p. 13).

Mme. DU Berry explica que a renda de bilros “tem a mesma origem que a de agulha, de que Ella é contemporânea, vem da Itália, apesar do paiz flamengo ter pretendido crear esse gênero, o que negam a publicação dos modelos anteriores ao século XV, e os próprios quadros da escola flamenga.” (P. 35).

A renda de bilros é feita em almofada cilíndrica, recheada com palha de bananeira ou de carnaúba, na qual são presos o pique ou

papelão com os desenhos de molde e os bilros, nos quais a linha é enrolada. Nos Morros da Mariana, os bilros são feitos com uma haste de madeira leve e delgada, presa a uma espécie de coquinho escuro e esférico, denominado “tucum”.



Fig. 21 – Bilros

Segundo Catherine Fleury, “É difícil encontrar uma definição exata para o termo *renda*. É algo mais que uma estrutura descontínua, feita manual ou mecanicamente com fins decorativos [...] A renda é uma espécie de rede aperfeiçoada [...]” (IDEM, p. 46-47). Esta fala não traduz, no entanto, nem de longe, a beleza, a engenhosidade e a delicadeza da renda de bilros. Em seu trançado estão, muitas vezes, o cotidiano, o ganha-pão, a paciência, a destreza que leva tempo para ser conquistada, a conversa de “comadres”, o belo som dos bilros, que cantam enquanto se movimentam, as formas das flores e dos frutos do Brasil.

A definição de Georgina O’Hara, embora não seja completa, (*apud* FLEURY, 2002), é mais esclarecedora, no que tange aos instrumentos com os quais se faz a renda de bilros. Então vejamos:

A renda é um tecido com padrão de orifícios e desenhos feitos à mão ou à máquina. Os dois tipos mais comuns são a renda de bilros ou a renda de agulha. A de bilros é criada pela manipulação de numerosos fios, cada um deles preso a um bilro, sendo em geral trabalhada sobre almofada. (IDEM, p. 230).

Estas significações não são taxativas para este estudo, uma vez que ainda deverei me deparar com outras mais elucidativas e ilustrativas no decorrer da pesquisa.

Apesar da origem antiga, a renda como se conhece hoje só parece ter surgido com a Modernidade. É o que informa Fleury, quando assinala que "Em sua caracterização atual, tanto a renda de agulha como a de bilros são relativamente recentes: aparecem no final da Idade Média e no início da chamada Idade Moderna – portanto, justamente com a modernidade." (OP CIT, p. 47). Moderno ou não, este fazer se costura à história de municípios brasileiros, principalmente no litoral, e parece se perder entre as nuances da vida cotidiana de seus habitantes.

Segundo Ramos e Ramos (1948):

Poderíamos apenas inferir que as rendas de bilros entraram no Brasil com as primeiras mulheres portuguesas vindas, com suas famílias, de pontos de Portugal onde tradicionalmente se fazem rendas de bilros, como áreas costeiras, do Minho à Estremadura e ao Algarve. (P. 36).

Seguindo o rastro da história da renda nos Morros da Mariana, o foco de minhas lentes aponta agora para o nascimento do Município. Contam os mais velhos na cidade que, quando da colonização, por volta do ano de 1692⁵⁶, a antiga Ilha Grande era muito pouco povoada e a paisagem dos arredores era pontilhada por morros, provavelmente dunas de areia branca. Inicialmente a localidade foi batizada de Coroa Grande ou Coroa do Igaruçu. O nome do Município, porém, atualmente, é Ilha Grande do Piauí, dado quando da emancipação do Município em 1994⁵⁷. Os moradores creem que quem primeiro se alojou no local foi uma senhora de nome Mariana Alexandrino Vieira⁵⁸ e sua família. Ela morava entre os morros, que se avistava ao longe. Sendo a primeira moradora, logo o local começou a ser denominado os Morros da Mariana.

Não foi possível determinar quando, ou como, a renda de bilros chegou aos Morros da Mariana. É provável que tenha vindo de modo

⁵⁶ Vide: Histórias de Sucesso: experiências empreendedoras. SEBRAE, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br>. Acesso em: 05/07/2007.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Ibidem.

semelhante ao que se sabe sobre sua origem no restante do País. Também chamada renda do norte, renda do Ceará, renda da terra, a renda de bilros foi introduzida no País por mulheres, vindas de Portugal, que traziam consigo a técnica do país natal. Aqui, se espalhou pelo litoral e pelo sertão nordestino, entre mulheres simples que, aos poucos, foram modificando os padrões originais e imprimindo neles sua cultura, pouco a pouco, dando aos trabalhos uma “cara” brasileira, que pode ser observada pelos nomes que receberam os diferentes tipos de renda no Brasil (GIRÃO, 1984).

Assim, a maioria das rendeiras do local aprendeu o ofício com a mãe, a avó, uma tia, uma irmã ou outra parenta próxima:

Em Oeiras, por exemplo, grande parte das meninas eram levadas a especializar-se no trabalho das rendas. A metade das mulheres que exerciam essa atividade iniciaram-na antes dos 14 anos de idade; já aos 5 ou 6 anos tinham seus dedinhos ágeis aproveitados nesse ofício: as pequeninas rendeiras, sentadas sobre uma esteira, com as pernas cruzadas, tinham à sua frente a almofada de bilros onde eram presos os papelões pinicados e com motivos desenhados em forma de ‘cobra doida’, ‘rabo de pato’ e ‘espinha de peixe’. Os bilros, torneados numa madeira leve, como a sambaíba, sustentados por espinhos de cardos, passavam rapidamente entre os pequeninos dedos, e as rendas de ‘bico’, ‘entremeio’ e ‘ponta’ iam surgindo no fio de algodão, alvíssimo, fiado ali mesmo na região. (DEL PRIORI, 2004, p. 250).

Quanto aos modos de iniciação no ofício de rendeira em meados do século XIX, posso inferir que as formas de se fazer renda naquela época e atualmente continuam semelhantes; a idade de quando se aprende também. As mulheres ainda produzem renda sentadas, diante de almofadas, utilizando bilros feitos de madeira leve e as meninas são iniciadas geralmente por volta dos seis anos. Nos Morros da Mariana, contudo, pouco se usa o espinho de mandacaru para segurar os bilros e sustentar a trama da renda. Optou-se pelo uso de alfinetes, atualmente.

Como na maior parte do Nordeste, a matéria-prima utilizada para a produção de renda nos Morros da Mariana era predominantemente a linha de algodão nas tonalidades branca e bege. Posteriormente, houve a introdução, não só, de novos tons, como também de outros tipos de fios,

como o fio de viscose e o fio de seda, que já era utilizado na Europa antigamente. "As rendas européias eram feitas com fio de seda, de lã, de crina, de linho, de algumas fibras, de algodão e até com fios de ouro e prata. No Brasil o mais utilizado é o fio de algodão e de linho". (FLEURY, 2002, p. 60). O motivo de ser o algodão a principal matéria-prima usada no Nordeste do Brasil, deve advir da abundância desse produto na Região a partir da segunda metade do século XVIII:

O *algodão* teve o Maranhão e o Grão-Pará como área de cultivo mais antiga. Com ele eram feitos tecidos, apesar da proibição metropolitana, e em alguns casos os seus novelos serviam como moedas. Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Vicente e Goiás foram outras áreas onde seu plantio ocorreu. A partir da segunda metade do século XVIII houve uma grande expansão da produção algodoeira, especialmente maranhense. Grande compradora de algodão - matéria-prima na Revolução Industrial, a Inglaterra deixou, a partir da Guerra de Independência dos Estados Unidos, de se abastecer com produto das fazendas do Sul daquele país, passando a comprar o gênero brasileiro para alimentar suas fabricas têxteis." (ALENCAR *et Alii*, 1996, p. 78-79).

Mesmo antes da colonização, a cultura de algodão já existia, entre os índios, e se agregou à economia de subsistência. Depois, com a colonização, foi usado como moeda de troca e como fonte de matéria-prima, para confecção de tecidos (FARIAS, 1997, p. 25, *apud* FLEURY, 2002).

Constata Fleury (2002) que a bibliografia sobre a renda de bilros no Brasil é pequena e que há autores estrangeiros que falam da renda que se produz aqui, como algo grosseiro e não exportável. A procura de pessoas de outros estados do Brasil e de outros países pelas rendas brasileiras, no entanto, é patente. Mudanças estruturais como aumento da população, novas técnicas de produção e de escolarização parecem ter provocado um declínio na produção da renda no Brasil e no mundo. A globalização da economia, por outro lado, possivelmente estabelece a cultura, e toda sua produção material e imaterial, como instrumento diferenciador que pode permitir uma revalorização de características peculiares e/ou particulares de um local ou região.

A renda que se produz nos Morros da Mariana é de rara delicadeza. Em observação preliminar, verifiquei que possui características “especiais” no que tange aos formatos e tipos de pontos utilizados. Os desenhos têm complexidades que valorizam a produção e, provavelmente, caracterizam o estilo do lugar. Não se sabe, ao certo, quando se começou a produção de renda de bilros no local, mas os moradores acreditam que foi dona Mariana, a primeira moradora, quem introduziu o ofício.

Conforme mencionei anteriormente, contudo, nos Morros da Mariana, atualmente, este ensino sistematiza-se também em cursos, na Casa das Rendeiras, onde as mulheres produzem e comercializam suas rendas. Durante observações e entrevistas preliminares, notei diferenças entre as práticas educativas informais (de mãe para filha) e as práticas não formais, aplicadas pelas “professoras” nos cursos de renda. Na ocasião, duas professoras admitiram que estavam fazendo ajustes de modo a tornar o ensino mais “didático”.

Não cabe aqui juízo de valor acerca das modificações nos padrões da renda. Também este estudo, de maneira alguma, visa a promover quaisquer instituições ou profissionais citados. A intenção é contar esta história, com riqueza de detalhes, para compreender aspectos do enredo daquela cidade, relacionados às mulheres rendeiras, à renda que elas produzem e ao modo como seus saberes são repassados, de forma a auxiliar a compreensão de sua dinâmica.

A narrativa da tradição do fazer renda no Brasil é feita, principalmente, do ponto de vista de pessoas que não pertencem ao meio, pois parece haver uma ligação mais forte entre a produção de renda e as classes menos abastadas do que as mais favorecidas. Aquelas são, conseqüentemente, não participantes da cultura dominante, desde o século XIX. E, por outro lado, a sua história é mais difícil de narrar do que a das demais. É o que anota Del Priori, no livro *História das mulheres brasileiras*:

As muito ricas, ou da elite intelectual, estão nas páginas de inventários, nos livros, com suas jóias e posses de terras; as escravas, também estão ali, embora pertencendo às ricas. As

pobres livres, as lavadeiras, as costureiras e rendeiras – tão conhecidas nas cantigas do Nordeste -, as apanhadeiras de água, nos riachos, as quebradeiras de coco e parteiras, todas essas temos dificuldades em conhecer: nenhum bem deixaram após a sua morte, e seus filhos não abriram inventário, nada escreveram ou falaram de seus anseios, medos, angústias, pois eram analfabetas e tiveram, no seu dia-a-dia de trabalho, de lutar pela sobrevivência. Se sonharam, para poder sobreviver, não podemos saber. (2004, p. 241-242).

Esta idéia reforça a intenção de registrar, de algum modo, a existência destas mulheres, que ainda guardam consigo as histórias de sua família e que as transmitem mediadas pela produção de renda para as novas gerações.

Talvez, por este motivo, esteja havendo então um resgate, não só na moda como em muitos setores que movimentam a economia, de objetos que remetam a um passado ou a algo que possa ser considerado típico de uma região. A provável revalorização pode impulsionar a produção/aprendizado da renda nos Morros da Mariana. O possível crescimento no interesse pelo ofício de rendeira parece haver nascido como consequência de modificações nos produtos locais.

Antigamente, as rendeiras trabalhavam somente em suas casas. Nos finais de tarde, ficavam nas calçadas, produzindo renda, até anoitecer. A este tipo de ensino Gohn (2006) atribui a expressão “educação informal”, ocorrente no cotidiano das famílias, sem a intervenção da comunidade, nem do Estado, tampouco havendo utilização de métodos didático/pedagógicos e mecanismos avaliativos formais. Há neste tipo de educação, em geral, uma transferência de saberes, valores, práticas, crenças e objetos ligados a esta tradição. Ainda há rendeiras que produzem renda em suas calçadas, mas há também a Associação de Rendeiras, denominada coloquialmente Casa das Rendeiras, onde se concentra boa parte da produção do Município. Neste local parece desenvolver-se um tipo de ensino que aqui se coaduna com o conceito de Gohn (2006), que o nomeia ensino “não formal”, uma vez que acontece dentro de um espaço social e cotidiano, portanto, fora de casa, mas não é na escola, que seria a educação formal.

Segundo Gohn, estes dois tipos de educação diferem da educação formal, feita na escola, e também entre si:

A informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (2006, S. pág.).

Por outro lado, as modificações nos padrões da renda produzida nos Morros da Mariana dão ares de ter nascido justamente das necessidades de mudanças operadas pelo sistema social em que as rendeiras estão inseridas, quiçá para atender a uma necessidade que um mercado sedento por novidades criou.

Há, por exemplo, crescente valorização da "moda brasileira", em que costureiros de renome no País alcançam fatias de mercado interno e/ou externo, valendo-se da utilização de trabalhos artesanais em suas criações. Estilistas como Walter Rodrigues⁵⁹ utilizaram-se das rendas piauienses reunindo aos seus produtos um "valor" que parece acompanhar os objetos advindos de culturas tidas como "populares". Isto pode imprimir "personalidade" a tais objetos em virtude de uma possível proximidade com a cultura de um determinado lugar.

Por iniciativa do Governo do Estado construiu-se a sede da "Casa das Rendeiras". Esta casa sedia a Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana, criada em 1993. Inicialmente, a Associação contava com 45 mulheres, que faziam e comercializavam seus produtos naquele local⁶⁰.

As rendas tradicionalmente produzidas no Município eram de fina linha branca de algodão mercerizado. A produção aparentemente constava de bicos de renda e aplicações para integrarem panos de bandeja e outros objetos para decoração de casa⁶¹.

⁵⁹ Conhecido estilista de São Paulo.

⁶⁰ Histórias de Sucesso: experiências empreendedoras. SEBRAE, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br>. Acesso em: 05/07/2007.

⁶¹ Vide nota 59.

Em 1999, a Instituição *A Casa – Museu de Artes e Artefatos Brasileiro* – criou um programa que unia moda e artesanato, denominado *Intervenção do Design no Artesanato*. Na época, técnicos da Casa se interessaram pelo trabalho das rendeiras do Município por meio de um catálogo⁶² sobre a produção das rendeiras. Mediante esse projeto, o estilista Walter Rodrigues chegou aos Morros da Mariana, introduzindo “novidades” na produção tradicional das rendeiras.

Assim, as rendas receberam novos tons e fios. Ao fio de algodão se somaram o de viscose e o de seda. Artefatos antigos receberam roupagem diversa e também diferentes usos. As peças de renda “criadas” durante o projeto foram utilizadas pelo estilista para desenvolver parte de sua coleção para a exposição de moda: São Paulo Fashion Week - 2001⁶³. O desfile em São Paulo é apontado pelas rendeiras como marco divisor em sua história recente. Desde então, elas passaram a modificar continuamente sua produção. Também, após o trabalho com o estilista, começaram a suceder outras parcerias com profissionais célebres de outros estados. Surgiram ainda encomendas de trabalhos para o estrangeiro. A parceria com Walter Rodrigues, por seu turno, perdura até hoje.

Embora àquela época se tenham introduzido cores, fios e usos diversos à renda tradicional dos Morros da Mariana, os elementos antigos não foram alijados da produção atual. As características se mantêm. Os modelos antigos ainda são produzidos, mesclados às novidades. A renda dos Morros da Mariana, conserva ainda um apuro que pouco se vê atualmente.

⁶² Feito pelo SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

⁶³ Ver nota número 8.

Cap. 5 – De mulheres rendeiras a professoras de renda: processo de ensino

Costura o fio da vida só pra poder cortar
Depois se larga no mundo
Pra nunca mais voltar
Ô mãe me, me ensina
Me diz o que é feminina
Não é no cabelo
ou no dengo ou no olhar
É ser menina por todo lugar⁶⁴

Em Tardif (2002), encontrei indícios de que a prática de uma vida, aliada a técnicas de ensino e à convivência com o meio em que se desenrola uma profissão, constituem ferramentas que culminam, por vezes, com a formação de profissionais como os professores de ofício, aqui exemplificados na pessoa destas duas mulheres que se tornaram professoras de renda, por uma decorrência de suas experiências e convívio com o ofício de rendeira. Adquiriram saberes que advêm, justamente, do trabalho de rendeiras e da convivência em uma comunidade, que perpetua a tradição da produção de renda. Expresso de outro modo,

...os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos. (P. 39).

Ainda sobre as experiências das rendeiras, aqui tratadas como rendeiras-professoras, existe seu trabalho como artesãs, que o eram muito antes de se tornarem docentes. Praticam uma atividade muito antiga, que trazem como herança familiar, ou que faz parte de um acervo comum do local onde cresceram: a produção de renda de bilros. Este tipo de artesanato, tão conhecido no Nordeste, pode assumir algumas vezes,

⁶⁴ Feminina (Joyce)

pelas mãos das mulheres dos Morros da Mariana, ares de objetos artísticos, no que tange aos padrões, materiais e critérios com que são confeccionados. Podem estar, justamente, numa fronteira muito tênue, talvez inexistente, que separa a arte do artesanato.

Fazendo uma comparação entre arte e artesanato, Porto Alegre, assinala que as camadas populares não costumam fazer esta diferenciação, mas denominam arte qualquer fazer (1994, p. 33). Anota ainda, que a expressão *artesanato* não faz parte do vocabulário popular, sendo muitas vezes empregada de forma confusa (OP CIT, p. 36). Por outro lado, destaca que os artistas populares percebem “a diferença de prestígio social atribuída ao artesanato em relação à arte, dentro dos referenciais dominantes da arte erudita”. (IDEM, p. 37).

Em Porto Alegre (IBIDEM), se por um lado os sujeitos não conhecem muito bem a palavra artesanato, de outra parte parecem entender que, quando o termo é utilizado, pode referenciar algo de menor valor. Esta realidade, entretanto, não parece se aplicar ao caso em estudo, uma vez que, ao se denominarem artesãs ou pessoas que trabalham com artesanato, as rendeiras entrevistadas aplicam o vocábulo da maneira utilizada corriqueiramente pela dita “cultura formal” e parecem entender o seu significado no âmbito em questão. Outrossim, ao expressarem o orgulho que sentem por serem rendeiras, parecem não classificar o artesanato como trabalho de menor valor.

Não posso me furtar de fazer uma relação da pesquisa que empreendo com a investigação sobre arte, que pode tratar de objetos artísticos. As fronteiras entre arte e artesanato nunca foram muito definidas. E, nesse caso da renda que pesquiso, por vezes é tal a perfeição e a complexidade de suas formas que me pergunto: não seria arte? As técnicas de pesquisa sobre arte necessitam uma interrelação de História, Teoria, Crítica (BRITES e TESSLER, 2002, p. 42), o que possivelmente faço nesta pesquisa. A discussão acerca destas fronteiras ocupa muitos teóricos, embora, segundo Fleury, “As diversas tentativas de definir o artesanato, até agora, têm sido insatisfatórias porque limitam

arbitrariamente os amplos conceitos que o termo comporta.” (2002, p. 128).

A polêmica entre a arte e o artesanato, no entanto, não está no centro de meus questionamentos neste trabalho. Certamente deve ser esmiuçada em futuras pesquisas.

O trabalho diário das mulheres na produção de renda não me parece leve, ao contrário, é trabalho feito em turnos, que se combina aos trabalhos domésticos, provavelmente. As mulheres sentam-se, pela manhã e pela tarde, em frente às almofadas, para trabalhar durante todo o expediente. Quem não tem filhas ou qualquer outra pessoa para fazer o trabalho doméstico, às vezes, comparece somente em um turno ao local “de trabalho”, mas ficam ali sentadas, sem muito descanso, durante quase todo o tempo. Se por acaso têm uma encomenda com urgência, demoram-se por vezes até a noite.

Trabalho pode ser definido como “toda atividade humana intencional que acaba na produção de um bem ou de um serviço que tem valor de troca” (FLEURY, OP CIT, p. 62). Quando se trata do trabalho da rendeira, porém, é visto geralmente como trabalho doméstico, trabalho feminino.

A confecção da renda sempre foi associada ao trabalho feminino e também caracterizado como trabalho doméstico. Contudo, não podemos deixar de lado a verdadeira indústria de rendas, que se constituiu principalmente nos séculos XVII e XVIII, quando proliferaram as manufaturas na França, em Flandres e na Inglaterra. (IDEM, p. 62).

É possível que o trabalho das rendeiras dos Morros da Mariana tenha sido alvo de alterações de algumas formas, relativamente a este pensamento: a primeira delas diz respeito ao fato de que nem todas produzem mais a renda somente em casa, formando turnos de trabalho na Associação. Outra modificação neste formato ocorre por intermédio da atividade que nasce quando algumas rendeiras se tornam também professoras, e recebem pagamento para isto, o que as diferencia das educadoras que eram como mães, que iniciavam as filhas. Isto as situa

em um patamar no qual praticam uma atividade profissional, não exclusiva de mulheres.

Estabelecendo com seu ofício uma relação de orgulho e capricho, podem contribuir com a perpetuação deste trabalho, entre as novas gerações de mulheres dos Morros da Mariana. Indo além do exemplo, passam a conduzir o aprendizado das mais jovens como mestras, repassando a elas conhecimentos que adquiriram ao longo da vida.

Estes conhecimentos, nem sempre, dizem respeito ao universo da renda de bilros. Também se formam no cotidiano, em ações corriqueiras ou não, quando são negociados valores, desejos, obrigações, dores, descobertas. Quer dizer, “um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem”. (TARDIF, 2002, p. 265).

Em geral, a formação de uma professora, seja ela de que disciplina for, começa antes pela sua formação como ser humano: suas experiências, buscas, escolhas e conquistas. Sua história a faz, juntamente com o seu ofício, o universo que é. Como aqui trato do ensino da renda de bilros, mister que pertence à tradição oral e só por seu intermédio é transmitido, é possível que esse componente seja ainda mais importante. Por este motivo, ouvir as professoras de renda me pareceu importante para a compreensão desta “arte”. Nas palavras de Tardif, “reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer, ao mesmo tempo, que deveriam ter direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que ela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar.” (OP CIT, p. 240).

Como inspiração para esta parte do trabalho, utilizei o modelo criado por Eclea Bosi (1994), em “Memória e sociedade – lembrança de velhos”, para expor as falas de seus colaboradores. Ela faz uso de fragmentos extensos de memórias com pequenas intervenções.

Ouçamos, pois, a seguir, a fala das duas “professoras de renda”, que tive a grata oportunidade de conhecer durante esta pesquisa, e que contam um pouco da sua trajetória de vida.

1. PROFESSORAS :

1. 1 História de Socorro⁶⁵

Chamo-me Socorro. Estou presidente da Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana. Tenho 52 anos e faço renda desde criança. Minha infância e minha adolescência não me trazem muito boas recordações...

Minha mãe teve oito filhos: primeiro teve cinco filhos seguidos, mais velhos, e depois teve mais três. Sou a primeira desses três últimos. Nasci quando minha irmã mais velha tinha dez anos. Logo, minhas irmãs maiores saíram de casa para trabalhar e se casaram, ficando, eu e meus irmãos menores, com os meus pais. Levávamos uma vida muito simples, meu pai era pescador. Aprendi a fazer renda, com oito anos de idade: não gostava muito, mas tive que aprender. Todos os dias havia uma tarefa para fazer na almofada.

Quando menina, aprendeu a fazer renda no dia-a-dia familiar. Foi ensinada, vendo a mãe trabalhar na almofada. Este tipo de ensino, que parece ter semelhanças com as antigas corporações de ofício, é vista por Porto Alegre (1994) como um tipo de aprendizagem calcada no cotidiano. Tardif (2002, p. 57) entende este aprendizado como algo que leva uma vida para acontecer “através da imersão no ambiente familiar e social, no contato direto e cotidiano com as tarefas dos adultos para cuja realização as crianças e os jovens são formados pouco a pouco, muitas vezes por imitação, repetição e experiência direta do labor.” (JORION e DELBOS, 1990, *apud* TARDIF):

Quando eu tinha uns oito, nove anos, minha mãe pegou tuberculose, doença grave, considerada sem cura na época. Doente, minha mãe não podia cuidar dos afazeres domésticos. Foi então que, aos nove anos de idade, assumi as responsabilidades de casa: fiquei tomando conta dos meus irmãos, da minha mãe, do meu pai e da minha casa e me tornei a dona da casa. Minhas

⁶⁵ Maria do Socorro dos Reis Galeno. Contava 52 anos na época em que rememorava sua vida, ano de 2006.

atividades abrangiam fazer comida, lavar roupa, limpar a casa, lavar louça, ir para a escola... Não sobrava muito tempo para brincar.

Percebo que existe no trecho há pouco reproduzido semelhança com os achados de Angelo (2005), sobre a infância, quando exprimem que a educação feminina está voltada para uma formação, de modo que as meninas aprendam o papel da mulher no mundo adulto.⁶⁶

Na época que eu era criança e adolescente não havia televisão. Então, a gente fazia umas coisas chamadas dramas. É coisa dos mais velhos: já vêm de muitos anos. A cada dia arranjávamos uma personagem para cada uma. Mas, tanto tempo já faz, que nos esquecemos até de algumas músicas. Havia um homem que tinha uma casa, na qual existia um palco para fazer os dramas cantados. Então, todo final de semana, aquelas moças e aqueles rapazes se reuniam para fazer os dramas. E fazíamos sucesso na comunidade. Algumas moças já eram consideradas como as artistas do drama. Era muito divertido.

No período das entrevistas que fiz em 2006, tive oportunidade de ouvir algumas músicas de antigos dramas na voz de três mulheres da geração de “dramistas” dos Morros da Mariana, a convite de Socorro. Esta faceta da cultura local, no entanto, parece estar se extinguindo por lá como narra Socorro:

Lembro-me de que muita gente participava dos “dramas cantados”. Algumas já morreram e outras ainda estão por aqui. Hoje tenho muita vontade de colocar um drama novamente, mas tenho muito trabalho e quase não há tempo para fazê-lo. Então, contei as histórias e cantei algumas músicas para uma pessoa que trabalha com teatro, para que ela levasse este “projeto” adiante. Creio que com moças mais novas, bonitas, como artistas do drama, é possível se fazer um teatro, embora atualmente haja dificuldades em convencer as pessoas para fazerem um drama.

Os dramas cantados a que se refere Socorro são representações que fazia quando criança e/ou adolescente, sendo os textos cantados. Assim, as músicas contavam as histórias. (COSTA, 2005). Segundo Freitas (2006), *Dramas cantados* são apresentações públicas teatrais e cantadas. Sobre os estudos, discorre Socorro:

Na época em que era solteira, gostava de estudar, mas, aqui no Município, não existia colégio que fosse além da 4ª série: só em Parnaíba. Mesmo assim, era muito difícil ir para lá: não havia

⁶⁶ Ver p. 40

condução, tinha que ir a pé. Só as famílias com melhor condição financeira é que podiam mandar os filhos para estudar na cidade, pagando hospedagem e alimentação em casas de família. Só estudei até a 4ª série. Sei ler e escrever e é só. Nem em Matemática eu sou muito boa. Sou profissional mesmo é de renda.

Os estudos formais foram poucos, mas a profissional de renda se sente segura para repassar seu saber à frente.

O falecimento do pai enquanto ela se encontra sem a presença da mãe, ressalta na narrativa de Socorro como um dos momentos cruciais de sua vida:

Quando eu contava quatorze anos, meu pai faleceu repentinamente. Nesse dia, minha mãe havia ido à casa de minha avó, que morava na Ilha das Canárias.⁶⁷ Em casa, só estávamos eu, meu pai e meus dois irmãos menores. Meu pai acordou normalmente, e, por volta das nove horas, já havia falecido. Esta experiência foi uma das mais difíceis que vivi: um choque muito grande para mim, que era muito jovem ainda.

Por volta dos quinze anos de idade, tomei gosto pela renda. Interessei-me porque, com o dinheiro da venda, conseguia comprar roupas e sapatos. Um ano depois, aos dezesseis anos, perdi também minha mãe. Fiquei sem pai e sem mãe e com dois irmãos menores para cuidar. Também foi uma fase em que precisei superar uma dor muito grande.

Retoma a renda para apurar algum dinheiro, uma vez que já não tinha pai nem mãe. Casou-se adolescente, aos 17 anos, tempo em que, por vez, não havia o que comer em casa. Também nesta época, a primeira filha, que nasceu prematura, faleceu; outros filhos vieram, e foi preciso “ganhar a vida” trabalhando de costureira:

Logo arranjei um namorado e me casei com ele, aos dezessete anos. Aos dezoito anos, tive uma filha que nasceu prematura e não sobreviveu. No início do casamento, cheguei a passar fome. Meu marido trabalhava como motorista e viajava muito. Às vezes, viajava por três dias e os mantimentos que deixava não davam nem para dois dias.

Após ter perdido a minha primeira filha, passei cinco anos sem engravidar. Tive, então, um casal de filhos. Quando meus filhos eram pequenos, precisei arcar com as responsabilidades da família: fui mãe e pai deles. Eduquei os meus filhos: ensinei meu filho a ter responsabilidade. Comecei a trabalhar. Costurei muito para fora, ajudando no sustento da casa. Então, comecei a trabalhar com a produção de renda.

⁶⁷ Ilha do Maranhão, a duas horas de barco, transporte geralmente utilizado pelos moradores dos Morros da Mariana.

A renda volta a ter espaço na vida de Socorro. Surgiu a chance de ministrar o primeiro curso, e ela nunca mais parou de trabalhar no ofício:

Depois que comecei a trabalhar com a renda, nunca mais parei. Surgiu uma oportunidade de dar um curso de renda, há uns doze anos. Foi difícil no início: precisei aprender a ser professora. No primeiro dia de aula, eu não sabia bem o que fazer; como orientar as alunas. O grupo tinha entre dez e vinte pessoas. As alunas, quando começaram a aprender, ficaram ansiosas, querendo conhecer tudo de uma só vez. Várias me chamavam ao mesmo tempo e eu não sabia a quem atender primeiro. Aquela ansiedade me deixou tão agitada que, nos primeiros três dias, fiquei doente. Depois vi que necessitava mudar. Aos poucos, fui me acalmando e, hoje, sei como lidar com as alunas e todas elas aprendem.

Quando falou da primeira experiência como professora, Socorro comenta que, no primeiro dia de aula, não sabia como agir em sala, sentindo-se muito cansada e quase adoecendo. Conta ainda que, atualmente, sabe como levar a turma, dando atenção para todas, sem se exaurir. Teve que aprender a ser professora. Esta atitude é referendada por Tardif, quando expõe: “se o trabalho modifica o trabalhador e sua identidade, modifica também, sempre com o passar do tempo, o seu saber trabalhar”. (2002:56). Então, tornar-se professora foi, entre outras coisas, consequência do exercício cotidiano de fazer renda:

Na época em que aprendi, eu e minhas irmãs, o “ensino” era muito diferente de hoje. O modo como ensino não é comparável à maneira como aprendi. Quando aprendi, não tive escolha. Minha mãe me obrigou a fazer renda. Hoje, as meninas aprendem porque querem. Em primeiro lugar, pela curiosidade: elas nos vêem aqui, se encantam com a beleza da renda e sentem vontade de aprender. A maioria, quando aprende, faz a primeira peça para si. Atualmente, as adolescentes e as crianças aprendem a fazer a renda. Há muitas meninas que querem aprender ainda quando pequenas. Ainda há essa tradição da mãe ensinar às filhas meninas. A partir de oito, nove anos, a mãe já instala a filha ao seu lado e, enquanto trabalha, vai ensinando os primeiros pontos. Mas só as meninas aprendem. Eu nunca vi um homem fazendo renda; homem nunca se interessou.

Depois, vem a parte financeira. Na minha época, só se fazia renda em metro, aquelas rendas fininhas, e era muito difícil comercializar essas rendas. Tínhamos que mandar vender em Parnaíba. Havia indivíduos que viviam desse comércio: pegavam os produtos das artesãs, aqui da Ilha, e levavam para vender para as pessoas mais abastadas em Parnaíba. Agora não, os consumidores vêm até aqui procurar a gente para comprar. Hoje

em dia, elas querem aprender porque nós vendemos mais, tem mais mercado pro nosso trabalho. Além disso, nós fazemos outro tipo de renda, não é só aquela rendinha de metro.

Também existem aqueles indivíduos que aprendem só observando as outras: como uma moça que chegou aqui há menos de um ano, aprendeu só olhando e já está trazendo os trabalhos dela para vender aqui na Associação. Ela é muito inteligente. Para aprender, também depende muito da inteligência da pessoa.

Outro dado que aparece em um depoimento é o fato de haver pessoas nas quais as professoras identificam certa facilidade para o aprendizado da renda, dentre as demais. Isto se traduz, na fala da professora, como o que seria inteligência. Segundo ela, é preciso ter inteligência para aprender a fazer renda. Não são todas as pessoas que conseguem. Parecem entender, empiricamente, que há múltiplas formas de inteligência. Neste sentido, observei a existência de uma troca constante de saberes: entre as professoras e as alunas, elas e o público, elas e os “amigos”.

Fazemos vestidos, blusas, aplicações: coisas mais “modernas”. Tem havido um aumento no interesse, porque vêm o exemplo das mais experientes, ganhando mais e produzindo objetos novos. E é muito gostoso fazer renda: faço renda não só pelo dinheiro, mas pelo prazer que me proporciona. É um trabalho muito bom e uma ótima terapia. Existem pessoas que sentem dores nas costas. Não sinto nada, porque aprendi como me sentar com a coluna reta, para evitar lesões.



Fig. 22 - Segundo ponto - meio trocado

Na observação do próprio aprendizado, Socorro desenvolveu um método para ensinar, que se pauta pela introdução dos pontos e modelos em uma complexidade crescente:

Quando comecei a fazer renda, só eram usadas linhas finas e brancas. A linha se quebrava com frequência; a renda saía cheia de remendos e findava por ficar suja. Hoje, se aprende com linhas grossas e coloridas: trabalhamos com todo tipo de fios. Os pontos são mais simples. Eu começo ensinando o "espinhaço-de-urubu"⁶⁸: em geral as aprendizes se iniciam fazendo este tipo de renda. O segundo ponto é o "meio-trocado".

As lições começam com o ponto que considera mais básico, o espinhaço-de-urubu, até chegar a elementos mais complexos, como o ponto vira-mundo:

Depois, vêm os pontos de "trocado inteiro", fazendo carreirinhas com mais bilros. Começa-se a aprender o "trocado inteiro" com seis pares de bilros. Depois se passa para oito pares, depois para dez e então para doze pares de bilros. Daí vai mudando a sequência de pontos e aumentando a largura da renda. Quando a aluna já sabe fazer trocado inteiro, meio-trocado e já forma um pano de meio-trocado e traça, que são os três pontos mais básicos, já pode fazer uma blusa. Os pontos das blusas são esses: trocado inteiro, meio-trocado e traça. Ao final do curso as alunas sabem fazer blusas.

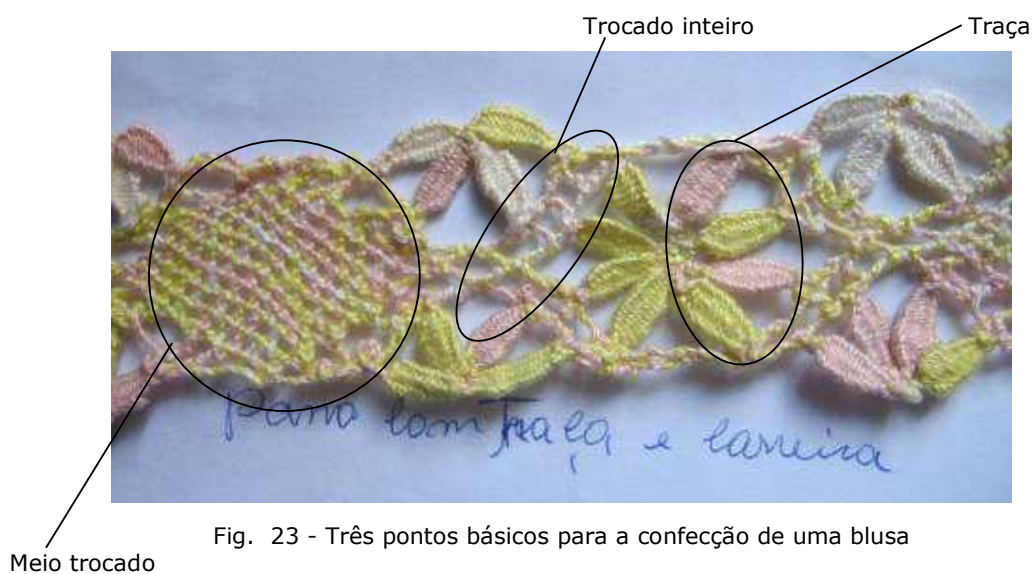


Fig. 23 - Três pontos básicos para a confecção de uma blusa

Depois aprendem os bicos que têm o ponto "xarita". E, então, os outros bicos que têm outros pontos, como o ponto falso e o trabalho de vira-mundo. Esse é o mais difícil, muitas pessoas não conseguem aprender a fazer o vira-mundo, pois depende de mais atenção. É o trabalho mais bonito que eu acho e é também o mais caro. O vira-mundo só pode ser feito com linha fina e é todo cheio de caracol. É quase um quebra-cabeça.

⁶⁸ Vide figura 10.



Fig. 24 - Detalhe de pala com ponto vira-mundo

Tendo somente a experiência prática, as professoras tendem a associá-la com outras teorias para o ensino da renda também. Uma vez que um professor que passa pela formação teórica para exercer o magistério necessita também da formação prática, como seria a formação de um professor, ocorrendo somente na esfera prática, sem teoria?

De acordo com uma abundante literatura uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que ficaram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar. Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática de ensino. (TARDIF, OP CIT, p. 68).

Ora, assim como os professores de profissão, sobre os quais Tardif discorre, as professoras de renda também passaram uma boa parte de suas vidas, ou a vida inteira, inseridas em seu ambiente de trabalho. Também têm a oportunidade, por outro lado, de, na condição de alunas, participarem da rotina de uma sala de aulas na educação formal. Presenciaram, durante a infância e toda a sua vida, a formação de rendadeiras pelas mãos das mães, tias, avós e parentas das meninas de sua comunidade. É de se esperar que, ao dominarem as técnicas de confecção da renda, estejam possivelmente preparadas para passá-las adiante.

Desta vez, não só como mães ensinando as suas filhas, mas como mestras de outras jovens.

No primeiro Curso que dei ainda se fazia só renda (entremeio⁶⁹), bico⁷⁰, pano de bandeja e aplicações⁷¹. Nós ainda não fazíamos vestidos, nem camisetas. Os novos desenhos só apareceram a partir do ano de 2000. Daquela época para cá, muita coisa mudou e melhorou bastante. Hoje mudou tudo.



Fig. 25 - Panos de bandeja com aplicação - detalhe

Temos mais firmeza no que fazemos, até pela experiência que adquirimos com o tempo. Os trabalhos melhoraram muito e temos tido sucesso. Fomos mudando, de acordo com as vivências e necessidades e, cada vez mais, adquirindo conhecimento: uma coisa leva a outra.



Fig. 26 - Exemplo de entremeio

⁶⁹ É a renda em metro reta dos dois lados, geralmente costurada entre dois pedaços de tecido.

⁷⁰ É a renda em metro reta de um dos lados e com reentrâncias do outro. Usa-se geralmente como acabamento, costurada somente na parte reta ao tecido.

⁷¹ É um tipo de renda que não é feita em metro. As aplicações podem ter as mais diferentes formas e tamanhos e são geralmente aplicadas sobre o tecido, formando belos desenhos.



Fig. 27 - Bico

Primeiro começamos a fazer camiseta, depois o Walter queria que fizéssemos um vestido, mas não sabíamos como. Então, ele nos enviou o molde do vestido, mas não sabíamos como iríamos fazer, para que fosse confeccionado; pois, em virtude do tamanho da peça, haveria de ser uma almofada enorme para acomodá-lo em uma só almofada. Junto com o Walter, estudamos um jeito de fazer o vestido, dividindo-o em pedaços. Assim, o primeiro vestido que fizemos foi dividido em 12 partes, para depois juntarmos as peças em um só objeto. O resultado foi muito bom.



Fig. 28 - Detalhe de blusa com novo fio

As camisetas, também, podem ser feitas divididas em aplicações, ou podem ser feitas inteiriças, quando são menores.

Desse modo, fomos aprendendo a modificar um desenho após o outro, um molde após o outro. As coisas vão mudando e vamos nos habituando aos dias de hoje, porque tudo tem que ser renovado. E tudo está melhorando. Agora já criamos os colares, coisa nova também: idéia de umas holandesas que passaram três meses conosco estudando, trocando idéias. Esse período de convivência foi muito interessante. Aprendemos muito com elas e creio que elas aprenderam com a gente. Algumas pessoas têm chegado aqui e nos ajudado. Nós agradecemos muito e tanto é bom pra nós como pra elas.

Quando estive na Associação, coincidindo com a segunda parte da pesquisa de campo, presenciei a Socorro criando o desenho para uma blusa cujo molde era dividido em três partes que seriam juntas depois de tecidas em uma só. Há, portanto, a noção de troca de conhecimentos, quando Socorro diz que todos os envolvidos aprenderam durante os anos em que as mudanças acontecem no âmbito da renda de bilros nos Morros da Mariana nos últimos anos. Muitas pessoas que vieram de fora ajudaram na mudança inicial, mas, atualmente, parece que as alterações primeiras foram que como um impulso para que a criatividade de socorro afluísse:



Fig. 29 – Confecção de colar em renda

Uma contribuição importante para esta renovação dos modelos que fazemos atualmente foi a viagem que fizemos para São Paulo, quando fomos assistir ao desfile do Walter com as nossas peças. Ganhamos as passagens e fomos três rendeiras. Viajamos pela primeira vez de avião nesta oportunidade.

A viagem para São Paulo é apontada como oportunidade impar para as modificações encontradas atualmente em parte da produção de renda dos Morros da Mariana:

Em Teresina pegamos o avião, muito nervosas ainda, sem acreditar que daria tudo certo. Mesmo depois de embarcar no avião, ainda não acreditávamos no que estava acontecendo. Perguntávamo-nos se aquilo era verdade mesmo: estávamos indo a São Paulo, de avião? Na chegada já nos aguardavam no aeroporto. Fomos muito bem recebidas e ficamos hospedadas em um ótimo hotel. Lá passamos três dias maravilhosos. A emoção de ver nossas rendas na passarela durante o desfile eu nunca vou esquecer: eram as peças mais bonitas do desfile.

Assistir ao desfile foi, de certo modo, também ver reconhecido publicamente o trabalho que fazia. Daí foi fácil considerar as peças de renda as mais belas.



Fig. 30 - Almofada apoiada sobre a grade

A viagem a Buenos Aires tem outro tipo de proveito: a venda de todos os objetos levados ao País. Inclusive as ferramentas de trabalho.

Outra viagem em que conheci muita coisa nova foi a que fiz para Buenos Aires. Lá fui a uma exposição, que houve em um local chamado Casa Mínima. Na ocasião, mais de 3000 pessoas nos visitaram. Tratava-se de uma exposição com representantes do artesanato de todo o Brasil. Fiquei fazendo renda para as pessoas

poderem ver como é o ofício e meu estande foi muito visitado. As pessoas ficavam admiradas com a rapidez com que manejo os bilros. No final da exposição, havia vendido tudo o que levei: almofada, grade, bilro, tudo. Estas duas viagens foram inesquecíveis.

A almofada usada no Piauí é semelhante à utilizada no Ceará tem formato cilíndrico com as duas extremidades laterais costuradas para que o enchimento, de palha de bananeira ou carnaúba, não saia. As rendeiras da Associação costumam utilizar tecidos resistentes para confeccionar as almofadas. Observei que se utilizam muito de restos de tecidos de tear aproveitados de redes antigas. Perguntadas sobre a utilização deste tipo de matéria-prima, responderam que era por causa da maior durabilidade, em comparação, por exemplo, com a chita, muito usada no Ceará.

A grade é uma espécie de pequeno cavalete, que as assemelha também a uma banquetta, sem assento, de uns 40cm de altura, sobre o qual as almofadas são apoiadas.

Os bilros são instrumentos nos quais a linha é enrolada em uma das extremidades para ser feito o trabalho. Nos Morros da Mariana, são feitos com uma haste fina de madeira e um pequeno fruto muito comum na região, espécie de coco, denominado na região de "tucum".



Fig. 31 - Almofada com os bilros

Hoje nós somos pagas pelo SEBRAE, durante os três meses do curso. Somos duas professoras: cada uma ficou com uma turma de quatorze alunas, aproximadamente. Nós mesmas indicamos as rendeiras que trabalham bem e que têm jeito para ensinar. Penso que há pessoas que têm o dom; quando pegam nos bilros dá para ver que têm jeito. Até nas alunas, podemos ver quando há facilidade para a execução do trabalho.

Existe planejamento, feito pelas rendeiras, para ministrar o Curso, à semelhança de outros cursos do ensino formal, sendo discriminados os passos da aluna durante o aprendizado, desde a primeira até a última aula. O planejamento divide o Curso em três módulos. As atividades nos módulos descritas começam com as mais simples e vão até a feitura dos pontos necessários para a confecção de panos de bandeja e blusas de renda.

Nos planos de curso, descrevem técnicas de observação do desempenho das alunas, explicações práticas, amostragem das ferramentas, entre outras, que parecem esclarecer para as alunas, rendeiras iniciantes, os caminhos para o aprendizado. O número de meninas e mulheres interessadas em aprender renda aumentou, assim como a quantidade de associadas, que trabalham e vendem seus produtos:

Atualmente, até pessoas que não são daqui dos Morros da Mariana, quando chegam, sentem vontade de aprender e vêm para a Associação. Começamos a Associação das Rendeiras com poucas pessoas. Agora já estamos com 120 e a cada dia aumenta o número de pessoas querendo aprender. As alunas, a maioria, ficam cadastradas na Associação e também já ficam trabalhando.

A percepção do prazer que o ofício de renda propicia, também, é ouvida na fala de ambas as professoras. Destacam o fato de que gostam muito de seu trabalho e não só o dinheiro aparece como recompensa para o seu labor. O trabalho, igualmente, é citado como forma de terapia. Declarações deste tipo podem vir a ser utilizadas como atrativos durante o Curso, nas mãos de rendeiras experientes, diante das aprendizes. Neste caso, mais uma vez, a experiência pessoal seria pano de fundo na constituição daquelas rendeiras-professoras.

Como professora, já ensinei muita gente: nem sei quantas. Adoro o que faço. Gosto muito de ensinar e ainda mais de fazer renda. Estou sempre pensando no que vou criar de novo, porque temos sempre que acompanhar as mudanças. Tudo está sempre se renovando, não é? Ensinar é bom e muito importante, mas, sentar ali na almofada e ficar fazendo a minha renda é melhor. Gosto de fazer as duas coisas, mas gosto mais de fazer renda. Às vezes, eu acordo à noite e fico pensando no que eu vou fazer. Sempre tem uma coisa nova, eu já sei o que eu vou desenhar. Quando eu passo uns dois meses sem criar nada, já fico pensando em inventar alguma coisa. É um passatempo. Ocupa a mente e a gente não tem muito tempo para andar pensando besteira.

A fala de Socorro me remete a Picasso, numa definição do artista e seu modo de criação que diz:

A intenção do artista é por obras no mundo. Ele é, nessa perspectiva, portador de uma necessidade de conhecer algo, que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, como veremos, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Desejo que nunca é completamente satisfeito e que, assim, se renova em cada criação de cada obra. (SALLES, 1998, p. 31).

Assim, é que Socorro se levanta a cada dia com o desejo da criação lhe inquietando o espírito, o que a move para o trabalho de inventar dia-a-dia novos objetos de renda. É interessante ressaltar que ela é a única que concretiza o poder criativo dentre as rendeiras. As demais seguem copiando as criações de outrem.



Fig. 32 – Biquíni de renda

Meu maior prazer é quando o dia amanhece e me arrumo para vir para os meus afazeres. Gosto muito de lidar com as pessoas, vender o trabalho delas; aqui recebo as pessoas, converso com todo mundo. Não me imagino nunca sem esse trabalho. Ele faz bem para mim e para as outras pessoas porque, quando eu recebo o pagamento pelo trabalho de qualquer uma delas, fico alegre como se meu trabalho fosse. Vendo os trabalhos de todas que me trazem na Associação para comercializar e, quando eu chego à casa das que não trabalham aqui com o dinheiro, é uma felicidade só. E para mim aquilo é uma satisfação muito grande.

Quando se refere ao seu ofício, o orgulho pelo que faz aparece como um dos grandes móveis para produzir. Isto se reveste de significado, e remete à realização pessoal que brota do trabalho, como fica patente na fala de Socorro, que encerra a nossa conversa:

Hoje me orgulho quando eu faço um trabalho que as pessoas dizem: Socorro, isso é lindo! Foi você quem fez? E posso dizer que sim. Essa sensação não há dinheiro que pague. Hoje em dia, ser rendeira pra mim significa tudo. Eu tenho orgulho de dizer que eu sou rendeira e do trabalho que eu faço, em primeiro lugar. É maravilhoso.

1.2 História de Edinalva⁷²

Tenho trinta e dois anos; meu nome é Edinalva. Sou filha única: meus pais se separaram quando eu tinha dois anos. Fui criada por minha avó materna, que me ensinou a fazer renda ainda criança. Hoje ela já está com 80 anos e a amo demais, por ter me criado. Tudo o que eu sou hoje devo àquela mulher. Quando criança, era um pouco esquecida: fui uma pessoa muito sozinha. Só recebia carinho da "minha mãe", que foi como me acostumei a chamar minha avó.

Edinalva foi criada pela avó, a quem chamava de mãe. No lugar da mãe biológica, porém, ficaram carências que aparecem em pinceladas durante toda a nossa conversa, e que fica patente no trecho a seguir:

Vivíamos com muita dificuldade. Quando minha mãe comprava tecido para fazer vestido para mim e para minha tia, eu sempre ganhava o que sobrava. Chorava por um vestido de bolso, mas não adiantava; o pano que sobrava era tão pouco que não dava para pôr bolsos. E meus calçados eram vagabundos: logo se

⁷² Edinalva Maria Alves Silva - contava 32 anos em 2006.

estragavam. Às vezes, quando eu ia pra Parnaíba, meu sapato se quebrava e a minha mãe tinha que procurar um sapateiro para remendar.

Além das dificuldades, da infância, as brincadeiras de rua, os banhos de lagoa, as danças ao som da vitrola do vizinho, as brincadeiras de roda que estavam presentes no imaginário popular em sua região, escapam facilmente, encontrando recanto em memórias leves, da menina livre que fora:

Gostava muito de brincar. Ficava muito na rua, uma vez que minha mãe trabalhava na roça, num lugar chamado Lamarão⁷³, durante a semana, voltando para casa somente aos sábados. Assim, eu ficava sob a responsabilidade de uma tia, que era uma mocinha, a qual eu não respeitava. Então não tinha quem me segurasse dentro de casa.

Tinha uma amiga com a qual eu era muito unida. Certa vez nós duas passamos a semana indo para uma lagoa que ficava perto de casa. Ficávamos as manhãs inteiras boiando, vestidas em coletes salva-vidas. Só voltávamos para casa quando a fome apertava, em torno de meio-dia. Tive uma febre tão forte que, quando a minha mãe chegou, pensou que eu fosse morrer. Eu mesma cheguei a pensar isso, tão grande era o frio que senti.

As comparações com a sua infância e a das filhas surgem naturalmente, enquanto a narrativa se desenvolve:

Antigamente criança brincava mais. E eu gostava muito de brincar, eram muitas aventuras. Às vezes brincava até 10 horas da noite e depois íamos todos nos banhar numa lagoa perto de casa. Brincávamos da mancha⁷⁴, do anel do pulo, de bom barquinho⁷⁵. Mas, como eu era muito menina nessa época, não podia brincar de cai no poço⁷⁶. Também gostava muito de brincar quadrilha e de dançar. Havia um vizinho que tinha uma radiola ⁷⁷ grande e eu sempre ganhava as competições de dança que faziam.

As próprias experiências infantis, no entanto, tomam corpo na conversa, enquanto a memória desenrola os novelos de seu pensamento. A mãe peneirava a areia da rua para que as crianças brincassem em areia limpinha, como explica:

Minha mãe e uma vizinha costumavam peneirar a areia da rua para ficar bem limpinha. À noite, como não havia energia

⁷³ Localidade no Estado do Maranhão onde há muitas plantações de arroz. De barco, são duas horas de viagem até os Morros da Mariana.

⁷⁴ É uma brincadeira que mistura o esconde-esconde e o pega-pega.

⁷⁵ Espécie de brincadeira de roda, cuja música traz na letra: "bom barquinho, bom barquinho, deixa nós passar, carregados de filhinhos pra Jesus criar. Três, três passará, o derradeiro há de ficar."

⁷⁶ Brincadeira muito comum entre crianças, semelhante àquela na qual se escolhe: pera, uva, maçã ou salada mista e, dependendo da escolha, uma pessoa beija ou abraça a outra.

⁷⁷ Nome dado ao aparelho de som utilizado para tocar *Long playngs*.

elétrica, a luz da lua iluminava a rua. Então se colocava uma esteira, feita de palha, onde nos deitávamos para ouvir as histórias que as mães contavam e para brincar. Por vezes fazíamos casinhas de areia: cada um tinha a sua. Quando o sono chegava, se a mãe estivesse perto, adormecíamos ali mesmo. Não existia televisão e toda noite era a mesma coisa, mas era bom demais! Antigamente também não havia água encanada. Portanto tínhamos que buscar água em um poço. Quando a lua estava clara, as pessoas também iam à noite para evitar o calor do sol.

De vez em quando fazíamos um passeio a uma praia distante. Tínhamos que subir um morro grande, às vezes atravessar lagoas. E, quando éramos pequenos, íamos dentro do caixote do jumento: ali iam duas crianças em cada lado para poder agüentar a distância.

Quando chegávamos, fazíamos casas de palha de carnaúba e, à noite, se acendia a extremidade de uma carnaúba para funcionar como farol, marcando o espaço do nosso grupo. Vinham grupos de vários lugares para se arrancharem: pessoas dos Tatus, do Baixão, dos Morros. Dormíamos quase todos juntos. Eu dormia junto com a minha mãe, mas as moças e rapazes, que já namoravam, costumavam construir cabanas separadas, distantes dos mais velhos. Não queriam dormir junto com os demais.

Para o almoço do outro dia, levávamos fritos, de marisco ou de carne. Minha mãe tinha uma lata, já bem antiga com uns desenhos carcomidos pela ferrugem, que ela levava com farofa de marisco. Quem podia levava carne, frito de carne. Na volta algumas pessoas iam pela beira da praia até a "Pedra do Sal" para voltar de carro. Minha mãe voltava pelo mesmo caminho, a pé, mas me mandava com algum adulto para que eu voltasse de carro. Ela foi até quando não agüentou mais. As amigas dela foram morrendo. Acho que hoje ninguém mais faz este passeio.

A mudança para a casa de uma tia, a ajudou a perceber a passagem dos anos:

Depois, quando fui crescendo, fui entendendo que eu não podia viver só na brincadeira. Mas como eram boas as brincadeiras, as aventuras de criança! Fiquei mocinha e fui morar na casa de uma tia, pertinho da casa da minha avó.

O pai tentou levá-la para morar com ele, mas a avó não permitiu:

Por duas vezes, meu pai quis me tomar da minha avó e desistiu: quando eu ainda era criança e aos 16 anos. Nas duas vezes ela conseguiu ficar comigo.

A mãe biológica, que conheceu apenas aos quinze anos, é definida como uma mulher difícil, cujo relacionamento com a avó sempre fora complexo. Como afirmaram muitos dos informantes acerca de parentes que vivem fora, ambos os pais de Edinalva também moram em Brasília, característica peculiar às migrações do lugar:

Só conheci minha mãe biológica aos 15 anos. Minha avó passava épocas como se ela não existisse, porque minha mãe sempre foi uma mulher difícil, que fala coisas desagradáveis. Até hoje meus pais vivem em Brasília. Ainda tenho pouco contato com minha mãe verdadeira. Crio uma prima que ela havia pegado em Brasília e, aos nove anos, mandou-a para passar um tempo comigo. Por esse motivo ainda tenho um raro contato com ela. Penso que está acontecendo com essa criança o mesmo que aconteceu comigo... Ela também já aprendeu a fazer renda.

A pior coisa que existe é não ter mãe, não poder chamar "mãe" à noite. Além disso, muita coisa que tive vontade de fazer na adolescência minha avó não tinha condições: nunca fui a um aniversário; nunca vesti uma roupa boa. Hoje cuido bem das minhas filhas porque não quero que elas passem pelo o que eu passei. O mais importante é o carinho dos pais. Por isso tenho muito medo de deixar a minha avó e não tenho vontade de sair daqui. Acho que não vou sair nunca. Já fui algumas vezes a Brasília a passeio: quando casei, quando minha filha mais velha nasceu, quando tinha ela dois anos, quando a segunda filha nasceu, mas, para morar não quero.

Aprendeu a fazer renda desde pequena com a avó, como muitas outras meninas de sua geração, vendo a avó trabalhando na almofada, perfazendo o percurso da educação informal. O que a avó fez para lhe ensinar, repetiu com as filhas; e ressalta que por um tempo o interesse pelo ofício diminuiu, dando lugar a atrativos outros:

Desde cedo, aos sete anos, aprendi a fazer renda com a minha avó. Achava muito bonito ela mexendo com os bilros: quando eu me entendi, ela já fazia renda. Então ela fez uma almofada e começou a me ensinar. A mesma coisa fiz com as minhas filhas. Porque na convivência, quando a gente vai vendo, vai gostando de trabalhar. Com o tempo, porém, fui deixando de fazer a renda. Só depois que fiquei mocinha voltei a trabalhar com ela.

Porto Alegre assinala que: "para quem cresce em uma dessas comunidades, a aprendizagem se dá desde o nascimento. [...] Muitas vezes a origem da arte se perde no tempo, que só consegue ser medido em termos das referências familiares." (1994, p. 58); isto é, a convivência em um meio onde se produz artesanato pode ser determinante para o aprendizado e consequente continuidade desta produção, a exemplo do que acontece ainda hoje nos Morros da Mariana no sistema de educação informal da renda.

O interesse pelos estudos não era grande, o que a levou a concluir o ensino fundamental e abandonar a escola, para fugir com o marido:

Não gostava muito de estudar. Estudei até a 8ª série. Comecei a namorar o meu marido com dezessete, dezoito anos. No início do namoro, minha mãe não me deixava ir a festas com ele porque me achava muito nova para ele. Na segunda festa que fui com ele, fugi. Passamos o dia escondidos e ela foi atrás de mim, chorando, não queria que casássemos logo. Queria que eu fosse para casa e casasse depois. Mas ficamos morando juntos e, uns dois anos depois, nos casamos. Eu ainda era menor de 21 anos e precisei de autorização para casar.

A desaprovação dos responsáveis pelo casamento é assunto em muitos outros relatos que aparecem no decorrer deste estudo. A maioria, no entanto, segue com o propósito, muitas vezes fugindo, como Edinalva:

Meu marido é mais velho do que eu nove anos e tinha muitos ciúmes de mim quando solteira: por isso não queria que eu frequentasse o colégio. Então enganei a minha avó: inventei uma porção de coisas para me afastar da escola. Depois que casei, ele me deixou voltar a estudar. Foi então que fiz o supletivo, da 6ª até a 8ª série. Logo que casei fui morar com minha sogra, que é uma artesã também, e comecei a trabalhar na casa dela. Após dois anos vim morar perto da Casa da Rendeira e passei a trabalhar aqui. Socorro me chamou e começou a me oferecer trabalho. Aqui aprendi coisas que eu não sabia; comecei a fazer coisas lindas. Hoje estou ensinando também: já sou é professora de renda.

Depois vieram as filhas: tive minha primeira filha com 22 anos e, como meu marido é vigia noturno, nunca tive com quem deixá-las. Parei de estudar e nunca mais voltei. Dedico-me mesmo à renda, às minhas filhas e ao meu marido. Logo que fiquei grávida, eu tinha medo de ficar só: medo de assombração; mas, quando meu bebê nasceu, perdi o medo porque eu já não estava só.

O conhecimento acerca da renda que, dentro de sua realidade, as professoras não sabem de onde vem, aparentemente pertence a um acervo comum daquela sociedade humana, que foi sedimentado através dos anos. Expresso de outra maneira,

Um sistema de sinais objetivamente praticável confere uma condição de incipiente anonimato às experiências sedimentadas, destacando-as de seu contexto original de biografias individuais concretas e tornando-as geralmente acessíveis a todos quantos participam, ou podem participar no futuro, do sistema de sinais em questão. As experiências tornam-se facilmente transmissíveis. (BERGER, 1985, p. 96).

É o que parece estar presente, segundo a exposição que Edinalva faz no trecho que se segue:

Gosto de ensinar as meninas e acho que elas também gostam disso. Ensino da mesma maneira que aprendi: observando e falando quando está certo e quando não está. Desse jeito eu vi a minha avó me ensinando. Ensino como trocar os bilros e às vezes até conto como uma forma de facilitar a aprendizagem das meninas na confecção da traça⁷⁸. Porque acho que com a contagem fica mais fácil de desenvolver essa técnica. Creio que está dando certo.

O prazer gerado pela realização pessoal, já referido na fala de Socorro, também aparece neste depoimento:

Hoje eu acho maravilhoso fazer renda. E só mulheres aprendem o trabalho de renda: as meninas, as adolescentes, as moças e as pessoas casadas que não aprenderam quando novas.

Muitas pessoas trabalham em casa ainda, e quem tem filha que se interessa põe ao lado enquanto trabalha e vai ensinando. As avós ensinam igualmente. Outras ficam sabendo dos cursos por meio das colegas que já fizeram e nos procuram para aprender também.



Fig. 33 – Aplicação

Atribui ela à postura das “mestras” atuais ante as aprendizes, que julga diferente de seu tempo, a motivação das novas treinandas.

⁷⁸ Tipo de ponto muito comum nas rendas produzidas na região.

Menos rigorosas as mães para ensinar, teriam as jovens a oportunidade da escolha:

Penso que hoje elas querem aprender porque antigamente as mães forçavam muito as crianças no aprendizado. As pessoas aprendiam porque a mãe obrigava. Existiam castigos para as que se negassem fazer a "tarefa" de renda: não deixavam brincar, eram muito rígidas

Atualmente está diferente. Quando minha filha não quer, não insisto com ela. Creio que ultimamente a maioria aprende o ofício de rendeira por escolha própria. A renda que se faz hoje também está mais fácil de aprender. Por outro lado, elas também têm curiosidade acerca da atividade. Minha filha mais velha muitas vezes pede para aprender coisas que eu ainda não havia pensado em ensinar-lhe. Há pouco pediu para aprender a fazer aplicação e vou mostrar-lhe como fazê-la.

Daquela época para cá, o ensino da renda mudou muito. A primeira renda que aprendi a fazer foi um bico que se chamava olho de pombo⁷⁹. Hoje iniciamos as aprendizes com um desenho bem mais fácil de trabalhar. Creio que está bem melhor assim.



Fig. 34 - Renda olho-de-pombo

O modo que desenvolveram para ensinar, juntamente com o aumento da procura por objetos de renda, aliados ao "sucesso" das rendeiras de Morros da Mariana, são outros aspectos elencados por Edinalva para justificar o retorno das jovens à almofada de renda:

A comercialização da renda era mais difícil antigamente e agora as meninas vêem que a gente produz e recebe todos os meses. Assim elas sentem vontade de trabalhar. E sendo menores de idade, crianças, não podem trabalhar em outra coisa, então a

⁷⁹ No Curso o olho-de-pombo é o terceiro bico que as professoras ensinam.

renda é mais fácil pra elas aprenderem e terem o dinheiro delas. Isso as estimula muito.

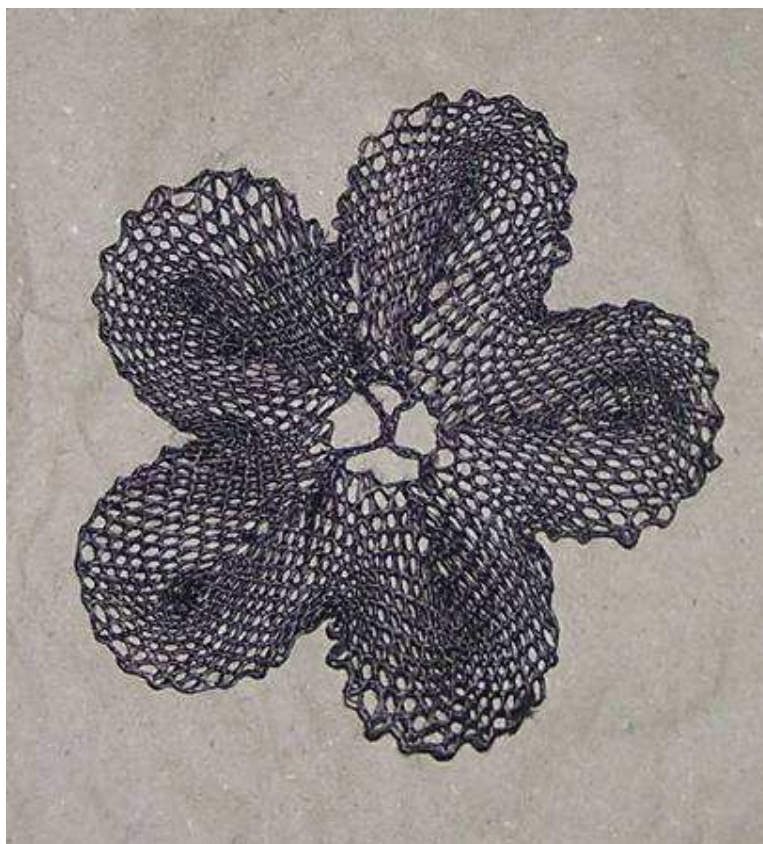


Fig. 35 Aplicacao em forma de flor - Camélia⁸⁰

As inovações trazidas por visitantes são mais um dos motivos para o crescimento da renda de bilros, como expõe Edinalva:

Antes de o Walter vir aqui, as coisas andavam devagar. Em 1995, quando vim morar perto das rendeiras, o meu trabalho era meio desorganizado. Depois que a dona Socorro viajou pra São Paulo, trouxe muita novidade e cada vez as coisas estão melhores. Passei a trabalhar aqui dentro e me animei. Dona Socorro é nossa professora de design. Ela desenha coisas diferentes para a gente.

Socorro, a outra professora do curso, é apontada como professora de *design*, talvez pela propriedade que tem de criar modelos, cuja característica as demais rendeiras não desenvolveram, aparentemente.

⁸⁰ Esta aplicação foi utilizada para confeccionar o vestido de Dona Marisa Lula, quando da posse do presidente em seu último mandato. O vestido foi montado por Socorro baseado em molde enviado por Walter Rodrigues.

Exemplo de tal potencialidade é a imagem registrada na figura abaixo, onde uma representação de nossa senhora é reproduzida em meio às tramas da linha.



Fig. 36 – Imagem de santa em renda

2. Ensino não formal: um método para o ensino da renda

O ofício de escrever, creio, é herança feminina, embora possa ser tão bem exercido pelos homens, em estilos chamados masculinos. A herança de escrever é feminina, trabalho de infinita paciência, aprendido no ventre da mulher. Às mulheres não foi dado durante séculos escrever. Elas traçavam sinais de criação usando linhas enfiadas em finos orifícios, em teares, manipulando pequenos instrumentos de fabricação caseira. Com isso transfiguravam o mundo, escrevendo signos que substituíam as palavras.⁸¹

A Casa⁸², de paredes pintadas em amarelo, portas e janelas azuis, é composta por uma sala, uma cozinha improvisada, uma saleta e um banheiro. Na cozinha, encontram-se uma geladeira, algumas prateleiras e uma pia; sobre a pia, um filtro de barro.



Fig. 37 – Fachada da Associação⁸³

⁸¹ Raquel Jardim. IN: O penhoar Chinês,

⁸² Aqui cabe salientar que a Casa das Rendeiras foi totalmente remodelada no final do ano de 2008, através de projeto feito por uma amiga de São Paulo. O imóvel, que era térreo, ganhou um andar superior no qual as rendeiras trabalham. No primeiro piso, foi criada uma espécie de museu da renda com exemplares de papelões e renda antigos garimpados pelas próprias rendeiras nas fazendas das redondezas e entre seus arquivos familiares e pessoais.

⁸³ A Casa teve sua estrutura totalmente modificada após minha última visita. Infelizmente, ainda não tive acesso a imagens do novo prédio.

A saleta, que fica entre a cozinha e o banheiro, funciona como provador e como uma espécie de escritório. Nela há um espelho comprido no qual podem ser vistos um reflexo de corpo inteiro, um telefone e um computador com acesso à Internet. O espelho, com uma moldura de madeira escurecida, já apresenta sinais da ação do tempo, o que denota ser antigo. Possivelmente foi doado.

A sala, maior área da Casa, é quase quadrada. Da porta de entrada, veem-se as duas janelas, que estão constantemente abertas. Do lado esquerdo, há um balcão de vidro e madeira em forma de L, onde se guardam mostruários de renda, objetos à venda, pastas e caixas com renda e se expõem alguns colares (de renda e de crochê) feitos pelas rendeiras.

Encostado à parede adjacente à porta de entrada, quase em um canto, há um armário de ferro de duas portas, onde se guardam moldes de renda, revistas, fotografias, documentos, encomendas, entre outros objetos que não pude observar.

Na parede perpendicular à entrada, encontra-se outro armário, este de madeira com vidro, parecendo fazer conjunto com o balcão, ambos apresentando também os sinais do tempo, como o espelho da saleta.



Fig. 38 – visão parcial da sala com torso em primeiro plano

No armário de vidro, está exposta a maioria das peças à venda na Associação: toalhas de mesa, panos de bandeja, caminhos-de-mesa, camisetas, saias, colares, aplicações.

Dentro do perímetro criado pelo balcão, uma área retangular, existe ainda um torso de manequim feminino⁸⁴, próprio para costuras, e uma mesinha alta, sobre a qual há um televisor.

Mais ou menos no centro da sala, há uma mesa comprida, de aproximadamente um metro e meio, coberta por uma toalha colorida e ladeada por cadeiras diferentes umas das outras. Esta mesa serve de local para a cópia e criação de desenhos de renda feitos por uma das rendeiras, que atualmente é a presidente da Associação.

AULAS DE RENDA

O espaço da sala funciona, ao mesmo tempo, como local de comercialização dos produtos, lugar de trabalho das rendeiras mais experientes e uma espécie de sala de aulas onde acontecem os cursos de Renda de Bilros. Lá estão dispostas, mais ou menos, umas trinta almofadas, em sua maioria espalhada em uma espécie de círculo, onde as rendeiras trabalham. As que não estão em uso ficam encostadas às paredes, cobertas por pedaços de tecidos variados, esperando mãos que as utilizem. As rendeiras, alternadamente, costumam frequentar a Casa em três turnos, conforme seus afazeres domésticos permitem.

Nas ocasiões em que visitei o local, durante um curso de Renda de Bilros, as rendeiras se organizavam no espaço, formando grupos menores dentro do grande grupo, da seguinte forma: as mais velhas sentavam-se agrupadas, bem como as adolescentes. Algumas pareciam estar próximas por afinidade e os locais pareciam ser mais ou menos fixos. As alunas sentavam-se próximas umas das outras e havia

⁸⁴ Ver figura 38

subdivisões, também neste pequeno grupo, onde se juntavam meninas, adolescentes e jovens já casadas, em cadeiras próximas.

As professoras, apesar de terem suas almofadas para trabalhar em seus *locus* habituais, passavam boa parte das manhãs e tardes circulando, observando as alunas e, por vezes, auxiliando-as em caso de dúvidas. Com essa ferramenta, parte do método formulado por elas, podiam verificar o estágio em que se encontrava cada uma das alunas. O desenvolvimento no domínio dos bilros varia muito entre as aprendizes. Observar a fase em cada qual se encontra possibilita uma assistência mais individualizada da parte das mestras.

As aulas de Renda de Bilros, que aconteceram por um período de três meses, foram divididas em dois turnos – cada um com uma turma de alunas. Começavam por volta das oito horas, no período matutino, indo até as onze horas aproximadamente. No período vespertino, as aulas começavam geralmente às quatorze, indo até em torno das dezessete horas.



Fig. 39 – Alunas aprendendo os primeiros pontos

As alunas chegavam aos poucos e não obedeciam com muito rigor o horário de iniciar a aula. Mesmo se tratando de um grupo de

aproximadamente quatorze alunas, o atendimento é, quase sempre, individual. Cada uma que chega já sabe onde está sua almofada e, silenciosamente, senta-se em seu lugar e começa de onde havia parado. As professoras ficam atentas aos chamados das alunas, para esclarecer suas dúvidas. Sempre que necessário, sentam-se diante das almofadas das pupilas e ensinam, mostrando na prática o modo correto de fazer os pontos. As outras mulheres trabalham normalmente durante todo o tempo da aula, como se o curso, de fato, não estivesse acontecendo. Conversam bastante, sobre os mais variados assuntos, vêem televisão e realizam vendas quando aparece algum cliente.



Fig. 40 – Sala da Associação durante a aula

Uma das professoras, Socorro, atual presidente da Associação, divide-se entre estas funções e a tarefa de receber eventuais visitantes. Ela tem desenvoltura para isto e as demais parecem preferir que ela assuma este papel. Este acúmulo de afazeres não parece atrapalhar a

dinâmica das aulas. Socorro, que também é responsável pelo controle de assiduidade, não faz chamada. Na folha de frequência, anota as presenças das alunas após as aulas. Diz que não é necessário fazer a chamada, pois as conhece todas e sabe quando alguém falta. As alunas parecem interessadas em aprender; conversam um pouco, mas em geral se concentram no trabalho⁸⁵.

Durante uma semana, aproximadamente, observei a dinâmica das aulas de renda na primeira fase do curso, durante manhãs e tardes. Procurarei, com arrimo em minhas observações e anotações do diário de campo, descrever uma dessas experiências de aula.

Chegando à Associação, encontrei-a repleta de mulheres trabalhando. Para minha sorte, havia começado um curso naquela manhã e a sala estava cheia de meninas e adolescentes também. Fui recebida por duas rendeiras, para as quais expliquei que faria uma nova pesquisa, sobre o ensino da renda, e mostrei-lhes as pinturas e o livro, resultados da pesquisa passada. Depois de ouvir alguns comentários sobre encomendas para o Exterior e para pessoas famosas, acomodei-me e passei à observação.

Antes, porém, uma das professoras me havia adiantado alguns dados sobre o Curso: destina-se a meninas e moças de idades diferentes. É financiado pelo SEBRAE⁸⁶, que paga às professoras, pois durante este período param de produzir renda para ensinar. Algumas meninas aprendem os primeiros “passos” da renda com a mãe, em casa, e depois, no curso, desenvolvem a destreza necessária para fazer quaisquer trabalhos de renda. A maioria do público é de crianças e adolescentes, embora uma das professoras tenha mostrado interesse em disponibilizar as vagas primordialmente às mulheres casadas, por serem mais responsáveis. Conta a própria experiência como exemplo: quando criança,

⁸⁵ Entendo o motivo da concentração porque no último dia de minha última visita, após terminar as entrevistas, pedi a uma das professoras que me ensinasse a trocar os bilros. Quando aprendi a trocar, quase não consigo mais parar. O trabalho é um convite à continuidade. Perdi a hora para ir embora, tendo que retornar à noite pela estrada, que é bastante perigosa.

⁸⁶ As referências ao SEBRAE são tão somente parte dos dados sobre meu objeto de pesquisa. Este trabalho não é, de modo algum, partidário de quaisquer instituições.

a mãe a obrigou a aprender, mas, só depois que casou, sentiu necessidade de encarar o ofício com seriedade

A aula já estava em andamento quando comecei a observar, mas, nos outros dias, percebi que isto não fazia muita diferença, pois as alunas não chegam e saem no mesmo horário. Há sempre algumas chegando depois do horário estipulado e também saindo mais cedo do que outras.

Na sala, havia uma separação entre as alunas e as rendeiras mais experientes. Estas se sentavam de frente para a porta de entrada e próximo às janelas. As aprendizes agrupavam-se na parede oposta e laterais. Parece haver mulheres entre 30, 40 e 50 anos, adolescentes e crianças na Associação: todas aprendendo e ensinando juntas. Em dias de curso, o espaço da Associação parece pequeno. As almofadas se acumulam e sobra pouco espaço para a circulação de pessoas.

A maioria das pessoas presentes estava ocupada em seus afazeres. Não obstante, havia uma conversa descontraída, da qual todas participavam, se não emitindo opiniões, pelo menos, ouvindo e rindo-se de quando em vez. Os assuntos eram os mais variados: vida doméstica, encomendas que tinham para entregar e as que ainda não haviam sido feitas... De pouco em pouco, alguém entra na sala, troca algumas palavras, sai. A TV estava ligada. O barulho de bilros se misturava ao som das vozes das rendeiras e da TV. Este burburinho, no entanto, não parece atrapalhar a concentração das alunas. É como se funcionasse como uma música de fundo – som-ambiente.

Nesta tarde, não vieram todas as alunas matriculadas. Como prática de ensino, as professoras se revezam, observando o trabalho das alunas e dando explicações, aqui e ali, às vezes orais, às vezes práticas. As meninas e moças ficam muito compenetradas e se concentram no trabalho, embora, por vezes, fiquem, “com um olho na renda e outro na TV”.

Uma aluna pede explicação à professora, que se senta junto à almofada da moça e esclarece como se faz o desenho de um galho.

Mostra que ela havia feito uma parte errada e a desmancha. Depois diz que toda aquela parte se faz só com quatro pares de bilro: a moça estava fazendo com seis pares. Edinalva tira os bilros e mostra como se faz. Outra moça pede uma explicação. A professora faz o mesmo ritual: senta-se individualmente com a aluna e expõe na prática como se resolve aquele problema.

As professoras parecem se dividir para ensinar o grupo: uma fica responsável pelas que já vinham com noções, já sabendo trocar os bilros, conforme elas dizem, e a outra professora fica responsável pelas iniciantes. A forma de ensinar, porém, é semelhante para as duas. Ambas sentam-se e pegam os bilros das alunas para ensinar de forma prática. E ficam, vez por outra, caminhando para observar se as alunas estão fazendo tudo certo. De ordinário, não há intervalos nas aulas: algumas vezes as alunas lancham biscoitos ou salgadinhos, no espaço da sala de aula, mas não há intervalo marcado.



Fig. 41 - Primeiro ponto – espinhaço-de-urubu

A primeira coisa que se aprende é uma renda muito simples (de mais ou menos um centímetro de espessura), que chamam de “espinhaço-de-urubu”. Este é o trabalho das iniciantes, que ainda não sabem trocar os bilros. A segunda renda tem o mesmo formato, só que é mais larga, com mais pares de bilros. É utilizada para a aluna fixar o aprendizado de trocar os bilros. Observo que a renda é feita em ziguezague. Os bilros são movimentados da esquerda para a direita e

depois da direita para a esquerda, sempre descendo, enquanto o tecido é enredado.

A tarde se passa neste movimento: as treinandas pedem a atenção das professoras, conforme necessitam, de acordo com o ritmo de cada uma. As professoras observam o desenvolvimento das treinandas e interferem quando julgam necessário. O ambiente é muito informal e, embora haja respeito das alunas pelas professoras, os relacionamentos parecem bastante amistosos. Existe uma hora fixa para o começo e término da aula, mas este horário não é rigorosamente obedecido. As professoras parecem respeitar o ritmo de vida de cada aluna. Assim, algumas chegam mais cedo e saem antes das 17 horas e o contrário também funciona. Via de regra, porém, às 17 horas, as alunas cobrem a almofada e se retiram da Associação. Vão embora silenciosamente. A sala, aos poucos, vai se esvaziando e só as mais experientes continuam a trabalhar. As mais jovens costumam ir embora mais cedo.

3 ENSINO INFORMAL: lições de renda no cotidiano

Mães, filhas, tias, vizinhas, atrizes de um fazer em ebulição: o que dizem as mulheres rendeiras sobre a vida e sobre o ofício de rendeiras.

As falas das demais personagens, por serem em número maior, e na intenção de tornar a leitura mais fluente, optei por não apresentá-las na íntegra, como fiz com as duas professoras que observei durante o último curso de renda que houve.

Angelo (2005) explana sobre este tipo de educação, mostrando quão cedo se começa o aprendizado informal:

Geralmente, as meninas, já aos cinco anos de idade, começam a acompanhar os “deveres” da mãe, e aos sete anos iniciavam-se no “saber-fazer” das rendas de bilros. Esse ensino aprendizagem exerciam funções distintas no cotidiano, já que, além das técnicas das conhecidas “prendas domésticas”, eram ensinados outros “saberes”, entre os quais regras, normas, religião, ética, moral e

principalmente a conduta que a figura femininadeveria assumir na vida. (P. 101).

Sob o aspecto das regras sociais aprendidas/ensinadas no cotidiano entre as lições de renda, estas foram comentadas durante a abordagem da infância das memorialistas.

Assim, sobre a educação informal que permanece nos Morros da Mariana, Laurinha explica o modo como aprendeu a fazer a renda, detalhando horários e alguns métodos utilizados por sua mãe em sua iniciação:

Eu aprendi com a minha mãe. Eu tinha mais ou menos uns oito anos, por aí assim, difícil, porque a minha mãe num tinha muita paciência. Sempre era na parte da tarde, né, que de manhã a gente tinha que ir pro colégio, e aí, a tarde, eu ia aprender. E eu sempre tive dificuldade pra aprender. Eu já ficava assim um pouco nervosa, que a minha mãe era assim meia brava e qualquer coisinha, se num subesse, ela já batia o bilro na cabeça da gente, (risos). (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos)

Quando as lições não eram assimiladas de pronto, a mãe a repreendia com batidas de bilros na cabeça. A avó materna vinha em seu auxílio, deixando que descansasse, brincando um pouco:

Aí eu lembro assim que minha avó, quando dava assim três horas, a minha avó morava perto, ela gostava muito de ir pra casa da minha mãe, né. Aí lá, quando eu tava já muito perturbada, que já num sabia mais assim bem direitinho, aí ela dizia ,ô, cumade Maria, deixe ela descansar um pouco, porque senão você perturba muito ela, ela num vai nem aprender direito. Era a minha salvação. Aí eu dava uma volta, brincava, aí voltava de novo. Aí eu tornava a fazer. (IDEM).

Aprendido o básico, Laurinha recebia uma tarefa diária, que ela e a irmã deveriam cumprir antes de voltar às brincadeiras:

Aí quando eu aprendi, aí ela dava aquela tarefa. Você tem que abaixar, fazer esse papelão todinho. Aí eu tinha que fazer. Às vezes, eu mais a outra minha irmã, nós fiquemo mais sabida, aí, quando chegava perto de abaixar o papelão, a gente levantava de novo, pra dizer pra ela que já tinha terminado a tarefa, pra poder a gente ir brincar. A outra minha irmã já tinha mais facilidade de aprender as coisas. Eu já não tinha, né. [...] Era aprender trocar, e, na época que a gente aprendia só era bico e renda. O primeiro bico que eu aprendi que a gente dá o nome de espinhaço de urubu. Em tudo que a gente aprende a trocar, depois faz a traça. E tem a outra que é a aranha. Esse daí é o mais básico. Isso aí eu aprendi com minha mãe. E foi o que a mamãe ensinou. (IBIDEM).

A linha usada naquela época era fina e de tonalidade branca, como rememora. Depois que começou a trabalhar nas Rendeiras foi que aprendeu a fazer aplicação e a utilizar linhas coloridas em seus trabalhos:

A mamãe chamava assim linha de carretel, linha de seda. Hoje em dia não existe mais. Aprendi com a linha 50, bem fininha. Era tão ruim, quando a gente ia fazer, que quebrava muito, que ela é bem fraquinha, né. [...] Eu vim aprender a fazer aplicação quando eu fui trabalhar na casa das rendeiras, que foi na época do Walter Rodrigues. Até eu ir pra lá eu só fazia bico e renda. Aí eu comecei também a fazer coisas coloridas. Fiz muita coisa colorida, fiz blusa, as aplicaçãozinha, agora eu faço tudo. O ponto vira mundo, tudo. (LAURA MARIA DA COSTA SOUZA – 52 anos).

Roseane diz ter demonstrado interesse pelo ofício, observando as tias trabalhando, sem que ninguém lhe oferecesse lições inicialmente:

Eu via minhas tias fazendo e a minha vizinha que mora perto da minha mãe. Aí eu peguei um saco de quilo e enchi de areia, peguei semente de pinhão roxo e fiz uns bilrozin. A minha mãe costurava nesse tempo e as linhas que ela ia deixando assim eu ia juntando pra encher os bilro. Aí eu pegava o papelão e botava, só que furava num instante que era saco. E eu botava de novo. (ROSEANE SILVA ALMEIDA – 25 anos)

Ao observar o empenho da menina, a tia se oferece para ensiná-la a fazer a renda. Depois que a mocidade chegou o trabalho de renda foi relegado:

Aí eu cresci mais um pouco aí eu ia sempre pra casa da minha tia, aí eu via ela fazendo renda e ela perguntou se eu queria aprender. Aí ela botou pra mim fazer e disse menina tu já sebe? Ora, se eu via a senhora fazendo. A trocar, né, num instante eu aprendi a trocar. Aí ela botou umas aplicaçãozinha pra mim de caracol e eu ia fazendo os caracol e minha prima enchia, viu? Aí eu fui ficando mocinha e era mais danada assim. E disse assim num vou fazer renda mais não. (IDEM).

Após nascer sua filha, Roseane retoma a renda, incentivada pela patroa. Constata ela que nunca esqueceu o trocado que é a base da trama da renda. Depois disso começou a trabalhar na Casa das Rendeiras, onde permanece até os dias atuais:

Com a minha segunda menina eu comecei a trabalhar na casa da tia da dona Socorro, a dona Mazé. Aí lá eu via ela sempre fazendo renda. [...] Roseane tu sabe fazer renda? Eu digo: sei. Pois tu quer fazer? [...] Aí eu arrumei a almofada aí ela pegou uns bilro e botou

um bicozin pra mim. Aí na hora que eu peguei eu nunca me esqueci do trocado, viu. [...], pois fala com a Socorro pra tu ir lá pra ela te dar alguma coisa pra tu fazer. [...] Saí da casa da dona Mazé. Aí eu comecei a pegar serviço aqui e fui me acostumando de novo fazer renda. Acho que tá com uns dois anos que eu tou aqui, acho que faz três nesse ano. Eu nunca esqueci o trocado. (ROSEANE SILVA ALMEIDA – 25 anos).

Dona Deusa explica o processo do seu aprendizado desde o primeiro ponto. Assim como Laurinha, a pessoa que lhe ensinou dava com os bilros em sua cabeça quando errava o trabalho:

Nesse tempo era com linha de tubo. Tinha uns novelin de linha assim redondin antigamente. A gente fazia com eles. Era branca os novelinhos. [...] O primeiro é o quatro buracos, que chamam ôi de pombo. Tem dois buracos aqui no mêi e dois aqui, a gente vai trocando e metendo. Aí quando eu tinha uns doze anos eu vim morar com uma prima minha e foi ela quem me ensinou a fazer biquinho direito. Aí ela já botou um bico largo. Aí eu num aprendia, eu tava dura pra aprender o bico. Eu não entendia. Aí ela me deu uma birrada na minha cabeça. [...] Aí quando eu saí de lá parece que eu já vinha com tudo decorado na cabeça. Aprendi mesmo e num precisava me ensinar. Aí quando eu aprendi tirar amostra pronto, eu num sei fazer nada ninguém me ensinando. Todo serviço meu eu só faço tirando amostra. Você pode dizer dona Deusa desse desenho aqui eu quero que você crie qualquer coisa aqui pra mim. (DEUSUITE TELES DA SILVA – 72 anos).

Ensinou às filhas, como era o costume, bem cedo. Assentou as filhas na almofada e lhes foi ensinando de modo metódico, aparentemente:

Ah, com sete anos elas já sabiam. [...] Eu que fui botando porque eu criei minhas fia numa necessidade que só Deus sabe minha situação. [...] Aí comecei [...] Só com quatro par de bilro mesmo. Fazendo trancinha. Depois a gente fazia o quatro buraco, que era o primeiro que a gente ensinava, que chama espinhaço de urubu. Depois quando elas já tavam dedicada a trocar, fazer a renda trucidinha, aí é que a gente ia botar pra aprender o oi de pombo, que era o outro mais fácil. Depois que elas faziam aqueles biquim, dois metros, três metros, ia ensinar a fazer a traça. E botava elas pra trabalhá, as bichinha. Trabalhava todo mundo. Era boas dona de casa. Nunca criei minhas filhas na rua. Só trabalhando. (IDEM).

Neile aprendeu com uma vizinha, pois a mãe não era rendeira. A curiosidade por ela demonstrada motivou a inclinação da vizinha para ensiná-la:

Quem me ensinou, foi a vizinha da minha mãe. Porque eu olhava muito... Eu tinha muita curiosidade nesse trabalho, a vizinha pediu pra mim arrumar a almofada, os bilro, aí eu arrumei... Fui fazer. Só que elas me davam assim uma orientação e eu rapidão eu

pegava. Eu não tinha dificuldade nenhuma pra fazer renda. (NEILE PEREIRA DO PRADO – 32 anos).

A facilidade com que Neile diz ter aprendido o trabalho, ela também enxerga no aprendizado da filha, que pediu para ser iniciada. A observação atenta é o segredo desta queda para a renda, segundo ela:

Ela foi assim, muito interessada, igualmente a mim, né? Porque eu tinha aquele interesse de olhar, de ter a vontade de aprender, então, só em eu olhar, pra mim já era tudo, né? E ela fez a mesma coisa. Ela era muito, muito, muito curiosa assim no meu trabalho. Eu tava trabalhando, ela aqui atrás de mim. E ela pedia pra fazer. Quando ela pegava, ela não tinha dificuldade alguma de fazer a renda, né? Ela só dizia assim: mãe é assim? E eu confirmava, porque tava certo. Ai, hoje ela é uma rendeira até melhor do que eu, que tem ponto que ela faz, que eu não sei fazer. [...] Quando ela perguntava: mãe, esse par de birro aqui vai pra onde? Eu falava. (IDEM).

Em primeiro lugar ensinou a filha a trocar, depois foi evoluindo nos pontos até chegar a um trabalho que pudesse ser vendido:

O primeiro ponto que a gente começa, é a trocar. Depois foi o espinhaço de urubu, que é uma rendinha. Depois, eu fui colocando o ponto traça. Depois da traça, aí eu fui assentar alguma coisinha. Já um trabalhozinho. Já um trabalho no ponto de venda. Aí depois, eu comecei a trabalhar aqui, né? Que foi quando abriu a associação. Aí eu fui aprendendo outras coisas, que naquele tempo a gente não sabia, e eu fui ensinado pra ela. Outros pontos, outros desenhos, e ela foi aprendendo tudo. (IBIDEM).

Cida já começou a aprender pelo olho-de-pombo. Aliás, a mãe a ensinou como todas as mães, ressalta ela:

A mamãe me ensinou começando no oi de pombo. Como todas mãe ensinavam. Era o oi de pombo. [...] também tinha aquele parece que era espinhaço de urubu, viu, que a gente aprendeu. [...] A gente aprende primeiro a trocar antes de ir pro biquinho, né, pro bico ou pra renda. Aí depois que eu aprendi a trocar a mamãe me botou no oi de pombo. [...] Agora já pra minhas meninas, pras minhas filhas eu ensinei não mais o oi de pombo. Já foi principalmente essa aplicação de quatro pontas que tem. E aí eu digo pra ela ó a gente vai olhando. Aí eu falo: Ana Paula tu vai olhando assim primeiro o jeito que a gente pega, o jeito que a gente faz. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos)

Na sua época a linha utilizada também era fina, igual a linha de costura:

Era linhazinha de tubo. Esses tubo de costurar. Uns tubinho destamanho que tinha assim, que tem de costurar. (MARIA APARECIDA ROQUE DA SILVA – 41 anos).

Para instruir as filhas, a linha fina foi substituída por outra mais grossa, embora o trabalho inicial, ainda assim, não tenha saído perfeito:

A linha era branca, Mais grossa. É tanto que ainda anda por ali uma rolando feia. Que a primeira que a gente faz é feia. Que a gente num sabe fazer bem a traça. Mais a traça. Aí depois que aprendeu a pegar a prática aí foi melhorando. (IDEM).

Cida, todavia, não sabe descrever o método que utilizou para iniciar as filhas, mas afirma que a utilização de cópias xerográficas dos modelos de renda facilitou em muito a aprendizagem das meninas dessa geração, como resta claro no trecho seguinte:

Aí ela pegava e eu digo: troca assim. Aí digo agora é essa trancinha. A trancinha só é trocando, trocando, trocando. [...] o Xerox num tem errada né. Vai pra onde vai a primeira traça, aí sobe aí depois desce. Agora mais ruim era naquele tempo que num tinha Xerox, só era a base dos buraco. Aí como era que nós ia saber aonde que ia ficar uma traça? Onde que ia botar? Era muito ruim naquela época. (IBIDEM).

Enedina, fazendo um percurso contrário ao usual, aprendeu a arte da renda no curso e ensinou à mãe e à irmã. Delineia ela o método no qual estudou:

Primeiro aprende a trocar com o espinhaço de urubu. Que aí foi o primeiro ponto que eu aprendi foi a trocar. E depois foi o mêitrocado pra aprender a fazer os panos. Depois foi as traça, depois das traça foi o oi de pombo, depois que foi o ponto que a gente faz quando vai aprender a fazer a blusa. Que a gente precisa, que junta todos os que a gente já aprendeu: a traça, o meio trocado e o trocado inteiro que a gente precisa pra fazer a blusa que é a ultima coisa do curso. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Para lecionar, utilizou a mesma maneira como aprendeu, se guiando pela metodologia criada pelas professoras:

Eu peguei a mesma seqüência que eu tinha pegado aqui no curso. Aí eu pedi os papelão a dona Socorro pra mim desenhar porque não é todo mundo que consegue, né, passar o desenho assim, ver um desenho e passar daquele desenho pro papel manteiga.

Enfatiza que aprendeu, além de fazer renda, a copiar os modelos observando Socorro fazê-lo:

[...] eu observava a dona Socorro, achava assim interessante, né, ela saber. Aí eu fiquei observando até eu aprender a passar o desenho. Não assim criar um modelo e desenhar, né, mas se me der assim um modelo e disser desenha aqui eu consigo. Aí eu aprendi aí eu toda vez que eu via lá as Xerox aí eu pegava e desenhava. Que às vezes eu num tinha. Era dez centavos, mas esses dez centavos assim mesmo eu num tinha, né, o dinheiro pra tirar a Xerox aí mais eu tinha que ensinar a mamãe aí eu ia lá pegava um pedacinho de papel manteiga e desenhava o ponto. Aí eu ia passando pra mamãe. Os pontos que eu tinha aprendido aí eu ia passando. (ENEDINA CARVALHO DOS SANTOS – 17 anos).

Raimunda, mãe de Enedina, conta como a filha mais velha e ela foram treinadas, começando pela filha Clarice:

Aí logo que ela começou a aprender lá a outra começou a fazer aqui [...] Ela ensinando. O que ela aprendia lá ela repassava pra outra. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO DOS SANTOS – 43 anos).

Quando chegou sua vez, contudo, negou-se, por se considerar velha para estudar o ofício:

Aí quando foi um dia de domingo ela disse mãe a senhora vai aprender a fazer renda. Eu digo como, mermã se eu num aprendi quando era nova, vou aprender agora depois de velha. [...] mãe, né difícil não. Aí encheu os biro. Aí nesse tempo eu já tinha feito já a almofada. [...] Aí ela disse: mãe, a senhora vai aprender. Minha fia eu acho muito difícil. (IDEM).

Recorda que seu processo de aprendizado foi complexo e que algumas vezes pensou em desistir. Sempre auxiliada pela filha, no entanto, conseguiu controlar os bilros e foi construindo depois toda sorte de objetos:

E, de fato, pra mim foi muito difícil. Muito, muito mermo assim. Era uns dedos muito duros e ela pegava minhas mão, colocava os biro, entre meus dedo e dizia assim a senhora vai fazer. A senhora tem que trocar assim. E eu todo tempo sem aprender. Mas aí quando foi um certo dia eu digo: eu vou desistir que eu num aprendo isso não. E ela disse: não senhora. A senhora vai aprender que a senhora tem vontade de aprender. Eu sei que me parece que com dois mês que ela insistiu eu aprendi. Aprendi fazer os trocado, aprendi fazer as traças assim. Mas o mais difícil pra mim que eu achei mesmo da renda foi a traça. [...] E eu me zangava, cortava meu trabalho, jogava no chão, empurrava a almofada pracolá, porque eu achava que eu num ia aprender. Mas

eu aprendi. O primeiro trabalho meu foi um paninho de bandeja. Aí depois eu fiz bico, blusa, marcador, fiz essas aplicação [...] E aí hoje eu inda continuo trabalhando. (RAIMUNDA MARIA DE CARVALHO DOS SANTOS – 43 anos).

Dona Maria da Graça, olhando a mãe trabalhar, interessou-se por dominar a técnica da renda. Pediu, então, que ela lhe ensinasse o ofício, embora alegue ter aprendido mesmo só olhando:

A minha mãe, ela fazia renda aí eu ficava olhando, né, ela trabalhando. Ela eu dizia assim: mamãe me ensine! E ela dizia minha filha eu num tenho paciência não. E eu aprendi olhando pra ela trabalhando. Comecei a fazer uns birin de coisa de mamona, né. Aí botava uns talim aí comecei a trocar, né, aí depois aprendi por minha conta. Só que eu era muito inteligente aí eu aprendi sozinha. Que ela dizia que não tinha paciência. (MARIA DA GRAÇA DE CARVALHO – 56 anos).

Descreve, pois, o caminho que percorreu para apreender os movimentos dos bilros:

Primeiro a gente aprende trocar com quatro birro. Dois par de birro. Aí a gente começa depois fazendo a trancinha, né. Aí depois da traça a gente começa a aprender um paninho que é pra modificar o bico, né. Aí a gente faz com traça, faz com pano, faz com meio trocado. É assim. (IDEM).

Maria do Socorro, filha de dona Maria da Graça, também pediu à mãe que lhe iniciasse nos passos da renda de bilros aos sete anos. Lembra ainda da sequencia dos pontos que percorreu até poder fazer bico para vender. A primeira linha, por exemplo, era branca e muito fina, afirma:

Eu aprendi com sete anos, eu via a minha mãe fazendo renda aí eu fui querer também aprender a fazer. [...] Ela colocou uns biro parece que foi numa almofada. Aí eu fui aprender fazer. [...] Só em eu ver ela eu já fazia assim. Num dei muito trabalho pra aprender não. Ela colocou uns quatro biro assim aí eu fui trocando. Depois eu fui aprender a fazer trança. Depois da trança foi a traça. Depois eu fui fazer um bico parece que era espinhaço de urubu. Aí depois eu aprendi Mesmo a fazer bico mesmo pra vender. Em metro. Uma linha fina, num sei se é esterlina. Em carretel, né. Era bem fininha branca. (MARIA DO SOCORRO CARVALHO DOS SANTOS – 29 anos).

Foi a mãe, que fazia apenas um modelo de bico, quem fez dona Maria José aprender a trocar os bilros. Embora ambas as avós fossem

rendeiras, os outros demais passos para se tornar rendeira foram dados na casa de uma vizinha:

Minha mãe me ensinou a trocar, juntar os birrin, entende? Mas fazer a renda mermo ela não me ensinou porque ela num sabia também. Minha mãe só fazia um bico, ela não dava muito valor ao serviço de renda e minha avó por parte de mãe era rendeira, minha avó por parte de pai era rendeira aí eu acho que eu tinha aquele tino de fazer renda. Aí eu ia pra casa da vizinha que ela também fazia renda, isso na idade de 12, 14 anos. [...] Aí eu fui aprendendo, fui aprendendo. Aí pra fazer vira mundo eu fui pra casa da minha tia, irmã do meu pai. Lá ela me explicou tudinho como é que a gente fazia aí bastava me dar uma explicaçãozinha eu já saía fazendo. [...] minha avó por parte de mãe adorava fazer renda. Só fazia umas renda bonita. Renda de metro, que nessa época não tinha vira mundo. Não tinha esse ponto que a gente chama de vira mundo que é pra fazer aplicação. Era só renda de metro. Larga, estreita, tudo era no metro. (MARIA JOSÉ DOS REIS GALENO – 67 anos)

À linha utilizada dá o nome de linha de seda; linha fina e branca, pois as rendas da época eram muito delicadas:

[...] Linha de seda, que a gente chamava. Carro de linha de seda. Carro de linha 50, carro de linha 30, carro de linha 40, todas brancas. Depois foi que eu fui ver renda de cor. [...] Ah, porque antigamente as renda eram umas renda muito delicada, né, ah mais eu vi umas renda que a minha vó fazia que eram tão finas, tão delicadas que era uma maravilha. (IDEM).

Do modo como estudou, ensinou as filhas, pondo-as para trabalhar na almofada:

Eu ensinei do jeito que eu aprendi. E pedi pra elas fazer. Agora essa que mora em São Paulo foi a que gostou mais de fazer renda. Ela fazia vira mundo também, ela gostava de fazer renda. Ela estudava, mas quando chegava a mofadinha dela tava ali. Aí ela foi embora aí largou. Foi trabalhar fora, pronto. Acabou. (IBIDEM).

Francisca também iniciou a filha como aprendeu. Comenta, no entanto, que, brincando na almofada da avó, a menina já havia aprendido a trocar. Depois de fazer o olho-de-pombo, a pequena perdeu o interesse pelo ofício:

Do jeito que eu aprendi. Os primeiros pontos tudin e ela aprendeu a trocar. E ela. Quando eu fui ensinar ela já sabia trocar porque ela trocava na almofada da Leila. Ela ia pra casa da avó dela e ficava lá mexendo e já sabia trocar. Também num passou desse oi de pombo não. Ela parou aí eu tava fazendo e ela não deixa eu fazer. E eu num queria botar porque eu sabia que ela num ia querer. Fazia um dia, dois e num queria mais não. Depois viu as

amigas indo pro bordado. Queria porque queria ir. Botei ela também não tem paciência pra bordar. (FRANCISCA DA CUNHA VIEIRA – 32 anos).

Francisca também fez o curso de renda para se tornar rendeira. Seguindo o método criado pelas professoras, terminou o curso fazendo uma blusa para a filha. O interesse na renda veio pela possibilidade de comercializar os produtos:

Tem uns três anos já. Foi no último curso que teve. Eu vi ela aí fazer renda eu comecei a me interessar. [...] Eu comecei a aprender até aqui a primeira renda que eu comecei a ganhar dinheiro era aquelas pala com linha grossa. Foi a Dinalva que no primeiro dia logo ela botou pra mim fazer os caracol, que eu num sabia ainda encher. Aí eu comecei a fazer os caracol pra ela ir enchendo. Ganhei 50 reais nesse tempo com essas pala. Hoje só ponto falso que eu ainda num sei fazer. Faço aplicação, faço blusa, saia. A primeira coisa que eu aprendi foi a fazer uma blusa já. Eu fiz pra minha filha. Ela inda tem ela até hoje. (IDEM).

Samara, solteira, frequentou as aulas de renda para começar no ofício. Confessa, no entanto, que julgava um operação complexa demais e que acreditava que não conseguiria aprender:

Eu tenho uma prima que começou a fazer num curso que teve aqui. Aí eu fui na casa dela e vi ela fazendo assim blusa. Tanto bilro na almofada dela, que eu ficava assim: meu Deus do céu como que faz isso? Nunca pensei que eu ia conseguir fazer, que era linha pra todo lado. Aí tava tendo inscrição pra fazer o curso aí eu e minha irmã, a gente vinha fazer. [...] Foi a época que começou o curso aí num dava pra gente vir nós duas. Aí eu disse Samia eu vou e tudo que eu vou aprendendo lá eu vou te ensinando. Aí eu mandei a menina aqui, a Francisca, fazer uma almofada pra mim e outra pra ela. Aí eu vim pra cá, mas aí tudo o que eu fazia eu chegava em casa eu desenhava assim, mais ou menos do mesmo jeito como era, e ia ensinando ela. Aí fui e aprendi e ela também aprendeu rápido também. Ela também faz igualzinho eu. Eu faço até hoje, gosto de fazer. É assim. (SAMARA COSTA DE SOUSA – 24 anos).

Por esta amostra pequena de histórias acerca do aprendizado hoje, percebo a diversidade de maneiras possíveis de apreensão do ofício que convive em uma mesma época. Das mães que reproduzem o próprio aprendizado para iniciar as filhas, à filha que ensinou à mãe depois de aprender nos cursos de renda, o ensino informal de renda nos Morros da

Mariana se encontra em franca transformação, seguindo provavelmente o caminho da sobrevivência de tal arte entre as mulheres daquele local.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A tradição de fazer renda vem da tradição oral e é herança transmitida de mãe para filha, de geração em geração. Nos Morros da Mariana, porém, existe a Associação de Rendeiras, que promove cursos de Renda de Bilro. O ensino da técnica da produção de renda parece, então, ser passado, atualmente neste local, também pelas rendeiras que assumem o papel de professoras de renda. Ainda não é possível, nesta pesquisa, inferir se esta nova forma de ensino é algo bom ou ruim, de um modo genérico; mas, pelo menos, como uma forma de assegurar certa continuidade da transmissão do ofício de rendeira para um número maior de mulheres, creio que a mudança pode ser vista como benefício.

A Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana foi fundada em 15 de junho de 1993 e chegou quase a fechar. Ficou com apenas duas rendeiras até o ano de 1999, quando um projeto do SEBRAE produziu um catálogo sobre as rendeiras locais e órgãos de fomento à cultura tomaram conhecimento de sua produção. Este episódio culminou com a parceria entre as rendeiras da Associação e o estilista paulista Walter Rodrigues, entre outras. A intervenção de Rodrigues na produção das rendeiras modificou os produtos, inserindo novas tonalidades e outros tipos de fios à produção tradicional do lugar. Isto parece ter lançado a renda dos Morros da Mariana em um patamar diferente da maioria da produção do Nordeste, abrindo uma possibilidade de mercado consumidor, talvez por estar mais ligada à realidade atual.⁸⁷

A sede da Associação é uma casa simples, mobiliada modicamente, mas possui uma linha telefônica e um computador conectado à Internet. Poucas mulheres, todavia, sabem operar a máquina. Aparentemente, apenas a presidente da Entidade sabe fazê-lo. De

⁸⁷ Vide *Histórias de Sucesso*: experiências empreendedoras, sobre o caso da Associação de rendeiras dos Morros da Mariana, disponível na Internet em: <http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br>

qualquer modo, este fato permite que estejam em contato com o mundo por meio desta ferramenta.

Depois de instituída a Associação, a produção de renda pelas associadas parece estar mais alinhada à demanda mercadológica. Ainda há indícios, porém, de que, financeiramente, as rendeiras associadas ainda necessitem de melhor expectativa. Os motivos podem ser inúmeros. Um exemplo são os preços das rendas comercializadas, que ainda são baixos, levando-se em conta o tempo despendido na produção. Mesmo quando exportam seus produtos, os preços de venda para o Exterior não são maiores do que os utilizados para vendas locais, sendo acrescidos apenas dos custos com o envio pelo correio.

A produção de renda é lenta, por mais que se procure acelerá-la. Embora existam algumas mulheres mais velozes do que outras, este objeto sempre requer um tempo razoável para ser produzido. Os modelos de renda que se produzem no local podem ser feitos com linha fina, ou com linhas mais espessas: de fibra de algodão, de viscose, de seda, entre outros. A matéria-prima utilizada pode mudar completamente a cara do produto final, como também o tempo que se leva para executá-lo. Uma aplicação feita com linha branca e fina, por exemplo, pode “se tornar outra”, se confeccionada como linha de seda preta. Nesse caso, muda não só a textura da peça, como muda o seu tamanho.

Nos cursos de Renda de Bilros, a transmissão de conhecimentos e o modo como é feita talvez advenham das experiências das professoras, que nem sempre estiveram na esfera da educação formal. O ensino da renda, portanto, pode estar ligado à maneira como aconteceu seu aprendizado, pelas mulheres que hoje são professoras de renda.

Observar o dia-a-dia de pessoas de comunidades “menos favorecidas” me remeteu à classificação feita por Dostoiévski quanto à existência de duas classes de pessoas ⁸⁸, “as ordinárias e as extraordinárias”. As ordinárias fazem a roda do mundo girar, a cargo de

⁸⁸ Em Crime e castigo, uma de suas mais famosas obras, quando a personagem principal procura justificar atos extremos de pessoas ditas extraordinárias.

muito trabalho construindo dia após dia uma vida fadada ao anonimato. As extraordinárias, por seu turno, movem a roleta do mundo, ditando regras sociais e se destacam entre a multidão; são os “nomeados”. As rendeiras não só são artesãs, mas mulheres, nordestinas, pobres em sua maioria. Estas mulheres nordestinas fazem parte da imensa massa de pessoas que levam uma vida ordinária.

Comungo, assim, das idéias de Michel de Certeau (1994) que se ocupa dessas pessoas ordinárias em sua “invenção do cotidiano”, dando voz aos anônimos e buscando constituir uma teoria das práticas. Guardiões de um saber focado na tradição oral, em muitos municípios extinto, as rendeiras não só prosseguem repassando este conhecimento tradicional, como engendram novos meios de fazê-lo, instituindo cursos de renda de bilros onde antes existia somente educação familiar. O ofício de rendeira, então, assume “ares de profissão”. Assim, é possível que a comunidade de rendeiras tenha descoberto nas aulas de renda uma forma de dar continuidade a esta prática há muito trazida para o Brasil.

Encontro, desta forma, em algumas das ações destas rendeiras, indícios de uma forma de resistência, a maneira de burlar o sistema organizado, a exemplo dos índios, pessoas ordinárias que utilizavam as regras do colonizador de maneira diversa àquela que deveriam ser empregadas. Não tendo forma de se contrapor a uma força maior, utilizavam “as armas que possuíam” para encontrar escapes ao sistema, sem, contudo, fugir dele.

Portanto, as estratégias são as armas do mais forte, que estão institucionalizadas, e, por isso mesmo, presas a lugares fixos. São, aparentemente, o espaço do poder. Diferentemente das estratégias, as táticas são ferramentas do mais fraco para burlar o sistema organizado. Não têm, portanto, local nem podem ser previstas. São brechas, rasgos no pano do poder - o poder, então, é visto como tecnologia, exemplificado nos “procedimentos panópticos”, os quais poderiam vigiar grandes

espaços⁸⁹. Numa dinâmica do cotidiano, as *estratégias* são a força que o lugar de poder detêm ante o uso do tempo, enquanto as *táticas* são o modo como se utiliza o tempo para escapar ao poder. As táticas são operações astuciosas de que se servem os indivíduos imersos na rede de dominação. São formas de agir diferentes do esperado. (CERTEAU, 1994).

Imersas na vida cotidiana da cultura ordinária, as rendeiras, mulheres anônimas de muitos estados brasileiros, parecem lançar mão de *táticas* sutis para burlar a “cultura dominante”, jogando com “armas” pinçadas do próprio sistema no qual estão inseridas.

São herdeiras de uma cultura focada na tradição oral, mas estão mergulhadas em uma organização social onde a palavra escrita é preponderante. Contam, porém, histórias sem palavras, enquanto fazem suas rendas, somente embaladas pelo barulho tênue dos bilros e pelas tramas de linha. O seu trabalho, frequentemente, é um repetir de pontos antigos; de histórias antigas recontadas sempre que utilizam novamente antigos modelos de bicos de renda ou de panos de bandeja. “Sentam” na almofada antigos modelos de bicos com os quais suas avós narravam suas vidas e, com eles, inventam as próprias existências. Fazem delicadas peças de renda, atualizando pontos e desenhos. Criam “novidades” a com suporte em de desenhos antigos. Da mesma forma, a narrativa se repete quando utilizam pontos antigos para tecer novos desenhos. Ao se utilizarem de assuntos antigos, estão conservando sua história familiar; a história de suas ancestrais.

Além disso, ao criarem mais modelos, estão escrevendo suas biografias. Parecem estar sempre num contato sutil entre passado e presente. Comungam com a necessidade do novo na cultura dominante, mas as referências de seu trabalho estão fincadas na tradição. Parecem se utilizar de recursos encontrados na “cultura dominante” para perpetuar seu fazer. Suprindo uma necessidade de renovação constante do mundo atual, criam modelos, acrescentam fios diferentes, tons outros, que não os tradicionais, entre outras modificações nos padrões da renda que

⁸⁹ Ver Foucault, *Vigiar e Punir*.

produzem hoje. Possivelmente, asseguram que ela continue a viver numa cultura onde a tecnologia industrial, virtual, a agilidade na produção e a necessidade por novidade preponderam. A tecnologia envolvida na produção da renda é quase nenhuma, enquanto o tempo levado para produzi-la é muito grande.

Por outro lado, ao incorporarem, em seu repertório tradicional de renda, novos padrões e fios, estão de certa forma, enriquecendo esse repertório.

Então, quando se apropriam do modelo de ensino “dominante”, formando turmas de “alunas de renda” e, indo mais longe, sistematizam um conhecimento da tradição oral em uma provável “pedagogia”, mais uma vez podem encontrar formas de burlar o sistema, sem se retirar dele; ou seja, trapaceiam, quando, com os instrumentos do “forte”, esquematizam *táticas* de sobrevivência de sua cultura minoritária. Fazem a “nova renda”, de “modo novo” – nos cursos – mas em seu tempo. Estas reflexões levam a pensar que, por mais forte que seja uma cultura, em detrimento de outra, sempre há formas de encontrar pontos de fuga, muitas vezes em pequenas ações, para que o “fraco” transgrida a ordem vigente.

Sob o aspecto mercadológico, as rendeiras, antes confinadas a produzir em suas residências, entram num “mercado” onde podem competir como “professoras”, juntamente com quaisquer membros da comunidade, fundando, quem sabe, outra maneira de existir.

Estas idéias conduzem a outras observações que mostram os contrastes a que as rendeiras estão expostas e como se utilizam, muitas vezes, das dificuldades, para produzir coisas outras, que não as esperadas.

As mãos que fazem renda – tecido fino, quase transparente – nem sempre são delicadas; nem sempre são finas. Às vezes têm calos de trabalhos árduos tendo o sol por testemunha. Trabalhos de roça... Apanhando arroz... Lavando roupa para sobreviver e fazendo a mais

delicada trama de linhas por entretenimento, como me contou uma velha rendeira. Conjuram beleza onde a realidade parece árdua.

Trapaceiam, provavelmente, a ditadura do tempo. Desempenham um ofício minucioso e delicado. É preciso tempo para fazer renda; é necessário muito tempo; tempo que hoje é quase mercadoria: e escassa. Conservam uma cultura já, provavelmente, desacreditada. Resistem. Fazem-se outras, mimeticamente, usam a renda para, astuciosamente, sem deixar de ser quem são, agir em defesa de algo fluido e provavelmente intangível e delicado, que vem encontrando formas de existência baseadas na singeleza e na sutileza das práticas cotidianas.

Destarte, as práticas cotidianas que compreendem o ofício de rendeira, assim como a origem “desconhecida” que esse labor tem nos Morros da Mariana, estão encravadas na pele de suas personagens, entre as rugas do rosto, misturadas ao suor, mergulhadas na escuridão de um tempo onde a existência remonta há milênios, como as adaptações em busca da sobrevivência.

A história de inúmeras vidas possivelmente convive em um mesmo modelo de renda. Essas mulheres talvez transitem entre dois mundos. Com paciência e maestria, seguem fazendo a renda da mesma forma que outras muitas gerações de mulheres de sua família já faziam, mas revisitam e atualizam as formas e os pontos que fazem hoje. Desse modo, estão, ao mesmo tempo, com um pé no passado e outro no presente. E fazem da memória uma forma de viver poética.

A beleza das formas e pontos de renda deste lugar já me havia chamado atenção, mesmo antes que a vida das rendeiras o fizesse. Buscando, todavia, estudar a estética das formas, encontrei histórias de mulheres que se fizeram “professoras de renda”. Com pouca instrução formal e sem passarem por qualquer formação para o magistério, baseadas em sua experiência cotidiana, parecem ter constituído uma “pedagogia para o ensino da renda de bilros”. De sua experiência cotidiana, imersas na vida de outras rendeiras, suas mães e avós, tiraram os exemplos para montar sua didática.

Duas rendeiras, Edinalva e Socorro, se ocupam do ensino na Associação. Ambas não tiveram preparação formal para ser professoras. Uma delas estudou somente até a 4ª série e a outra concluiu a 8ª série do Ensino Fundamental. Estas rendeiras-professoras utilizam técnicas de ensino aprendidas no cotidiano.

Levando em consideração o fato de que o ofício de rendeira pode ser entendido como um conjunto de sinais, assim como a linguagem, que tem nomenclatura e manifestação gestual próprias, é possível que o desconhecimento de sua entrada no Município esteja justamente ligado ao fato de que seja talvez um acervo comum das pessoas daquele lugar. Esta peculiaridade, se existe, pode ter influenciado na formação das professoras de renda. Por outro lado, mediante as suas vivências, descobriram formas outras de repassar os conhecimentos, de modo a potencializar o ser professor, uma vez que suas histórias de vida, seus percalços, desafios e conquistas as fizeram, além de rendeiras, as professoras que são.

Os passos para confeccionar a renda não se apresentam de tal modo lentos e complicados como nas antigas corporações de ofício, mas, em alguns momentos, podem remeter àquele tempo. As meninas começam a aprender na prática em torno dos seis, sete anos, mas já observaram, provavelmente durante todo este tempo, alguma rendeira trabalhando. Depois, quando iniciadas no aprendizado, começam por fazer a mais elementar das tramas de renda, para serem, aos poucos, introduzidas, gradativamente, em pontos e modelos mais complexos, até chegarem a aprender o mais complexo de todos.

Existe toda uma lógica nesta caminhada, começando pelo tipo de fio que se emprega nas primeiras incursões pelo aprendizado da renda. Este é, aliás, um ponto em que as professoras parecem ter aprendido com as próprias experiências: ambas contam que aprenderam com linhas muito finas e sempre brancas. Hoje, iniciam as alunas com linha mais grossa e/ou colorida. Isto evita que, com a falta de prática, as alunas quebrem a linha e também que a renda se suje com facilidade. Partindo

de ensaios e erros, as professoras aperfeiçoaram a técnica do ensino de renda e introduziram inovações que, segundo seus testemunhos, tornaram mais fácil seu aprendizado.

Algumas destas mulheres aprenderam cotidianamente como deveriam ensinar. Cotidianamente elaboraram seu conhecimento e tiveram capacidade de depurar este conhecimento ao ponto de formar uma metodologia, uma didática, muito particular e, de maneira amorosa, repassam seus saberes, os quais contemplam também a história das mulheres dos Morros da Mariana, que continuam a desenhar com fios e tramas a história de mulheres, de um lugar, de um povo.

Outras ainda seguem o modo que sempre fora ensinado e que foi transmitido entre as gerações. Estas considerações são parte daquilo que é visível numa relação de ensino-aprendizagem não formal que percebo nascente e que se alinha com o modo informal de educação por intermédio da renda. As mestras do ofício da renda parecem, ainda, carregar e transmitir não só os conhecimentos que compreendem o universo da renda de bilros, mas também toda uma teia cultural que se atrela a este universo e que as faz destaque no local em que vivem no que se refere à cultura daquele lugar. Esta observação pode ser válida tanto para o ensino não formal quanto para o modo informal de educar pela renda.

Isto porque a tradição de transmissão da cultura da renda de mãe para filha ainda se mantém viva e a relação mestras-aprendizes se está inserindo à realidade do local, como consequência das modificações na própria estrutura de produção da renda, no modo de vida das rendeiras, no comércio do produto, entre tantos outros fatores. Não é possível, no entanto, nesta pesquisa, concluir se esta nova relação de ensino-aprendizagem será estabelecida, ou se desaparecerá, ou mesmo qual rumo o ofício de renda de bilros ali tomará doravante.

Às novas gerações de rendeiras dos Morros da Mariana cabe conduzir esta tradição. Como suas ancestrais, a história transmitida por meio das linhas que tramam pode ser parte do fio de suas vidas, da vida

de suas filhas, de suas netas e bisnetas, numa continuidade cíclica como as gestações, os ciclos menstruais e tantos outros aspectos da vida das mulheres.

A renda parece ter sido sempre um expediente utilizado para melhorar a remuneração das famílias das rendeiras. Vendidas, porém, a baixo preço, até mesmo abaixo do custo algumas vezes, é provavelmente uma fonte pequena para ajudar a suprir as necessidades familiares.

Não obstante, a produção persiste entre as mulheres dos Morros da Mariana, que incrementam a transmissão deste ofício. Este é marcado pela tradição oral e, ordinariamente, feita de mãe para filha, mas também uma maneira diversa de aprendizado.

As modificações na dinâmica desta atividade, porém, não parecem se resumir ao surgimento das aulas de renda, mas englobam uma mudança na produção local com a interferência externa, introduzindo materiais e tonalidades diferentes das praticadas anteriormente. Por outro lado, as novidades observadas neste cenário parecem servir de fomento para as novas futuras rendeiras: as que formam as turmas dos cursos de Renda de Bilro e para aquelas que ainda continuam a aprender do modo mais tradicional, dentro da família. Em muitas comunidades, entretanto, que têm tradição na produção de Renda de Bilro, há certo desinteresse das novas gerações em relação ao ofício.

O reconhecimento do valor desse trabalho por setores que detêm o poder econômico na sociedade, o interesse da mídia local e nacional pela história e o produto locais, a procura de pesquisadores da academia, enfim a visibilidade que a renda dos Morros da Mariana alcançou nos últimos anos e o consequente aumento nas vendas das rendas do Município, possivelmente, são alguns dos fatores que concorrem para que as meninas de lá ainda desejem se tornar rendeiras.

As conquistas que aquelas artesãs obtiveram, todavia, necessitam ser conservadas e, para isto, a característica de objeto “especial” que trouxe os primeiros frutos desse “boom” deve se manter presente, no que tange aos modelos diferentes e à necessidade de

renovação que o discurso das rendeiras parece mostrar. É provável que procurem conservar então um grau de excelência em seus trabalhos aliando tradição e novidade. Assim, conservam técnicas e pontos tradicionais e agregam a eles outros usos e desenhos para os produtos atuais.

É fato que os modelos mais complexos e mais caros são produzidos somente por encomenda, mas em outras comunidades estes modelos talvez já nem sejam produzidos. Talvez possa residir neste presumível orgulho em fazer um trabalho de qualidade a resistência de pontos complexos em seu repertório atual de renda.

Procurei comparar algumas amostras de renda feitas nos Morros da Mariana com as imagens do livro. Observei que a produção atual daquele local tem semelhanças com peças da década de 1940 e seu entorno. Atualmente, visitando a Prainha e o Iguape⁹⁰, percebi, por outro lado, que as peças que se produzem atualmente nestes locais são bastante diferentes das registradas no livro de Girão (1984). Ao contrário, os modelos dos Morros da Mariana ainda guardam boa semelhança com aqueles registros de modelos mais remotos, conservando pontos antigos, embora muitos modelos sejam desenvolvidos nos dias de hoje.

Também nas visitas à Prainha e ao Iguape, percebi certa escassez de jovens interessadas em aprender ou fazer rendas. As rendeiras, quando perguntadas se suas filhas sabiam fazer renda, geralmente respondiam que elas não queriam, uma vez que não é uma atividade muito lucrativa. Nos Morros da Mariana, entretanto, crianças e adolescentes produzem ao lado de senhoras mais idosas.

Não obstante a valorização crescente da tecnologia, ainda se apreciam uma boa renda feita à mão; ainda se apreciam o trançado das linhas e as belas peças que podem ser produzidas com a renda. Quando se fala em obra de arte, porém, geralmente esta é evocada como um objeto único, não utilitário. Não discuti aqui, todavia, o valor do trabalho

⁹⁰ Duas comunidades do Ceará, a aproximadamente 20 km de Fortaleza, onde existe uma concentração de produção da renda.

destas mulheres, bem como se este trabalho é categorizado ou não obra de arte: o que procurei registrar foi uma forma de educação, pelo ensino da renda, que se mantém e que traz consigo valores, história, hábitos que talvez tenham nascido muito tempo atrás.

Ao se utilizarem das experiências e práticas particulares para, talvez, constituírem um “método para o ensino da renda”, estas mulheres estão sistematizando empiricamente um conhecimento, tal qual se faz nas ciências, mediante experimentações, observação, tentativa e erros. Montam um sistema de técnicas capaz de transmitir um conhecimento acerca de algo que trazem gravados entre as rugas do rosto, emaranhado em si como o tecido da renda. Este fazer se forma aparentemente não calcado na lógica escrita, mas nas razões da oralidade, assim como chegou até aqui, com fortes referências em costumes e práticas remotas.

Minha pesquisa sobre esta comunidade não responde a todas as questões em torno de meu objeto, embora os objetivos deste trabalho pareçam ter sido alcançados, quando, levantando questões acerca desta forma de saber, exponho sua realidade. Do mesmo modo, buscando compreender a dinâmica cultural dos Morros da Mariana, chego a algumas conclusões, sempre provisórias, sobre meu objeto de estudo que, como a própria história do homem, está em constante evolução. Muitos outros ângulos existem para serem iluminados à luz de muitas áreas do conhecimento, as quais apenas tangenciam este estudo. A Antropologia, a Psicologia, a Educação, a Arte e a Sociologia, são áreas de que tentei me utilizar para compor meu trabalho. Consciente de que não seria possível resolver todas ou a maioria das questões em torno do tema, ficam a certeza de sua relevância e a inquietação que antecede uma nova pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS CITADAS:

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Tecendo rendas: gênero, cotidiano e geração Lagoa da Conceição* – Florianópolis – SC. Dissertação de Mestrado: PUC, São Paulo, 2005.

BERGER, Peter L. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITES, Blanca e TESSLER, Élida, Org. *O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Humberto de. *Obras completas vol. II: Memórias*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, 1960, Recife: Editora Mérito

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças marcantes no Brasil*. São Paulo, 2001: Editora Global.

_____. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. Serviço de documentação do Ministério da Educação e cultura.

_____.

Ceará feito a mão: Artesanato e arte popular/Fotografia de Gentil Barreira; texto de Gilmar de Carvalho e Dodora Guimarães. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2000. 160. il.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos. *Cultura lúdica, discurso e identidades na sociedade de consumo*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

COSTA, F. A. Pereira Da. *Cronologia histórica do estado do Piauí*: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da república. 2 Ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1981.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2003.

DU BERRY, Mme Marguerite. *A renda*: história da renda em diversas epochas e diferentes paizes. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Ed, 1097.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. *Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará*: a expressão artística de um povo. São Paulo/Annablume; Fortaleza/Secult, 2002.

FOUCALT, Michel. *Vigiar e Punir*: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GATTAZ, André C. *Braços da resistência*: uma história oral da imigração espanhola. São Paulo, Ed. Xamã, 1996.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Renda de bilros*. Fortaleza: Edições UFC, 1984.

Histórico, 2002, Biblioteca Municipal de Ilha Grande do Piauí, sem paginação, autor desconhecido.

ALMEIDA, Lélia. *Genealogias femininas em O penhoar chinês, de Rachel Jardim*. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero24/genealog.html>

MAFFESOLI, Michel, *La connaissance ordinaire*, Paris, Méridiens, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia*: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobiand (Nova Guiné Britânica). Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

MARTINS, Agenor de Sousa. *Piauí*: evolução e desenvolvimento. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

MAVIGNIER, Diderot dos Santos. *No Piauí, na terra dos tremembés*. Parnaíba: 2005.

_____; MOREIRA, Aldenora Mendes. *Conhecendo a História e Geografia do Piauí*. Parnaíba –PI, 2007.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. *Parnaíba: educação e sociedade*. Parnaíba, SIEART, 2007.

MONGARDINI, Carlo, «Georg Simmel et la sociologie contemporaine», in WATIER, Patrick (dir.), *Georg Simmel – La sociologie et l'expérience du monde moderne*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1986.

NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira. *Dez freguesias da cidade de Salvador: aspectos sociais e urbanos do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2007.

NOSCHIS, Kaj et CAPRONA, Denys de, «Postface» in SCHUTZ, Alfred, *Le chercheur et le quotidien – Phénoménologie des sciences sociales*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1987.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. *Arte, ensino e história: uma trajetória*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção questões da nossa época; v. 79).

PESSOA, Fernando, (1888-1935), *Alberto Caeiro: poemas completos*. São Paulo: Saraiva, 2007.

PORTO ALEGRE, Sylvia. *Mãos de mestre: itinerários da cultura e da tradição*. São Paulo: Maltese, 1994.

PORTO, Bernadete de Souza; PORTO, Zuleica. *Teresinha de Jesus e as cantigas de roda: onde brincam os cavaleiros?* Artigo Científico

RAMOS, Arthur; RAMOS, Luiza. *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: ED. Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948.

RODRIGUES, Rui Martinho. *Teorias, fonte e períodos na pesquisa histórica*, 2008)

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUCHMAN, Bárbara Werthein. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

WATIER, Patrick, *Georg Simmel – La sociologie et l'expérience du monde moderne*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1986.

OBRAS CONSULTADAS :

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da da história oral*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.

ARAÚJO, Douglas. *A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoroamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia*. Fortaleza : Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO DE, Rômulo. *História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª Edição.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. João Pessoa: ditadora Universitária UFPB, 1979.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª Edição, EDIOURO.

_____. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. Serviço de documentação do Ministério da Educação e cultura

FREITAS, Maria da Glória Feitosa. *Vidas juntas fabricando palcos: um jeito nômade de aprender de dramistas*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, 2006.

FUNARTE. Instituto Nacional do Folclore. *Artesanato brasileiro: rendas*. Rio de Janeiro, 1986.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

GULLAR, Ferreira. *Sobre a arte*. Rio de Janeiro: Avenir , São Paulo : Palavra e Imagem, 1982.

HOBBSBAUM, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

PAULA, António Neto de. *A carreira marítima Parnaíba-Lisboa* (Finais do século XVIII) 1779 – 1793. Teresina : EDUFPI, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia. São Paulo : Ed. Abril Cultural, 1976.

Revista World Fashion. Ano X, nº 74, Setembro/outubro, Link Editora, 2005.

RIOS, José Arthur *et alli*. *Artesanato e desenvolvimento* : o caso cearense. Rio de Janeiro : SESI, 1963.

RODRIGUES, Rui Martinho. *Angústias do Trabalho Acadêmico*. Fortaleza, 2006.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo : Companhia da Letras, 1998.